



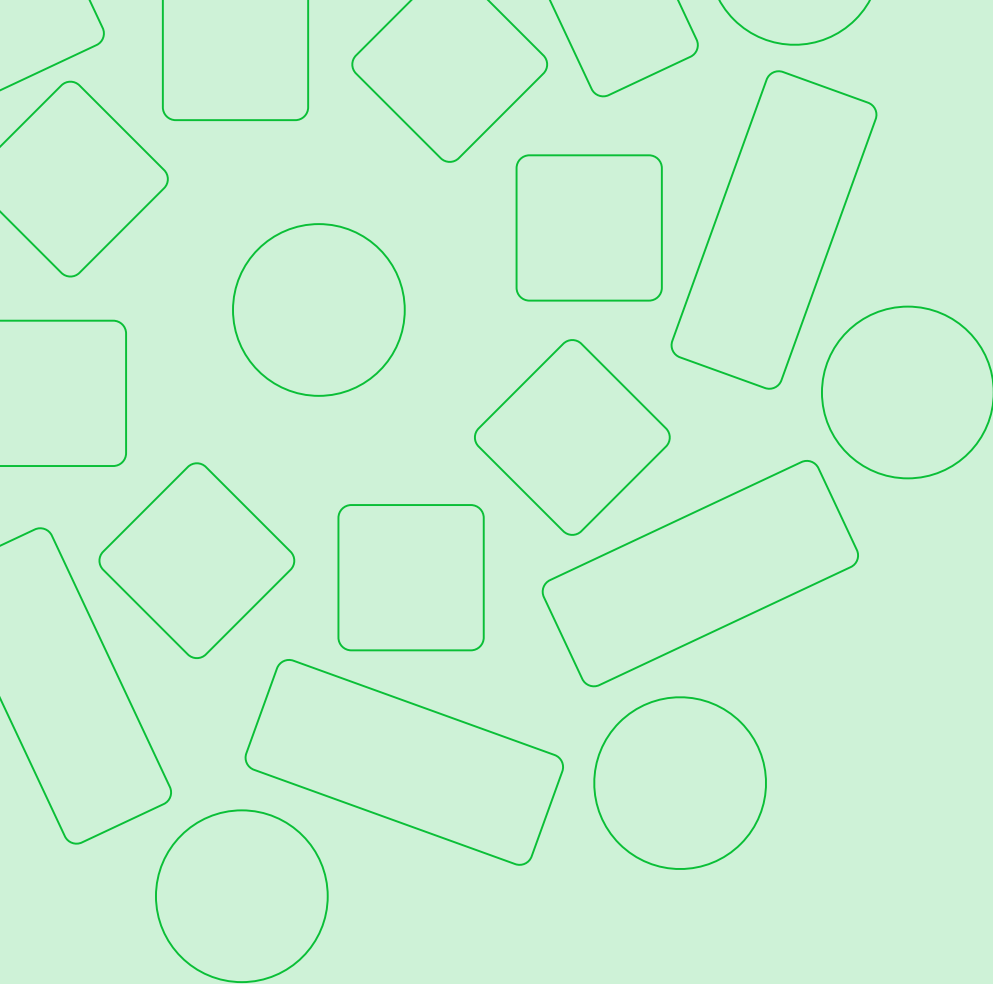
Pensi

Instituto de
Pesquisa e Ensino

Retrato da Solidariedade

COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL NO BRASIL

2025



Retrato da Solidariedade

Comportamento pró-social no Brasil 2025

Coordenação: Laboratório de Comportamento Pró-social e Políticas Públicas / Instituto Pensi, São Paulo-SP

Edição e revisão: Actfly Martech

Projeto gráfico e diagramação: Naru Design

Direitos de uso

© Instituto Pensi

Este relatório pode ser reproduzido total ou parcialmente, para usos não comerciais, desde que citada a fonte.

Laboratório de Comportamento Pró-social e Políticas Públicas.

Retrato da Solidariedade 2025 — Comportamento Pró-Social no Brasil.

Instituto Pensi. São Paulo, Brasil. 2026.



Pensi

Instituto de
Pesquisa e Ensino

Retrato da Solidariedade

COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL NO BRASIL

2025

Índice

4 APRESENTAÇÃO

01

7 O que é a pesquisa?

10 Entenda a pesquisa

12 Por que e como a *Retrato da Solidariedade* usa modelos estatísticos

02

14 Como se manifesta a solidariedade dos brasileiros

17 O que pode explicar as variações nas doações para OSCs

19 Doação: um assunto ainda pouco presente no cotidiano das pessoas

03

24 Doações financeiras para OSCs: quem faz, por que faz, como faz

28 O que motiva os brasileiros a fazer doações financeiras

29 Como o brasileiro escolhe qual OSC apoiar

30 Causas que receberam mais apoio financeiro

32 A proximidade geográfica continua relevante

34 Quanto o brasileiro doa para OSCs

44 Doações pontuais e recorrentes

49 Quantas OSCs o brasileiro apoia —
e como faz a contribuição

52 Canais que mais estimulam a doar

54 Outras formas de doação financeira

56 Os motivos de quem não doa para OSCs

04

58 **Perfil dos doadores de bens e dos voluntários**

59 Doação de bens: primeiro recuo observado na série
64 Voluntariado: menos frequente, mas com
uma parcela recorrente

05

68 **Doação de sangue, órgãos e tecidos: perfil dos doadores e principais barreiras**

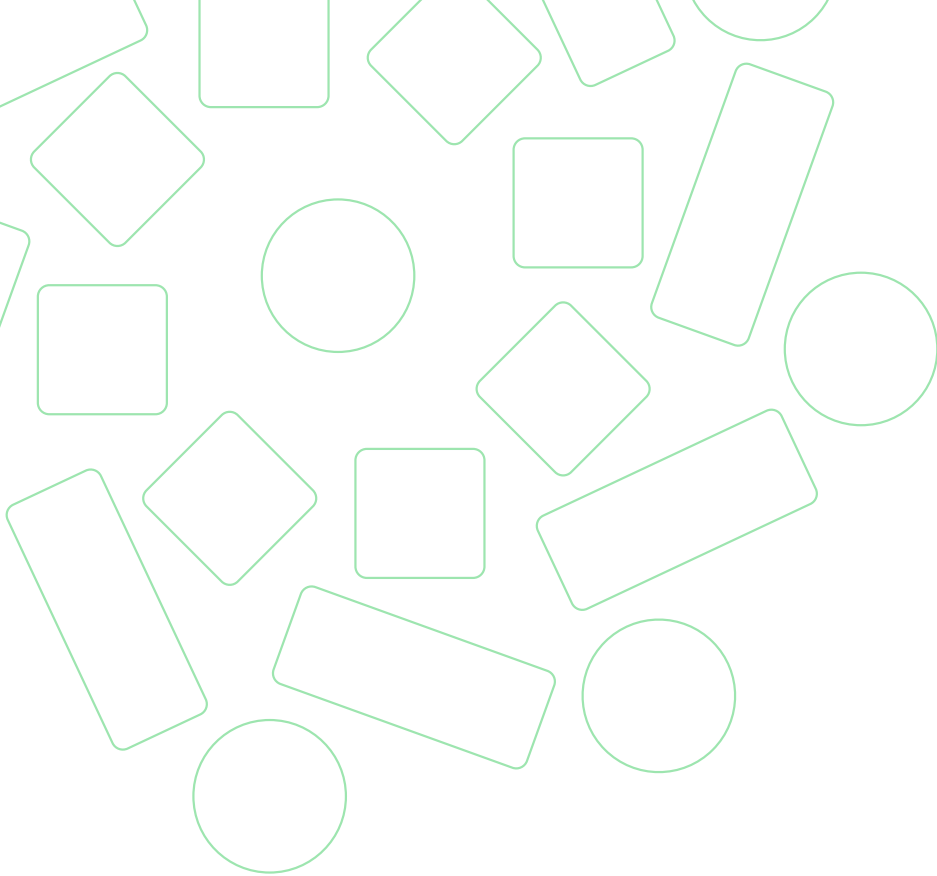
69 Doação de sangue: quem doa,
por que doa e quais barreiras permanecem
76 Doação de órgãos: disposição declarada
e decisão familiar

06

83 **Mudanças climáticas: a percepção dos brasileiros e como ela se associa ao comportamento pró-social**

87 Os impactos são percebidos como maiores
para outros grupos e para as futuras gerações
88 O conhecimento declarado se associa à preocupação
e à percepção de impacto
90 A causa ambiental ainda mobiliza poucos recursos
92 O desafio não é apenas informar, mas transformar
percepção em ação

93 **REFERÊNCIAS**



Apresentação

A *Retrato da Solidariedade* nasceu do desejo de um grupo de pesquisadores de produzir e compartilhar conhecimento sobre e para o terceiro setor brasileiro e, ao mesmo tempo, de estimular estudos sobre uma área pouco explorada no contexto nacional. O projeto é resultado da formação do próprio Departamento de Pesquisa em Ciências Sociais e Filantropia do Instituto Pensi e caminha ao lado de outras iniciativas nascidas ali com o mesmo propósito. Não se trata, portanto, de um esforço isolado, e sim de uma peça de um quebra-cabeça maior, o de compreender como a sociedade civil brasileira se organiza, se financia e enfrenta os problemas do país.

Esta terceira edição tem um significado particular nesse percurso. Depois de três anos seguidos ouvindo mais de 7.500 brasileiros em suas casas, os retratos avulsos se transformaram em uma série, e séries revelam o que uma fotografia sozinha não consegue mostrar. Se o levantamento de 2023 estabeleceu a nossa referência e o de 2024 captou a mobilização extraordinária provocada pelas enchentes no Rio Grande do Sul, o de 2025 pôde enfim responder a uma pergunta que exigia tempo: o que acontece com a solidariedade dos brasileiros quando a emergência sai do noticiário?

A resposta que encontramos é uma acomodação, não um retrocesso. A parcela de brasileiros que doou dinheiro, bens ou tempo a organizações da sociedade civil (OSCs) passou de 58% para 55,5%, a doação de bens teve o primeiro recuo da série e o voluntariado, único indicador em queda nos três levantamentos, ficou em 14%. O volume das doações financeiras acompanhou esse movimento e caiu para R\$ 21,1 bilhões, 15% abaixo do ano anterior, embora ainda 22% acima de 2023, o que caracteriza o refluxo de um pico emergencial.

O movimento tampouco foi uniforme, pois a retração concentrou-se nas famílias de menor renda e escolaridade, justamente as mais expostas ao endividamento historicamente alto que marcou o ano, enquanto a doação avançou nas faixas de renda mais altas. A região Sul destoa do resto do país ao ampliar sua base de doadores e ver a doação recorrente subir para 13%, um indício de que a experiência de ajudar durante a catástrofe pode ter deixado raízes, hipótese que as próximas rodadas vão acompanhar. Na contramão do quadro geral, as contribuições para causas religiosas também cresceram e somaram cerca de R\$ 24,5 bilhões, valor hoje na mesma ordem de grandeza do que é destinado às OSCs e que revela um circuito de solidariedade capaz de escapar do radar de quem olha apenas para as organizações.

Outro conjunto de achados ajuda a entender por que a base de doadores custa a se ampliar, e ele se resume à constatação de que o assunto circula pouco. Sete em cada dez brasileiros dizem nunca conversar sobre doações, e 67% afirmam não receber pedidos de contribuição, algo que acontece até entre as famílias com renda acima de 20 salários mínimos, das quais mais da metade nunca é abordada. A doação segue, além disso, pouco planejada, tanto que 86% dos doadores decidem o valor na hora e o Pix, cujo uso cresceu 41% em dois anos, já empata com o dinheiro em espécie como principal meio de pagamento. O que os números desenham é uma generosidade reativa, que responde a pedidos, campanhas e emergências, e que por isso mesmo precisa ser ativada.

Esta edição traz também duas novidades, uma metodológica e outra temática. Pela primeira vez, os dados descritivos estão acompanhados de modelos estatísticos que buscam dar mais rigor às análises e apontam a escolaridade como um dos marcadores mais consistentes dos diversos comportamentos pró-sociais. A novidade temática é o capítulo sobre mudanças climáticas, cujos resultados expõem um descompasso que deveria provocar o campo. Enquanto 92% dos brasileiros acreditam que o clima do mundo está mudando, 79% reconhecem algum papel da ação humana e 47% se declaram muito preocupados, somente 2% doam para organizações ambientais. Convencer as pessoas de que o problema existe deixou de ser o principal obstáculo; o desafio agora é entender por que tanta percepção vira tão pouca ação.

A consolidação desse trabalho foi alcançada diante de muitos desafios. Mensurar a solidariedade implica perguntar sobre temas sensíveis – gastos, valores, a imagem que cada um faz de si – confiar na memória dos entrevistados para um ano inteiro de ações, terreno fértil para vieses, alcançar famílias de alta renda, raras nas amostras, e sustentar a atenção de todos num questionário extenso. Obter dados fidedignos nessas condições exige a estratégia de pesquisa adequada, atenção constante à qualidade do campo e método para organizar e analisar a massa de informações de cada rodada. Mas exige, sobretudo, um ambiente e pessoas que nos permitam executar essas tarefas.

Nada disso nos faltou. O Departamento de Pesquisa em Ciências Sociais e Filantropia oferece um ambiente estimulante de troca de ideias. *A Retrato da Solidariedade* deve muito, ainda, ao Dr. José Luiz Egydio Setúbal, incentivador da iniciativa desde o primeiro momento; ao trabalho de Marcos Paulo de Lucca Silveira para criar as condições para sua execução; ao apoio contínuo de Márcia Kalvon; e à parceria com a empresa Quaest, sempre disponível para nos escutar e atender nossas demandas, muitas vezes pouco convencionais.

A cada edição, mais algumas peças do quebra-cabeça se encaixam.

Boa leitura!

Flávio Pinheiro

Pesquisador Principal, Departamento de Pesquisa em Ciências Sociais e Filantropia
Coordenador da pesquisa Retrato da Solidariedade

Pietro Rodrigues

Diretor do Departamento de Pesquisa em Ciências Sociais e Filantropia



01

**O que é a
pesquisa?**

A pesquisa *Retrato da Solidariedade* é um levantamento nacional de opinião pública que busca compreender como a população brasileira ajuda o próximo. Para isso, avalia como brasileiros e brasileiras doam dinheiro, bens, sangue, órgãos ou tempo. Ou seja, como exercem o que alguns estudiosos chamam de comportamento pró-social¹.

O levantamento é feito anualmente por meio de entrevistas em domicílio, o que faz dele a única pesquisa domiciliar sobre comportamento pró-social no Brasil. A cada edição, são entrevistadas cerca de 2.500 pessoas de todas as classes sociais, das cinco grandes regiões do país. Para compreender de maneira mais precisa o comportamento pró-social da população de alta renda no Brasil, o projeto inclui uma amostra adicional de entrevistados desse perfil.

De forma geral, a pesquisa *Retrato da Solidariedade* busca responder a perguntas como:

- Quantas pessoas praticam os diversos tipos de comportamento pró-social?
- Quais são as causas que mais motivam a população a se engajar?
- Com que frequência as pessoas doam recursos a Organizações da Sociedade Civil (OSCs)?
- Quanto as pessoas doam?
- Quais fatores influenciam o comportamento pró-social do indivíduo: sexo biológico, idade, região de moradia, renda, escolaridade, raça/cor autodeclarada,² religião ou ideologia política?
- Como se apresenta a doação ou a intenção de doar material biológico no Brasil (sangue, órgãos e tecidos)?

Esta edição traz, ainda, uma seção dedicada a compreender o que pensam os brasileiros sobre as mudanças climáticas e sua relação com comportamento pró-social.

¹ Sobre o conceito, ver artigo de Pfattheicher, Nielsen e Thielmann. As referências completas estão ao final deste relatório.

² A pesquisa apresentou, aos entrevistados, as mesmas alternativas de respostas dadas pelo IBGE: preta, parda, branca, amarela ou indígena. Nos gráficos deste relatório, as duas primeiras foram agrupadas na categoria "pretos e pardos"; as duas últimas não foram mostradas, em razão do baixo número de representantes na amostra.



Objetivos da pesquisa

Desde a primeira edição, um dos objetivos centrais desta pesquisa é ser uma fonte confiável de informações sobre os comportamentos pró-sociais no Brasil, com destaque para as doações às OSCs. Pretende-se, assim, ajudar o terceiro setor a elaborar estratégias mais fundamentadas, visando incrementar o potencial de captação.

Outro objetivo importante é gerar conhecimento científico sobre uma área que ainda carece de dados no país. Com isso, pretende-se também contribuir para um terceiro setor mais ativo e baseado em evidências, preparado para enfrentar desafios em um cenário cada vez mais complexo.

A pesquisa segue as melhores práticas acadêmicas de rigor e transparência. Nesse sentido, todo o conteúdo fica disponibilizado na internet, em português e inglês, para que estudiosos brasileiros e estrangeiros possam produzir trabalhos sobre o tema³.

³ Toda a documentação relativa ao projeto, incluindo questionários, dicionários de variáveis, bases de dados e anexos metodológicos, está disponível no repositório da Open Science Framework (OSF), em: <https://osf.io/y2v8a>

ENTENDA A PESQUISA

PERÍODO

02 a 29 de dezembro de 2025

MÉTODO DE COLETA

Entrevistas presenciais, domiciliares, usando como base o mesmo questionário para todas as pessoas, com pequenas variações conforme as respostas dos participantes.

Um método mais preciso

A *Retrato da Solidariedade* é, no Brasil, a única de sua área que coleta dados de entrevistas presenciais, feitas em domicílios — e esse, vale dizer, é o método de maior rigor científico.

Toda pesquisa de opinião enfrenta algum grau de dificuldade para alcançar todos os extratos da população (cobertura) e para entrevistá-los (algumas pessoas não podem ou não querem participar). Mas esses problemas são maiores nos levantamentos feitos por telefone ou online, o que aumenta o risco de resultados enviesados.

Vários estudos⁴ indicam que, em países de renda média, como o Brasil, as sondagens por telefone ou internet não atingem a precisão das sondagens presenciais, mesmo quando aplicam técnicas para tentar corrigir as distorções (como pós-estratificação e pareamento/matching). Elas tendem, também, a obter menos respostas da população de baixa renda.

⁴ Ver, por exemplo, o de Castorena et al. e o de Robbins et al. As referências completas estão ao final deste relatório.

FAIXA ETÁRIA PESQUISADA

18

anos ou mais

NÚMERO DE MUNICÍPIOS PESQUISADOS

120

municípios, sorteados nas cinco macrorregiões do país a partir do método de Probabilidade Proporcional ao Tamanho (PPT)⁵.

MARGEM DE ERRO

No total da amostra,

2

pontos percentuais, num nível de confiança de 95% — os mesmos padrões da primeira edição. A margem cresce quando se divide a amostra por grupos — sexo biológico masculino, sexo biológico feminino, moradores de uma região específica (Norte, Nordeste, Sul ...) ⁶.

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Laboratório de Comportamento Pró-Social e Políticas Públicas do Departamento de Ciências Sociais e Filantropia do Instituto Pensi.

COLETA DE DADOS

Quaest Pesquisa e Consultoria.

⁵ Os critérios foram definidos a partir do Censo 2022 e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em sua edição do segundo trimestre de 2025.

⁶ Comparações entre 2023, 2024 e 2025, e entre grupos socioeconômicos, precisam considerar as margens de erro. Em alguns casos, variações entre os resultados podem refletir apenas oscilações dentro das margens. Ao longo deste relatório indicamos as diferenças mais significativas.

TOTAL DE ENTREVISTAS

2.504



Por que fazer mais entrevistas com os mais ricos?

Em qualquer pesquisa representativa da população brasileira, a quantidade de indivíduos de alta renda vai ser proporcionalmente pequena, porque eles são poucos no país. Num levantamento com cerca de 2 mil pessoas, o número de participantes de alta renda seria insuficiente para análises mais aprofundadas sobre esse grupo. Com a inclusão de mais domicílios de maior poder aquisitivo, o estudo ganha em precisão. A pesquisa *Retrato da Solidariedade* é o primeiro trabalho de fôlego sobre o tema no Brasil a fazer isso.

O acréscimo é particularmente importante em pesquisas sobre doações financeiras às Organizações da Sociedade Civil. A literatura internacional⁷ tem mostrado que não é possível fazer avaliações confiáveis sobre esse tipo de comportamento pró-social sem aumentar a amostra de doadores de alta renda.

⁷ Ver o artigo de Neumayr e Pennerstorfer e o de Wiepking. As referências completas estão ao final deste relatório.

NÚMERO DE ENTREVISTAS

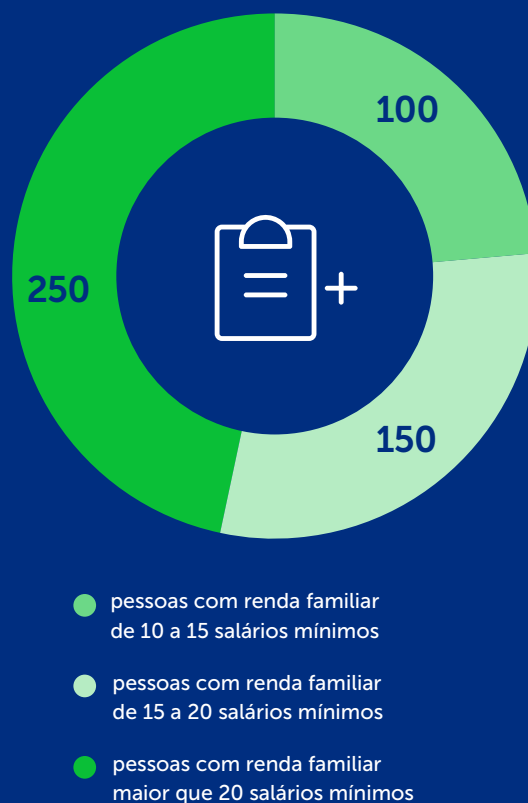
2.004

em uma amostra desenhada para representar a população do Brasil e das cinco grandes regiões.

ENTREVISTAS ADICIONAIS

500

em domicílios com indivíduos de renda elevada, para captar com mais precisão os comportamentos desse grupo social. A divisão foi assim:





Por que e como a *Retrato da Solidariedade* usa modelos estatísticos

Ao longo da pesquisa *Retrato da Solidariedade*, diferentes grupos da população são comparados por sexo biológico, idade, renda, escolaridade, região de moradia, raça/cor autodeclarada e outras características. O objetivo é identificar quais perfis aparecem mais associados a práticas como doação financeira, doação de bens ou trabalho voluntário.

Essas comparações são úteis, mas precisam ser lidas com cautela. Diferenças observadas entre dois grupos podem estar relacionadas a outras características que também variam entre eles. Por exemplo, um grupo pode ter maior proporção de pessoas com renda mais alta, maior escolaridade ou maior participação no mercado de trabalho, fatores que, por si só, podem influenciar a probabilidade de doar.

Por isso, pela primeira vez, a partir desta edição da *Retrato da Solidariedade*, as estatísticas descritivas são complementadas por modelos estatísticos. Esses modelos permitem comparar pessoas com características semelhantes, levando em conta simultaneamente diferentes fatores sociodemográficos. Ou seja, em vez de observar apenas a diferença bruta entre dois grupos, eles ajudam a estimar se determinada característica continua associada ao comportamento analisado quando outras variáveis também são consideradas.

Na comparação simples entre homens e mulheres em 2025, por exemplo, a proporção de doadores financeiros para OSCs parece ligeiramente maior entre os homens, embora a diferença esteja dentro da margem de erro. No entanto, homens e mulheres também diferem em outras dimensões relevantes, como participação no mercado de trabalho, renda e escolaridade. Quando essas características são consideradas conjuntamente, a diferença entre os grupos praticamente desaparece.

Como os modelos foram estimados

Para cada comportamento analisado — doação financeira, doação de bens, voluntariado, doação recorrente, doação de sangue e disposição para doar órgãos —, foram estimados modelos logísticos com incorporação do desenho amostral complexo da pesquisa, incluindo estratificação, conglomerados e pesos amostrais.

Todos os modelos partem de um conjunto comum de **variáveis de controle**:

- sexo biológico
- faixa etária
- escolaridade
- renda familiar
- ano de coleta

A partir dessa base, **variáveis adicionais**, que permitem verificar a estabilidade das associações identificadas, são incorporadas progressivamente:

- região geográfica
- ideologia declarada
- religião
- raça/cor autodeclarada
- porte do município
- presença de filhos
- situação no mercado de trabalho

O modelo que reúne todas essas variáveis simultaneamente, chamado de **modelo completo**, é o que serve de base para os resultados apresentados nos Quadros ao final de cada seção desta edição.

Como os resultados são apresentados

Os coeficientes dos modelos logísticos são estimados na escala de log de chances, que não tem interpretação direta em termos probabilísticos. Para tornar os resultados acessíveis, todos os valores apresentados foram convertidos em probabilidades médias preditas, identificadas ao longo do texto apenas como probabilidades.

Os modelos indicam, para cada categoria de uma variável, por exemplo a faixa de escolaridade, qual seria a probabilidade média de apresentar o comportamento de interesse, mantendo constante a distribuição observada de todas as demais características da amostra.

Por fim, foram calculados intervalos de confiança de 95% para essas estimativas. Os resultados, por sua vez, não devem ser interpretados como relações causais, mas como associações ajustadas. Isso quer dizer que eles ajudam a contextualizar a interpretação dos dados e a evitar interpretações baseadas apenas em comparações simples entre grupos.

Detalhes técnicos sobre os modelos, as especificações completas, as variáveis utilizadas e as tabelas de regressão estão disponíveis em anexo online⁸.

⁸ Anexo online disponível em: https://osf.io/y2v8a/files/eubsx_



02

**Como se
manifesta a
solidariedade dos
brasileiros**

Diferentes pessoas ajudam o próximo de diferentes maneiras. Portanto, não existe uma única maneira de exercer a generosidade. Este relatório divide as diversas formas de comportamento pró-social nas seguintes categorias:

1. doações para OSCs na forma de dinheiro, bens ou tempo (trabalho voluntário);
2. outros tipos de doação financeira, como doações diretas para pedintes ou pessoas em situação de rua e contribuições para causas religiosas.

Essas categorias acima não se excluem. Quem doou para uma OSC pode também ter ajudado alguém diretamente ou feito uma contribuição religiosa, por exemplo.

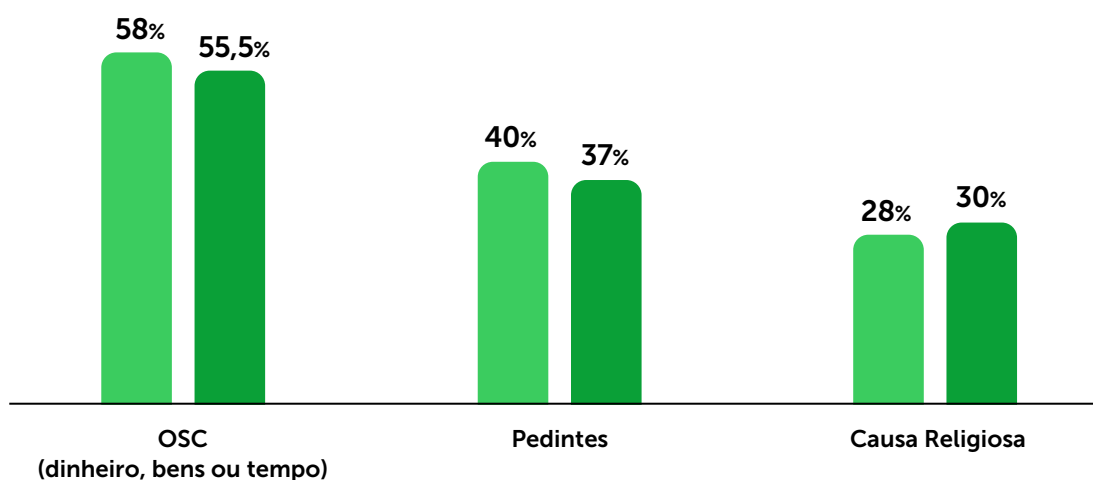
3. Há ainda uma terceira categoria, que trata da doação de material biológico (sangue, órgãos e tecidos), e que será tratada em seção própria.

Comportamento das categorias em 2025

Conforme mostra o **Gráfico 1**, a forma de comportamento pró-social mais frequente continua sendo a relacionada às OSCs. No total, 55,5% dos entrevistados disseram ter feito ao menos uma doação de bens, dinheiro ou tempo para organizações da sociedade civil. O percentual é superior ao das doações financeiras diretas para pedintes ou pessoas em situação de rua, mencionadas por 37% da população, e também ao das contribuições financeiras para causas religiosas, realizadas por 30% dos entrevistados.

GRÁFICO 1

Percentual de pessoas que disseram ter feito cada tipo de doação



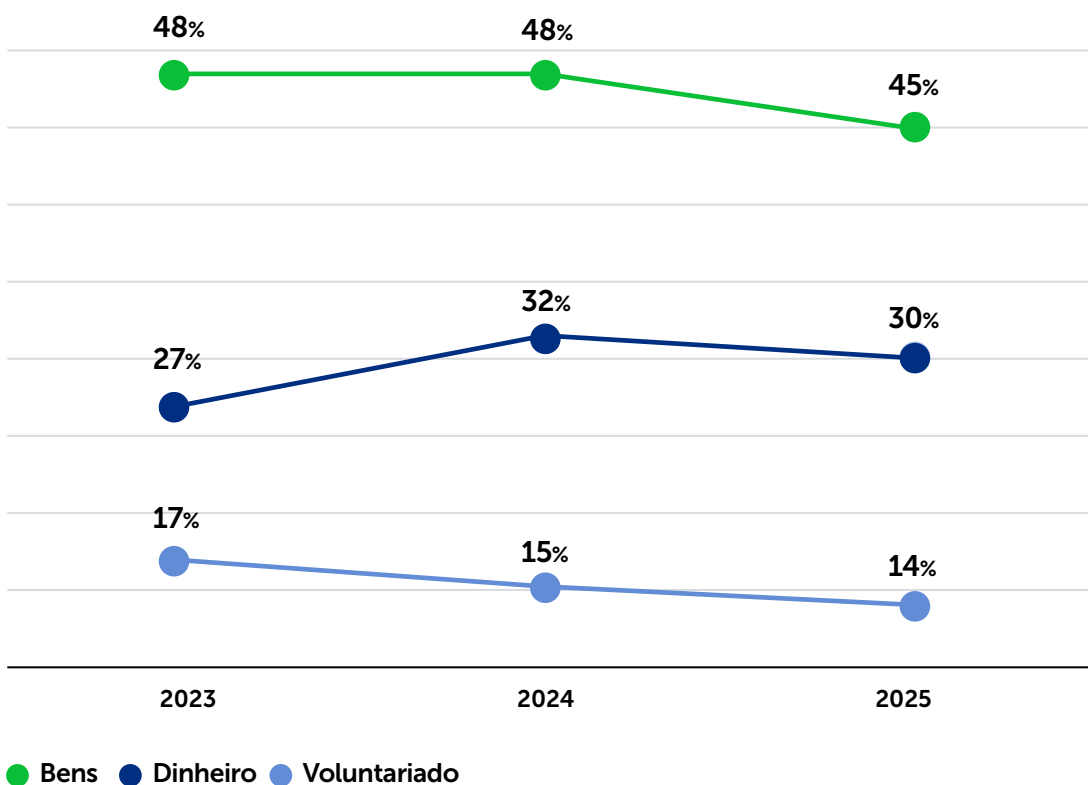
NÚMERO DE RESPOSTAS: ● 2024 | 2.568 ● 2025 | 2.504

A comparação com 2024 indica que essas formas de solidariedade não se moveram na mesma direção. Considerando-se o conjunto das três modalidades de apoio às OSCs (dinheiro, bens e tempo), houve uma pequena redução: em 2024, 58% dos brasileiros disseram ter feito ao menos uma dessas ações; em 2025, esse percentual passou para 55,5%. As doações financeiras diretas para pedintes ou pessoas em situação de rua também recuaram, passando de 40% para 37%. Em sentido oposto, as contribuições financeiras para causas religiosas foram de 28% em 2024 para 30% em 2025.

Esses dados sugerem que a solidariedade dos brasileiros não se comporta de maneira uniforme. Em 2025, os brasileiros parecem ter se envolvido menos com as OSCs e com as doações financeiras informais diretas, ao mesmo tempo em que as contribuições religiosas ganharam espaço. Ainda assim, as OSCs seguem ocupando uma posição central. Mais da metade da população declarou ter contribuído com esse tipo de organização por meio de dinheiro, bens ou trabalho voluntário.

GRÁFICO 2

Doação para OSCs, por tipo de doação



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2.545 (2023) | 2.568 (2024) | 2.504 (2025)

Como variaram as doações para OSCs ao longo dos três anos da pesquisa

O **Gráfico 2** mostra que, depois da expansão do agregado observado em 2024, o vetor da queda em 2025 foi a combinação das três categorias. As diferenças permanecem dentro da margem de erro, mas apontam para um mesmo padrão de acomodação depois do ano anterior, marcado por forte mobilização em resposta às enchentes no Rio Grande do Sul.

Nota-se que a doação de bens permanece como a forma mais comum de apoio às OSCs, apesar da redução de 48% em 2024 para 45% em 2025. Esse resultado se deve, em parte, ao fato de que a doação de bens não depende necessariamente da disponibilidade imediata de recursos financeiros, sendo o tipo de doação mais acessível a diferentes faixas de renda⁹.

As doações financeiras para OSCs, por sua vez, cresceram de 27% em 2023 para 32% em 2024, mas recuaram para 30% em 2025. Os dados sugerem que esse movimento tem relação, entre outros fatores, com a tragédia das enchentes no Rio Grande do Sul em 2024, que impulsionou um pico de doações naquele ano, sobretudo entre doadores pontuais. Já o voluntariado passou de 17% em 2023 para 15% em 2024 e 14% em 2025, mantendo uma trajetória de queda ao longo das três edições, embora as variações permaneçam dentro da margem de erro.

Em conjunto, os resultados mostram que a solidariedade dos brasileiros continua ampla e relevante, mas sensível ao contexto. Eventos de grande visibilidade pública parecem ampliar temporariamente a disposição para doar, especialmente em dinheiro e bens. Passado o momento mais agudo da emergência, parte dessa mobilização tende a recuar. Ainda assim, em 2025, mais da metade da população brasileira continuou realizando algum tipo de doação para OSCs.

O que pode explicar as variações nas doações para OSCs

As motivações para as pessoas reduzirem ou intensificarem suas doações são influenciadas por inúmeros fatores, nem todos facilmente identificáveis. Em 2025, as variações observadas nas doações para OSCs foram pequenas e permaneceram dentro da margem de erro. Ainda assim, alguns elementos captados pela pesquisa ajudam a formular hipóteses sobre o movimento recente, como o contexto econômico, o efeito posterior às enchentes no Rio Grande do Sul, a redução dos pedidos de doação, a menor circulação social do tema e a estabilidade da confiança nas organizações.

⁹ Para a faixa de renda de até 5 salários mínimos, a proporção de doadores de bens é de 43%, enquanto a proporção de doadores financeiros é de apenas 27%.

O cenário econômico pode influenciar o comportamento pró-social, especialmente em períodos de mudança. Em 2025, no entanto, não houve uma transformação econômica suficientemente brusca para explicar, sozinha, as variações observadas. Foi um período em que os juros permaneceram elevados, com crescimento modesto do produto, da renda e do consumo. Ao mesmo tempo, o desemprego atingiu níveis historicamente baixos. Ainda assim, o aumento do custo de vida, combinado ao peso das dívidas já contratadas, pode ter reduzido parte dos efeitos positivos associados à melhora do mercado de trabalho, limitando a disposição de alguns grupos para realizar contribuições financeiras.

Economia – Em 2025, a inadimplência e o endividamento atingiram patamares historicamente elevados em diferentes indicadores¹⁰. A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) mostra que quase oito em cada dez famílias estavam endividadas no fim de 2025; e cerca de três em cada dez tinham contas em atraso. A Serasa e o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) registraram recordes de consumidores inadimplentes em 2025. Pela ótica do Banco Central do Brasil (BCB), o endividamento das famílias chegou a quase metade da renda familiar disponível.

Portanto, mesmo em um contexto de desemprego baixo e aumento nominal da renda, o peso dos juros, do custo de vida e do serviço da dívida manteve a pressão sobre os orçamentos familiares. Essa realidade afeta de forma mais intensa famílias de menor renda, adultos em idade economicamente ativa e pessoas com dívidas ligadas ao sistema financeiro, especialmente cartão de crédito. Por isso, ainda que a economia não explique sozinha as variações nas doações para OSCs, ela ajuda a entender por que parte da população pode ter tido menos margem financeira para contribuir.

Efeito posterior às enchentes no Rio Grande do Sul – Para entender as variações vistas no Gráfico 2, é preciso olhar também para além da economia. Um elemento relevante é o efeito posterior ao evento climático extremo que atingiu o Rio Grande do Sul em 2024. A tragédia produziu um pico de mobilização naquele ano, especialmente nas doações pontuais.

Como abordado na edição anterior da *Retrato da Solidariedade*, 27% dos entrevistados em 2024 relataram ter doado bens, 11% disseram ter doado

¹⁰ Para observar inadimplência e endividamento das famílias, são usados dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), da CNC, que capta a percepção e a situação financeira das famílias por meio de survey; do Serasa e do SPC Brasil, que se baseiam em cadastros de inadimplência e negativação; e do BCB, que acompanha a inadimplência bancária, o endividamento das famílias e o comprometimento de renda em relação à Renda Nacional Disponível Bruta das Famílias (RNDBF). As referências completas estão ao final deste relatório.

dinheiro e 3% afirmaram ter atuado como voluntários em OSCs para auxiliar o Rio Grande do Sul.

Os dados daquela edição permitiram ainda estimar o impacto da ajuda ao Rio Grande do Sul nos três tipos de doação: aumento de 8,3 pontos percentuais na doação geral de bens, de 3,9 pontos percentuais nas doações financeiras e de 1,5 ponto percentual no voluntariado¹¹.

Esse efeito aparece com mais força nas regiões geograficamente mais próximas ao desastre. Em 2024, o número de doadores cresceu 9,5% no Sul e 10,1% no Sudeste. O aumento ocorreu principalmente entre doadores pontuais, algo esperado em situações de emergência, quando campanhas de grande visibilidade mobilizam pessoas que não necessariamente mantêm uma prática regular de doação.

Em 2025, houve uma redução no número de doadores, sobretudo entre os pontuais. Ainda assim, o nível de doações não retornou completamente ao patamar anterior. Um dado relevante é que, na região Sul, em 2025, aumentou o número de pessoas que passaram a doar de forma recorrente, movimento não observado nas demais regiões. Isso sugere que a experiência de ajudar durante a tragédia e a proximidade com a catástrofe podem ter contribuído para fortalecer, ao menos em parte, a cultura de doação na região, uma hipótese que deverá ser acompanhada nas próximas rodadas da pesquisa.

Doação: um assunto ainda pouco presente no cotidiano das pessoas

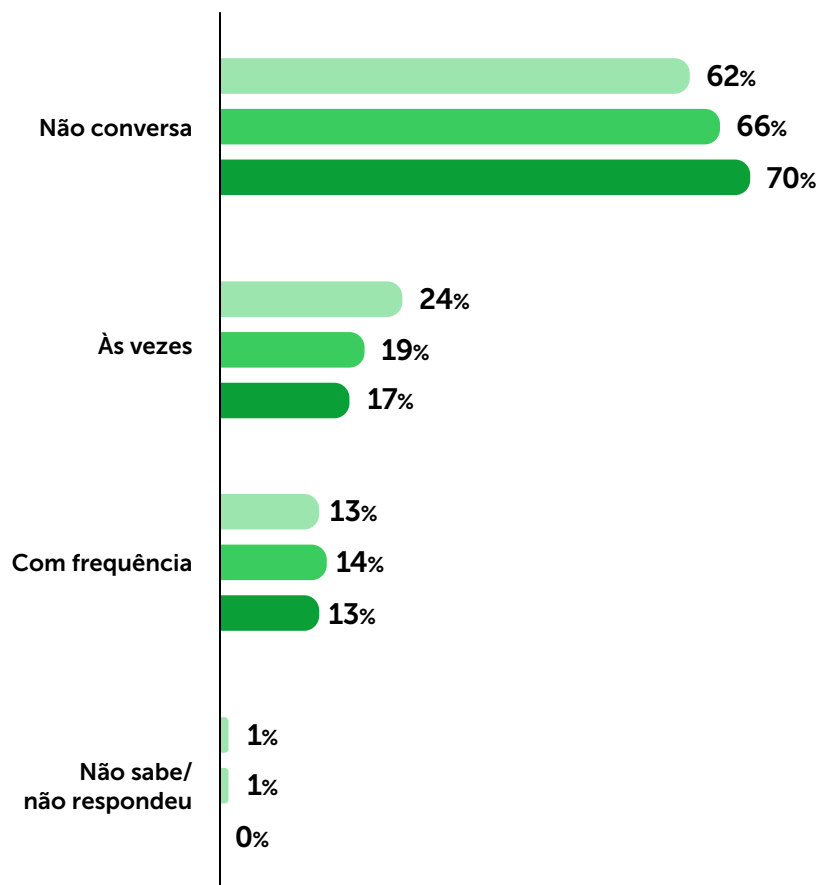
Embora mais da metade dos brasileiros tenha realizado algum tipo de doação para OSCs em 2025, o tema segue pouco presente na vida cotidiana. A pesquisa aponta duas evidências nesse sentido: a maioria das pessoas conversa pouco sobre doações e uma parcela crescente afirma não receber pedidos de contribuição.

Falta conversa sobre o assunto – A edição de 2023 já havia indicado que a doação permanecia, em grande medida, na esfera privada. Em 2025, essa tendência se acentuou. Como mostra o **Gráfico 3**, o percentual de pessoas que afirmam nunca conversar sobre doações passou de 62% em 2023 para 70% em 2025.

¹¹ Por meio de respondentes que relataram ter realizado comportamento pró-social pela primeira vez na ajuda à catástrofe do Rio Grande do Sul. Para mais detalhes, conferir o relatório Retrato da Solidariedade 2024. As referências completas estão ao final deste relatório.

GRÁFICO 3

Frequência com que conversa sobre doações para OSCs



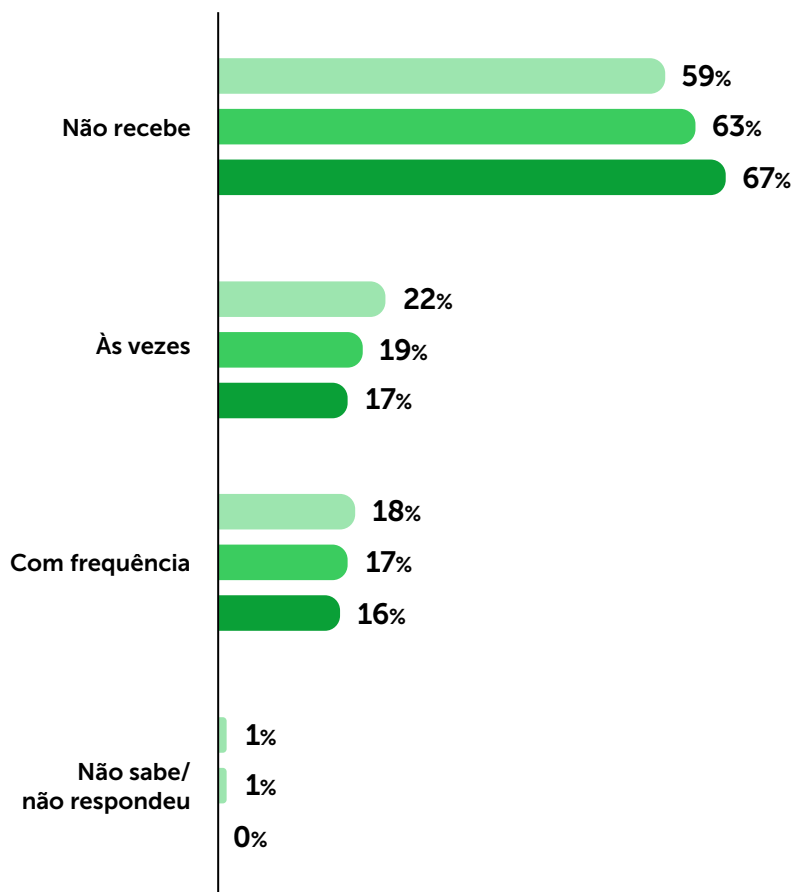
NÚMERO DE RESPOSTAS: ● 2023 | 2.537 ● 2024 | 2.568 ● 2025 | 2.504

A doação, portanto, continua sendo um comportamento pouco verbalizado e essa característica pode reduzir o potencial de “contágio social” do comportamento doador. Afinal, quando as pessoas não falam sobre o tema, diminuem as oportunidades de influência entre familiares, amigos, colegas de trabalho e redes de convivência.

A maioria não recebe pedidos de doação – Outra indicação de que a doação permanece pouco presente no cotidiano das pessoas é a queda na frequência com que os brasileiros recebem pedidos das OSCs. Como mostra o **Gráfico 4**, o percentual de entrevistados que afirmam não receber pedidos de doação passou de 59% em 2023 para 67% em 2025, um aumento de 8 pontos percentuais.

GRÁFICO 4

Frequência com que recebe pedidos de doações para OSCs



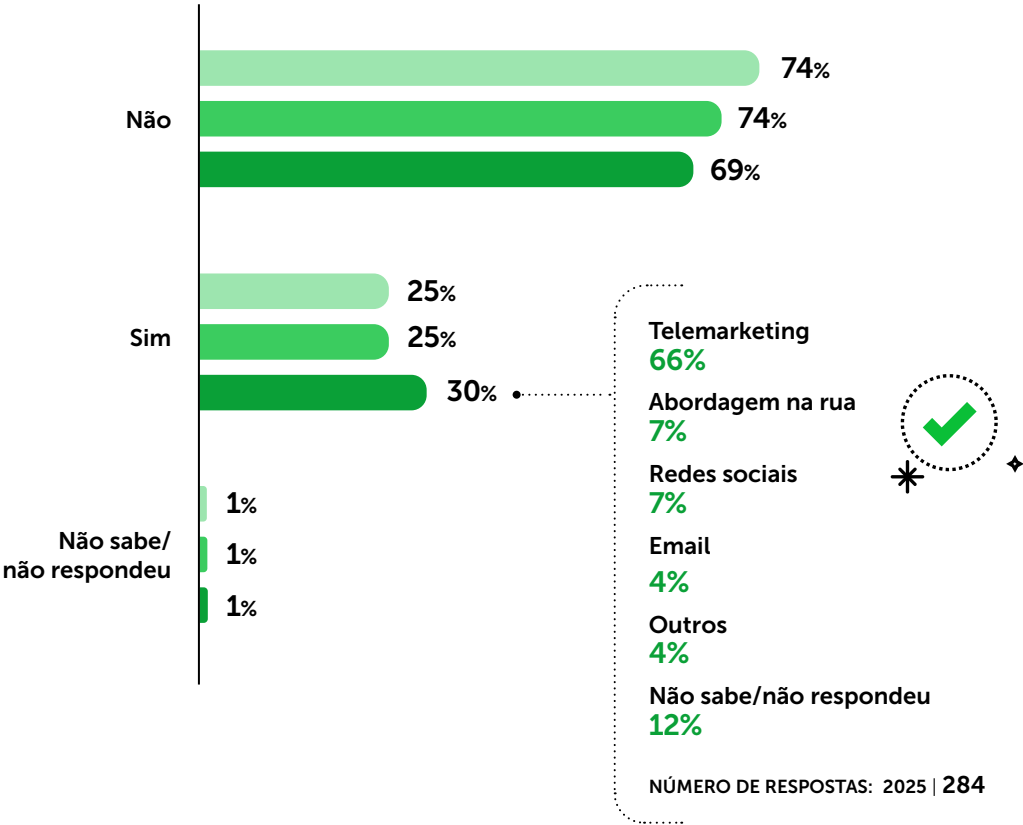
NÚMERO DE RESPOSTAS: ● 2023 | 2.537 ● 2024 | 2.568 ● 2025 | 2.504

Os pedidos são mais frequentes entre pessoas mais velhas, com maior nível de escolaridade e renda, e entre moradores das regiões Sul e Sudeste. Há, portanto, uma sobreposição entre os grupos que recebem mais pedidos e aqueles que realizam mais doações financeiras. Não é possível, contudo, afirmar com segurança a direção dessa relação. As pessoas podem doar mais porque recebem mais pedidos, mas também podem receber mais pedidos justamente porque já são vistas como mais propensas a doar. O mais provável é que os dois fatores se reforcem mutuamente.

Mesmo entre indivíduos de renda mais alta, uma parcela importante segue fora do alcance das abordagens das OSCs. Os resultados mostram que 54% das pessoas com renda familiar acima de 20 salários mínimos afirmaram não ter recebido pedidos de doação, indicando espaço para estratégias de captação mais direcionadas a públicos com maior capacidade para contribuir.

A maioria dos entrevistados afirmou não se incomodar quando é abordada por OSCs, resultado relativamente estável até 2024, com leve alta do incômodo em 2025, como mostra o **Gráfico 5**.

GRÁFICO 5
Você se incomoda quando recebe pedidos de doação de OSCs?



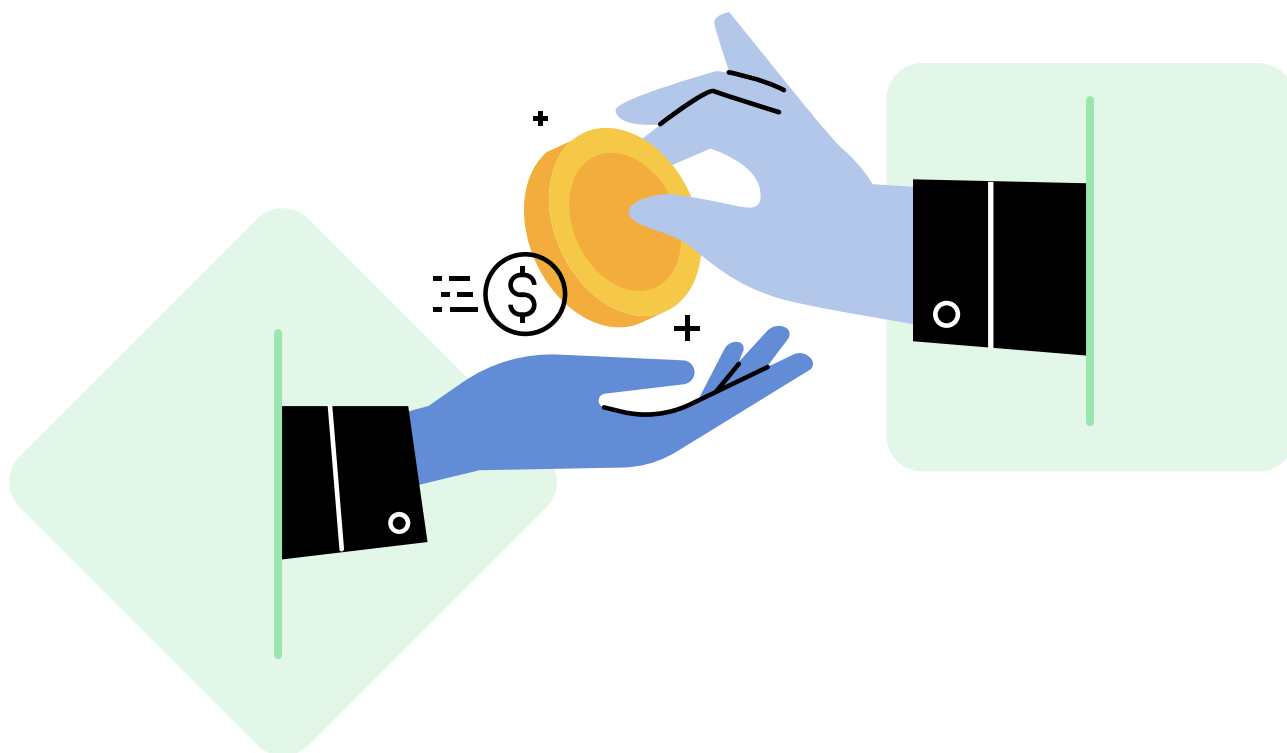
NÚMERO DE RESPOSTAS: 2023 | 1.120 2024 | 980 2025 | 897

Entre os que relatam incômodo, o canal mais citado continua sendo o telemarketing. Em 2025, 66% dos entrevistados que se incomodaram com pedidos apontaram esse meio como o mais desagradável, percentual próximo ao observado nos anos anteriores. As respostas sugerem que o incômodo está menos associado ao contexto do ano e mais ao formato da abordagem. Telemarketing, insistência excessiva, abordagens invasivas ou mensagens pouco personalizadas podem gerar barreiras justamente entre pessoas que, de outro modo, poderiam estar abertas a contribuir.

Confiança nas OSCs ficou estável – Um aspecto que poderia estar relacionado às variações nas doações é o nível de confiança dos entrevistados nas organizações da sociedade civil. Em 2024, o aumento da confiança aparece como uma das hipóteses para explicar o crescimento das doações financeiras. Em 2025, esse fator parece ter tido menor influência, porque os níveis permaneceram relativamente estáveis.

A proporção de brasileiros que dizem confiar nas OSCs passou de 32% em 2023 para 36% em 2024 e 35% em 2025. O brasileiro também declara confiar mais nas OSCs nacionais do que nas internacionais. Estas últimas registraram 26% de confiança tanto em 2024 quanto em 2025, quase 10 pontos percentuais abaixo das organizações nacionais.

O nível de confiança nas OSCs permanece acima do observado para o governo, que ficou em 19% em 2024 e 2025, e abaixo do registrado para as instituições religiosas, que alcançaram 45% nos dois anos. O dado mais relevante, porém, é a baixa variação ao longo do tempo. Diferentemente do que ocorreu entre 2023 e 2024, quando o aumento da confiança coincidiu com a expansão das doações financeiras, em 2025 a estabilidade desse indicador sugere que outros fatores, como o fim do pico emergencial e a redução dos pedidos de doação, podem ajudar a explicar a acomodação observada.





03

**Doações
financeiras
para OSCs:
quem faz, por que
faz, como faz**

Esta seção examina, entre outros temas, quem faz doações financeiras às OSCs, por que doa, como escolhe a organização que apoia, para quais causas direciona os recursos, quanto doa e por quais canais e meios de pagamento.

A pesquisa *Retrato da Solidariedade* identificou que as doações financeiras para Organizações da Sociedade Civil (OSCs) cresceram de 2023 para 2024, mas apresentaram leve recuo em 2025.

A proporção de brasileiros que fizeram ao menos uma doação em dinheiro para OSCs passou de 32% em 2024 para 30% em 2025. A variação é pequena e deve ser interpretada considerando as margens de erro. De toda forma, um olhar mais detalhado sobre os grupos sociais e econômicos revela que o movimento não foi homogêneo, como aponta o **Gráfico 6**.

A queda concentrou-se nos grupos de menor **renda e escolaridade**. Entre domicílios com renda de até 2 salários mínimos, a proporção de doadores caiu de 25% para 21%, e na faixa de 2 a 5 salários mínimos, de 37% para 31%. Nas faixas mais altas o movimento foi inverso, chegando a 47% entre pessoas com renda familiar acima de 20 salários mínimos. A escolaridade seguiu o mesmo sentido, com recuo entre quem tem até o ensino médio e leve alta no ensino superior (48%).

Entre as **regiões**, o Sul foi a única em que a proporção de doadores cresceu, de 40% para 43%, mantendo-se como a de maior percentual; nas demais houve queda, mais acentuada no Norte, de 29% para 22%. Por **sexo, idade e raça/cor** as diferenças foram menores: a doação recuou entre as mulheres (de 33% para 29%) e permaneceu em 32% entre os homens; a distância entre brancos (35%) e pretos e pardos (27%) manteve-se em cerca de 8 pontos percentuais; e, por faixa etária, o recuo concentrou-se entre os jovens adultos de 25 a 34 anos (de 35% para 27%), conforme o **Gráfico 6**.

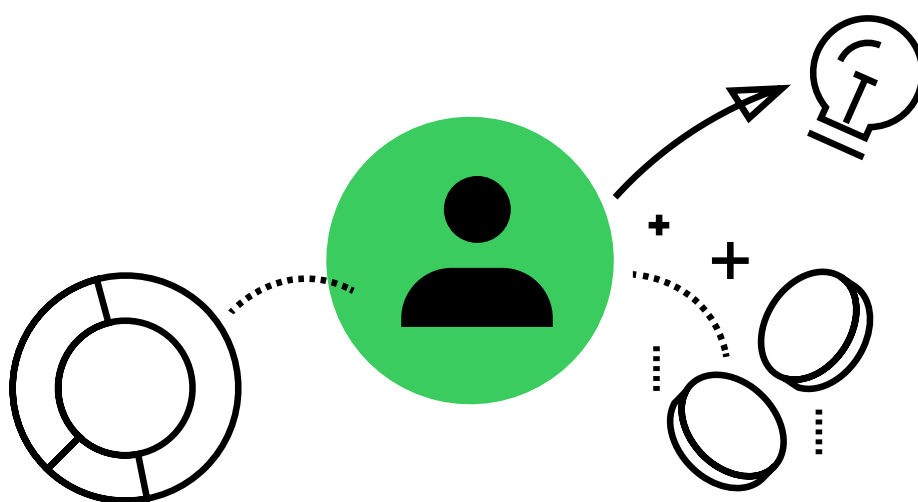
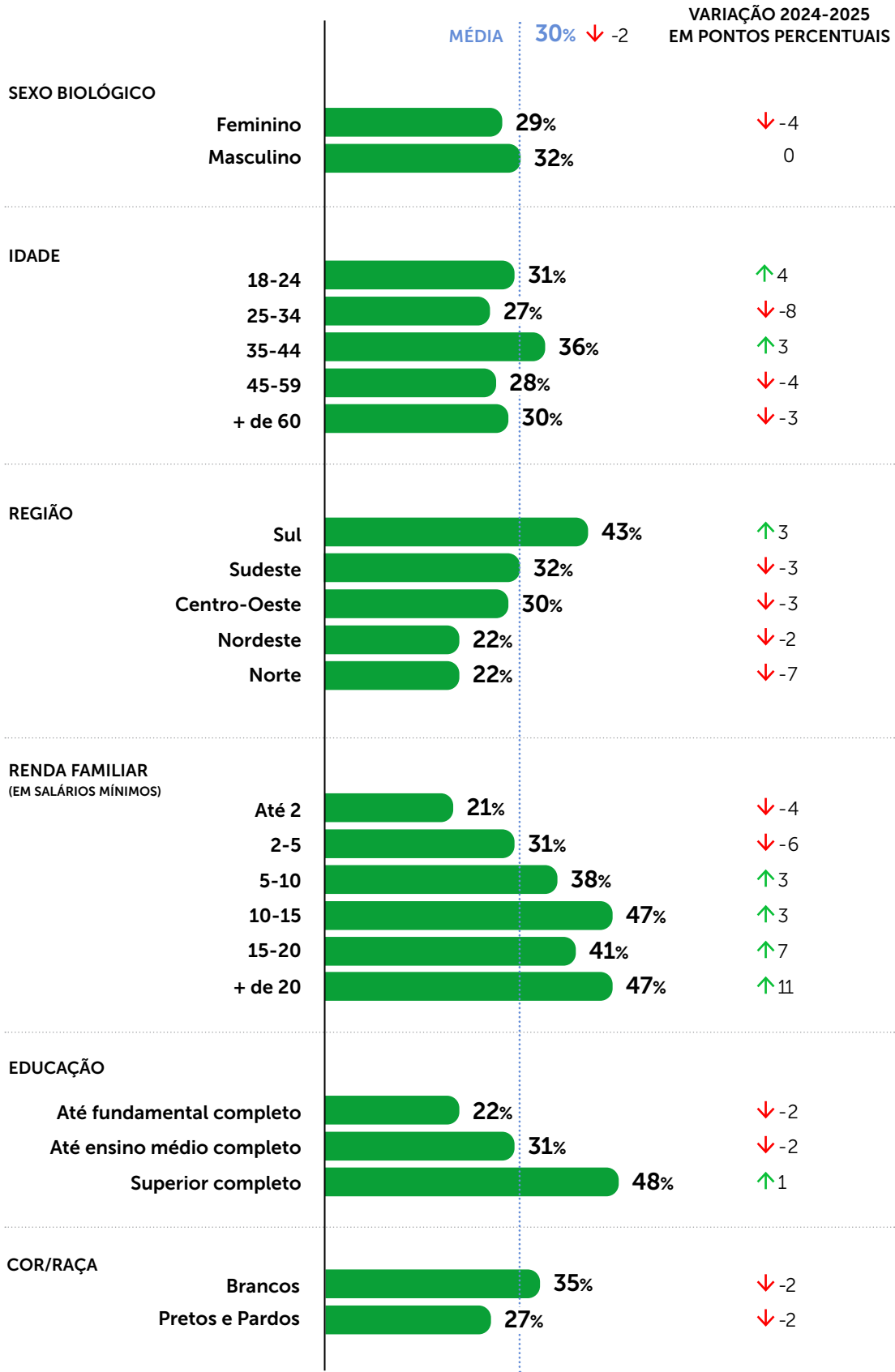


GRÁFICO 6

Quem doou dinheiro para OSCs em 2025



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2.568 (2024) | 2.504 (2025)

QUADRO 1

Escolaridade, renda e mercado de trabalho:
os principais marcadores da doação financeira

A escolaridade e a renda são os principais marcadores da doação financeira para OSCs. Os modelos do **Gráfico 7** confirmam essa associação apontada nas estatísticas descritivas (ver **Gráfico 6**) mesmo entre pessoas de características semelhantes e acrescentam um fator ausente nas estatísticas descritivas, a inserção no mercado de trabalho.

A probabilidade de realizar doação financeira para OSCs está associada à maior **escolaridade**. Ela varia de 21,7% entre indivíduos com até ensino fundamental completo a 46,3% entre aqueles com ensino superior completo, uma diferença de 25 pontos percentuais que persiste em todas as especificações do modelo.

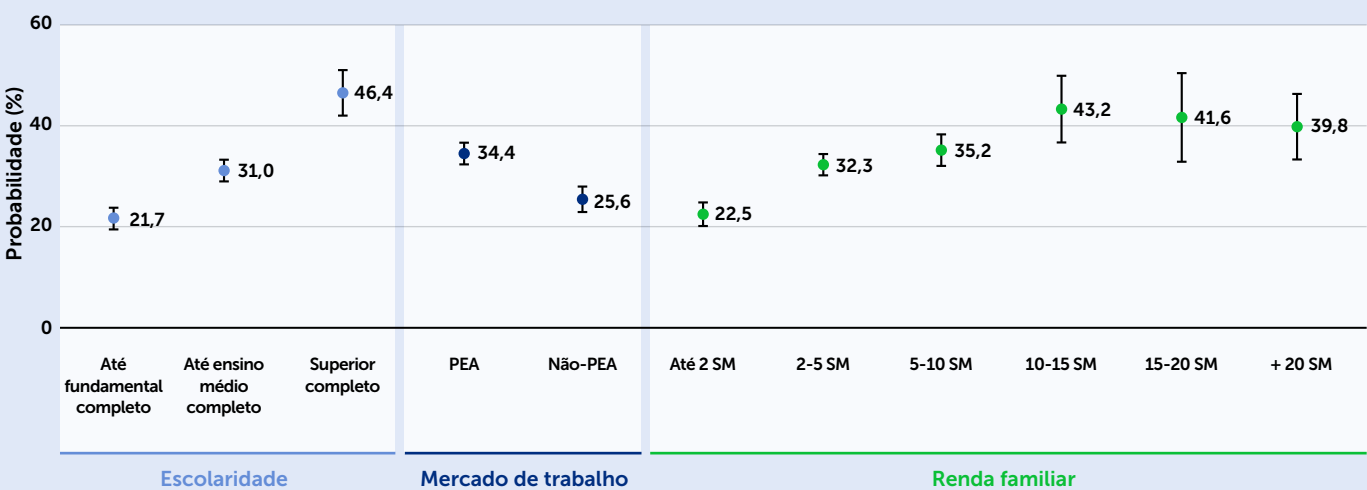
A **renda** segue padrão semelhante ao da escolaridade, com uma diferenciação mais nítida entre a base da distribuição (pessoas

com menor renda) e as faixas intermediárias. Embora os dados descritivos indiquem diferenças entre os grupos de maior renda, essas diferenças perdem significância estatística após o controle das demais variáveis. Isso sugere que parte do efeito observado está associada a outros fatores, e não apenas à renda.

A participação no **mercado de trabalho**¹² aparece como fator adicional relevante. Pessoas economicamente ativas apresentam probabilidade de 34,4%, contra 25,6% entre as não economicamente ativas, diferença que se mantém estável mesmo no modelo completo. Esse resultado pode refletir tanto uma maior disponibilidade de renda quanto uma maior exposição a redes profissionais e institucionais nas quais pedidos de doação circulam com mais frequência.

GRÁFICO 7

Probabilidade de doar dinheiro para OSCs por escolaridade, trabalho e renda¹³



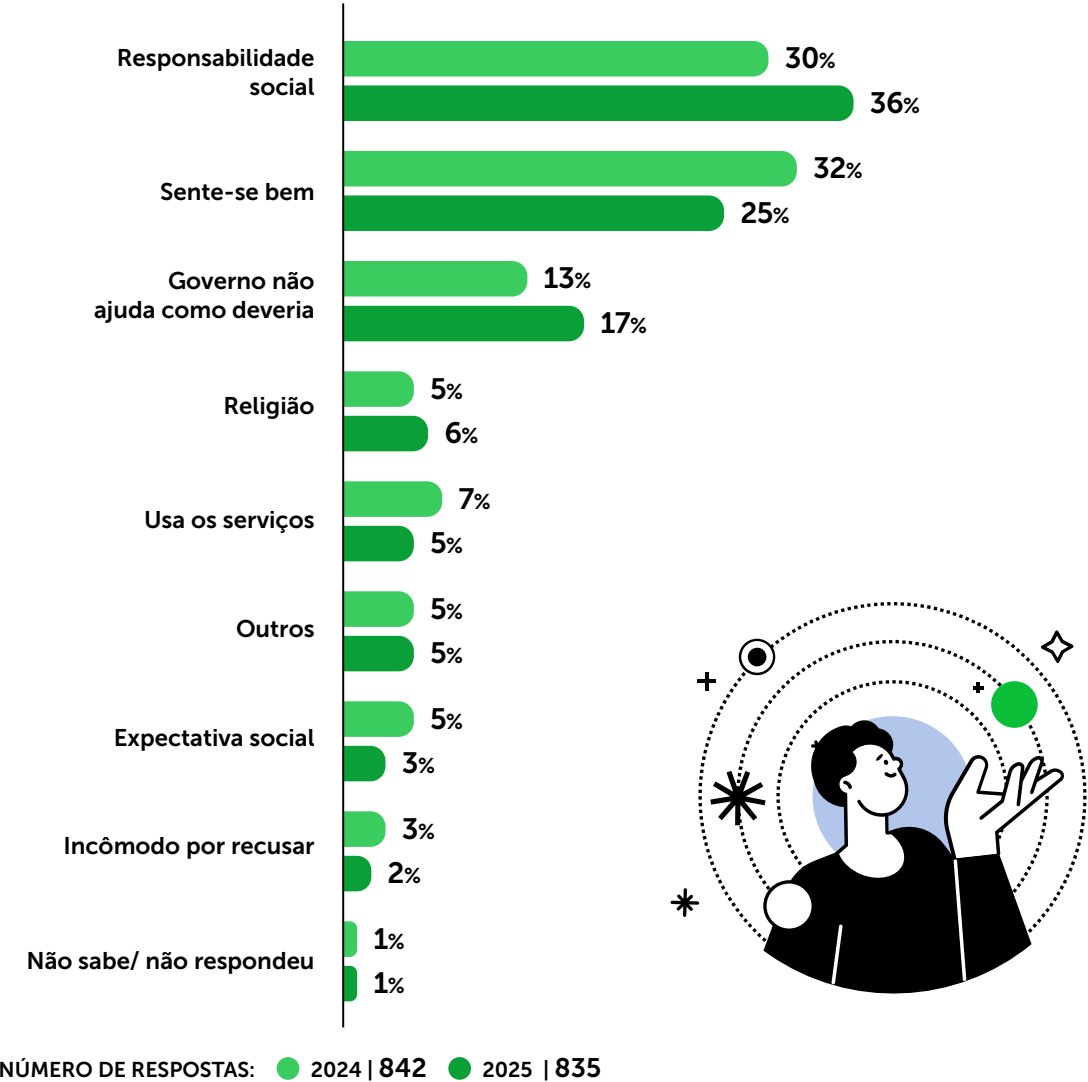
¹² A participação no mercado de trabalho decorre da classificação do entrevistado como pertencente à População Economicamente Ativa (PEA).

¹³ Os valores do Gráfico 7 foram estimados por meio de modelo de regressão, controlando demais fatores, assim como descrito na seção 1.

O que motiva os brasileiros a fazer doações financeiras

Embora a proporção de brasileiros que ajudaram financeiramente OSCs tenha recuado levemente em 2025, as motivações citadas para doar continuam similares às observadas nos anos anteriores. As principais razões permanecem associadas tanto a sentimentos individuais, como sentir-se bem ao doar, quanto a uma noção de dever social, expressa sobretudo na ideia de responsabilidade social.

GRÁFICO 8
Principal motivo para ter doado dinheiro para uma OSC em 2025



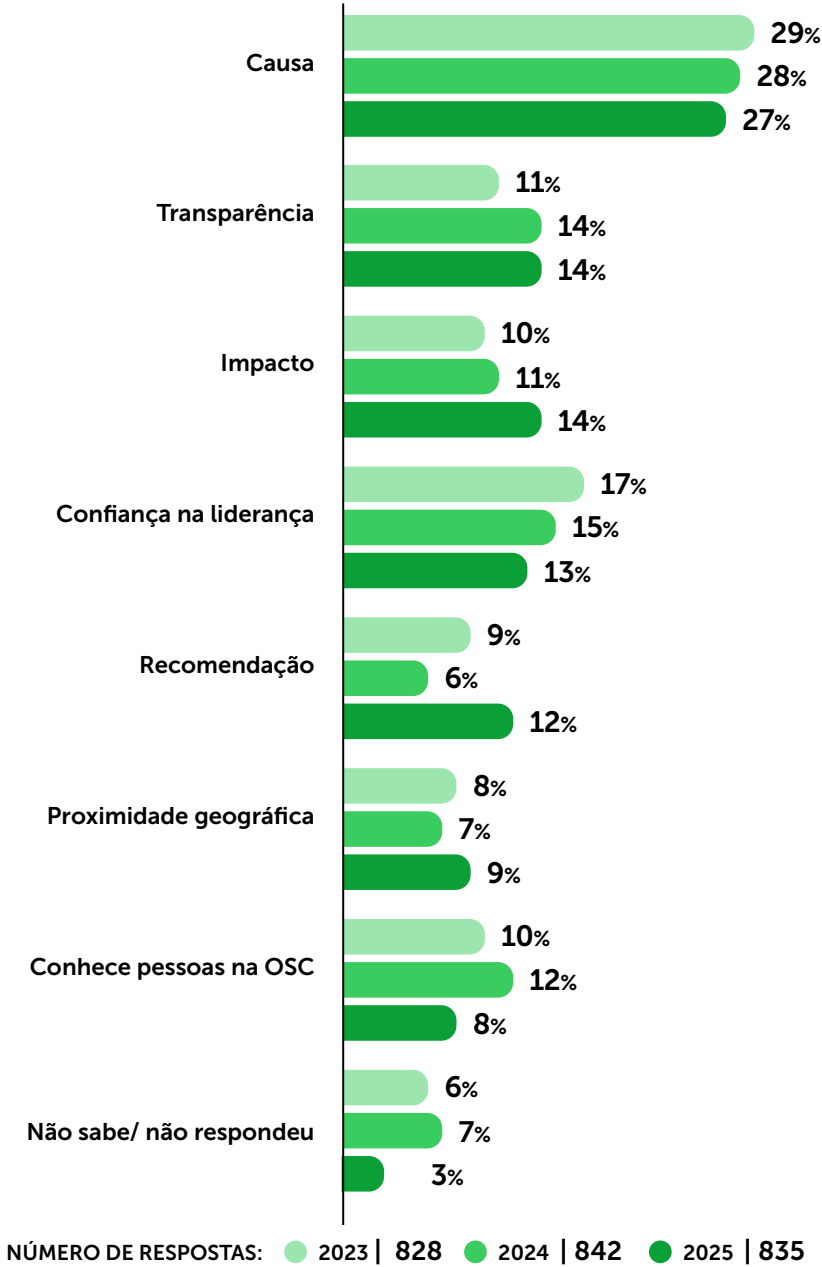
O **Gráfico 8**, no entanto, indica uma mudança de 2024 para 2025. A alternativa “responsabilidade social” voltou a ser a mais mencionada, passando de 30% para 36%. Já “sentir-se bem”, que havia sido a principal razão em 2024, recuou de 32% para 25%. A percepção de que “o governo não ajuda como deveria” também ganhou espaço, passando de 13% para 17%.

Esse resultado sugere que, em 2025, as motivações para doar passaram a estar menos associadas à satisfação pessoal e mais relacionadas a uma visão de responsabilidade diante de problemas sociais. As demais respostas, como religião, uso dos serviços da instituição, expectativa social ou incômodo por recusar, permaneceram em patamares menores.

Como o brasileiro escolhe qual OSC apoiar

Além de entender por que as pessoas doam dinheiro, a pesquisa também busca saber como elas escolhem as organizações que apoiam. Os resultados dos três anos revelam que a causa defendida pela OSC segue sendo o principal critério de escolha.

GRÁFICO 9
Principal critério para decidir para qual OSC vai doar



Como mostra o **Gráfico 9**, em 2025 a causa defendida pela organização foi mencionada por 27% dos doadores, percentual muito próximo ao observado em 2023 e 2024. Nenhum outro critério, isoladamente, chega perto de um terço das respostas. Isso reforça que muitos fatores influenciam a decisão, mas nenhum deles, sozinho, explica o comportamento de doação¹⁴.

O segundo conjunto de critérios está associado à confiança e credibilidade. Transparência e impacto aparecem com 14% das menções em 2025; confiança na liderança, com 13%; e conhecer pessoas na OSC, com 8%. Também chama atenção o aumento da importância da recomendação, que passou de 6% em 2024 para 12% em 2025. Isso sugere que, além da causa, redes pessoais e sinais de credibilidade seguem desempenhando papel importante na decisão de doar.

Assim como apontado no relatório anterior, o conjunto de dados fornece ao menos quatro pistas às organizações:

- **A causa defendida continua sendo o principal fator:** a identificação com o propósito da organização é mencionada com mais frequência do que características operacionais ou institucionais.
- **A confiança importa:** transparência, impacto, liderança e familiaridade com pessoas ligadas à organização são fatores relevantes na decisão de doar.
- **A recomendação ganhou peso:** a indicação de terceiros se torna mais relevante em 2025, reforçando a importância das relações de confiança.
- **Não há um único fator decisivo:** a decisão de doar combina propósito, confiança, proximidade, reputação e conexões sociais.

Causas que receberam mais apoio financeiro

Como a causa apoiada aparece como o principal fator na escolha de uma OSC, é importante entender para quais delas os brasileiros direcionam suas doações financeiras. Nesse sentido, a pesquisa investigou se os entrevistados haviam feito, ao longo de 2025, doações em dinheiro para organizações que atuam em diferentes áreas. As perguntas foram feitas separadamente para cada causa. Assim, os percentuais apresentados no **Gráfico 10** indicam a parcela da população que declarou ter doado para cada uma delas, e não uma escolha única entre alternativas.

¹⁴ Sobre a importância das causas na doação no Brasil, ver o artigo de Pinheiro e Araujo. A referência completa está ao final deste relatório.

GRÁFICO 10

Causas para as quais os entrevistados deram apoio financeiro em 2024 e 2025



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2024 | 2.568 2025 | 2.504

Em 2025, as causas que mais receberam apoio financeiro foram combate à fome, com 14% dos entrevistados; assistência social, com 12%; e saúde, também com 12%. Na sequência, aparecem proteção dos animais, com 8%; educação e pesquisa, com 2%; proteção do meio ambiente, também com 2%; e arte e cultura, com 1%.

Comparando com 2024, observa-se uma redução nas causas mais diretamente associadas a necessidades imediatas. As doações para combate à fome passaram de 17% para 14% da população, enquanto as destinadas à assistência social recuaram de 14% para 12%. As demais causas apresentaram níveis semelhantes entre os dois anos.

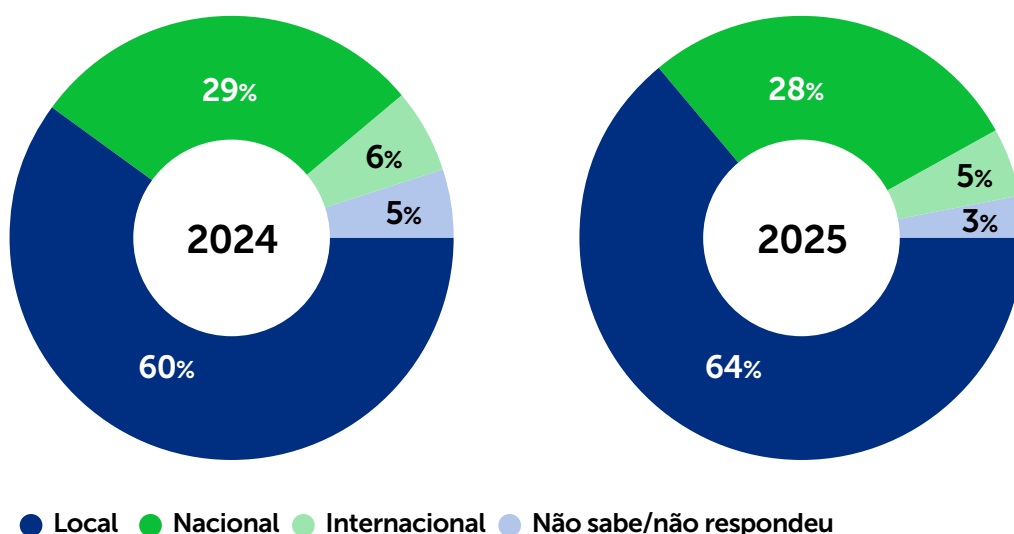
A queda nas doações financeiras para OSCs em 2025, portanto, não ocorreu de maneira uniforme entre as causas. O recuo se concentrou nas áreas que haviam sido mais mobilizadas por urgências sociais e humanitárias, como combate à fome e assistência social. Causas menos diretamente associadas a respostas emergenciais permaneceram estáveis.

A proximidade geográfica continua relevante

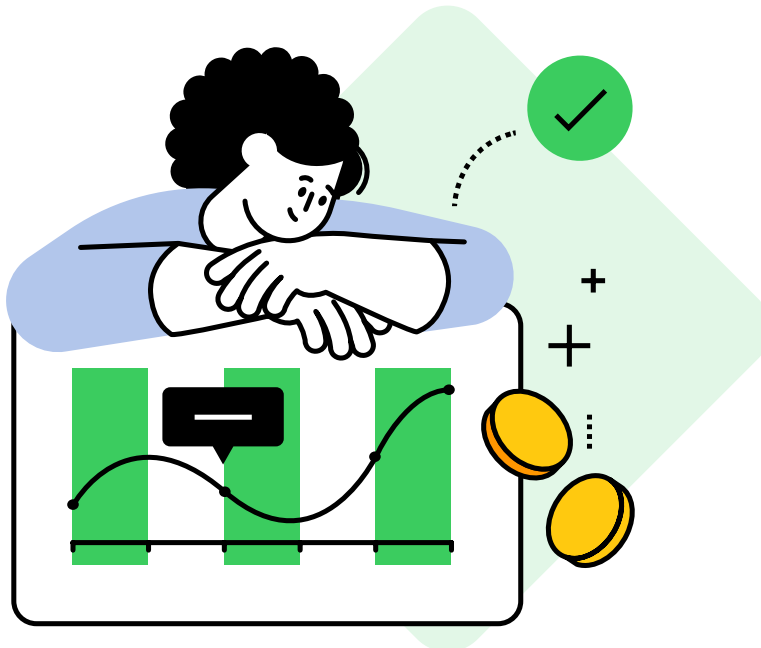
A pesquisa também analisou a importância da proximidade na escolha das organizações apoiadas. Assim como nas edições anteriores, a maior parte dos entrevistados afirma direcionar suas doações para organizações com atuação local.

GRÁFICO 11

A maioria das doações de dinheiro para OSCs foi direcionada a organizações que têm projetos ou atuam no nível:



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2024 | 842 2025 | 835



Apesar de não ser o principal critério que determina a escolha do doador, a proximidade geográfica continua desempenhando papel importante nas doações financeiras destinadas às OSCs. O **Gráfico 11** indica que, em 2025, 64% dos doadores direcionaram seus recursos para organizações com atuação local, 28% para aquelas com atuação nacional, e 5%, para as de atuação internacional, mantendo o padrão encontrado em 2024.

A preferência por organizações com atuação local pode estar associada à percepção de maior capacidade de resposta às demandas da comunidade, à visibilidade mais direta dos resultados alcançados e ao fortalecimento de vínculos de confiança entre doadores e organizações.

Esse resultado também pode ser interpretado à luz do próprio perfil das OSCs brasileiras. Levantamentos do IBGE¹⁵ e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)¹⁶ revelam um campo amplo, diverso e capilarizado territorialmente, com presença em diferentes regiões e comunidades do país. Assim, a prevalência de organizações com atuação local pode refletir não apenas uma escolha individual do doador, mas também a forma como o setor se organiza, com muitas OSCs voltadas a demandas comunitárias e a problemas concretos do território.

Esse cenário dialoga com a predominância de causas associadas a necessidades imediatas, já que a proximidade territorial pode fazer com que essas organizações sejam percebidas como pontes mais diretas entre os recursos doados e as populações atendidas.

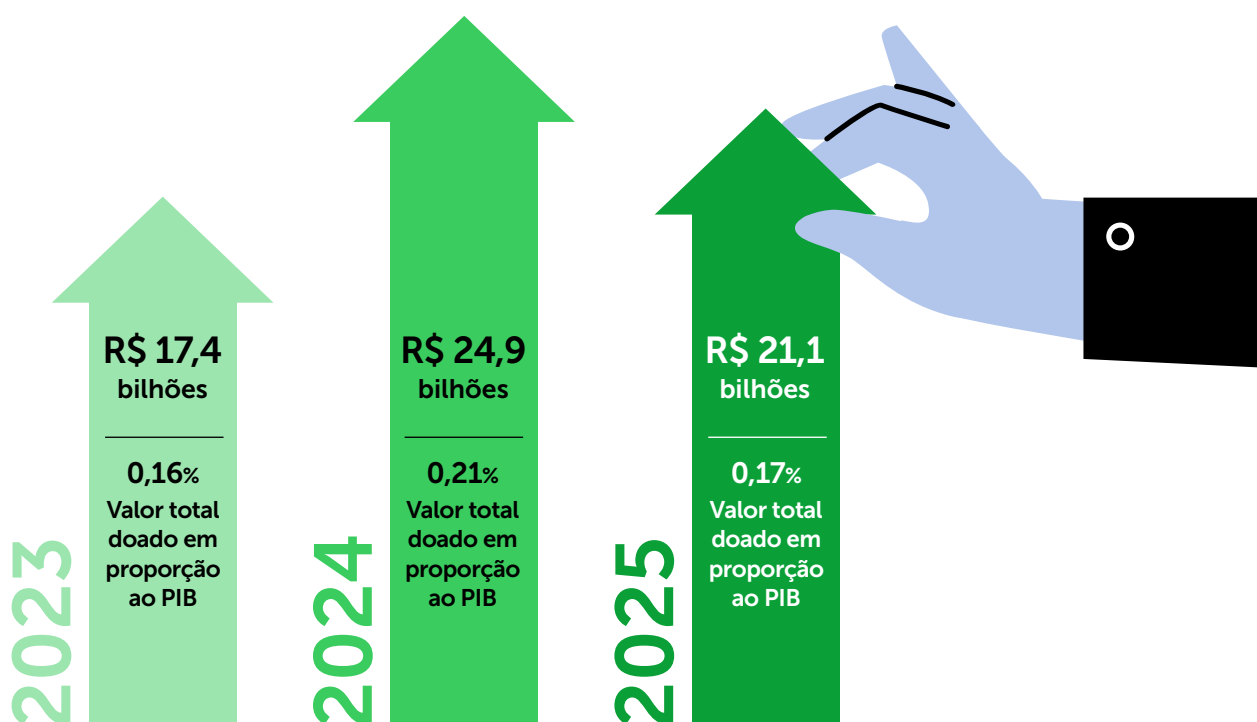
¹⁵ As Fundações Privadas e Associações Sem Fins Lucrativos no Brasil: 2023. As referências completas estão ao final deste relatório.

¹⁶ O Perfil das Organizações da Sociedade Civil no Brasil (2016-2025). As referências completas estão ao final deste relatório.

Quanto o brasileiro doa para OSCs

A *Retrato da Solidariedade* estima que, em 2025, as doações financeiras de indivíduos para organizações da sociedade civil tenham totalizado aproximadamente R\$ 21,1 bilhões¹⁷. O valor representa uma queda em relação a 2024, quando o total estimado chegou a R\$ 24,9 bilhões, mas permanece acima do observado em 2023, quando as doações somaram R\$ 17,4 bilhões.

GRÁFICO 12
Total doado



O resultado reforça a interpretação de que 2024 foi um ano particular. A mobilização em torno das enchentes no Rio Grande do Sul gerou um volume atípico de doações financeiras. Em 2025, o total recuou cerca de 15% em relação ao ano anterior, mas ainda ficou aproximadamente 22% acima do patamar de 2023.

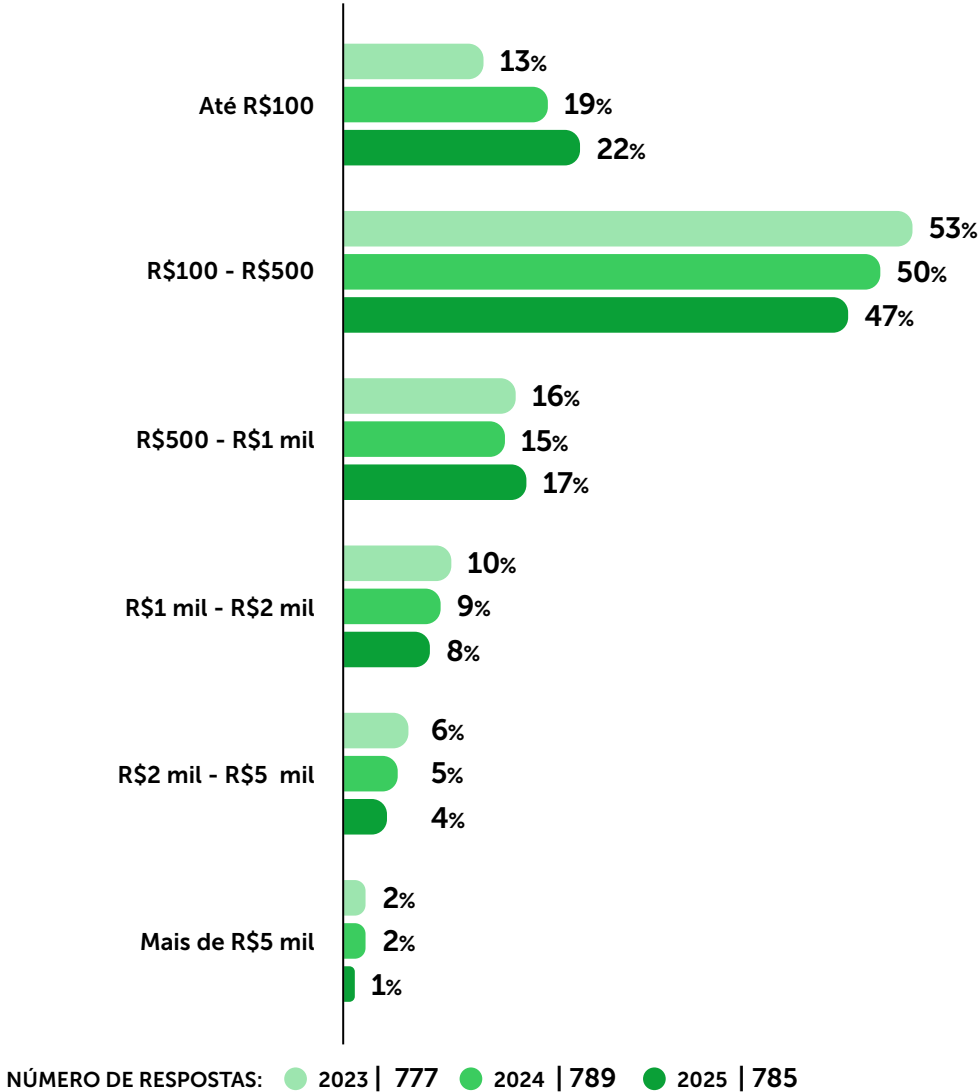
Como proporção do Produto Interno Bruto (PIB), conforme mostra o **Gráfico 12**, as doações financeiras para OSCs passaram de 0,16% em 2023 para 0,21% em 2024, recuando para 0,17% em 2025. O movimento, portanto, não sugere uma volta ao cenário anterior à mobilização de 2024, mas sim uma acomodação depois de um pico emergencial.

¹⁷ Todos os valores citados neste relatório foram corrigidos pela inflação e atualizados para março de 2026.

As quantias doadas seguem o mesmo padrão. Entre 2023 e 2025, o valor mediano doado às OSCs apresenta uma trajetória de alta seguida de leve recuo. Partindo de R\$ 265 em 2023, a mediana subiu para R\$ 315 em 2024 e, em 2025, recuou para R\$ 300, uma queda de 4,8% em relação ao ano anterior. Apesar da retração, o patamar de 2025 permaneceu acima do registrado em 2023, de modo que a queda recente não reverteu integralmente o ganho observado em 2024.

A distribuição por faixas de valor ajuda a compreender essa dinâmica. Como mostra o **Gráfico 13**, a maior parte dos doadores continua contribuindo com valores anuais entre R\$ 100 e R\$ 500. Em 2025, 47% dos doadores ficaram nessa faixa, percentual inferior ao observado em 2024 (50%) e 2023 (53%).

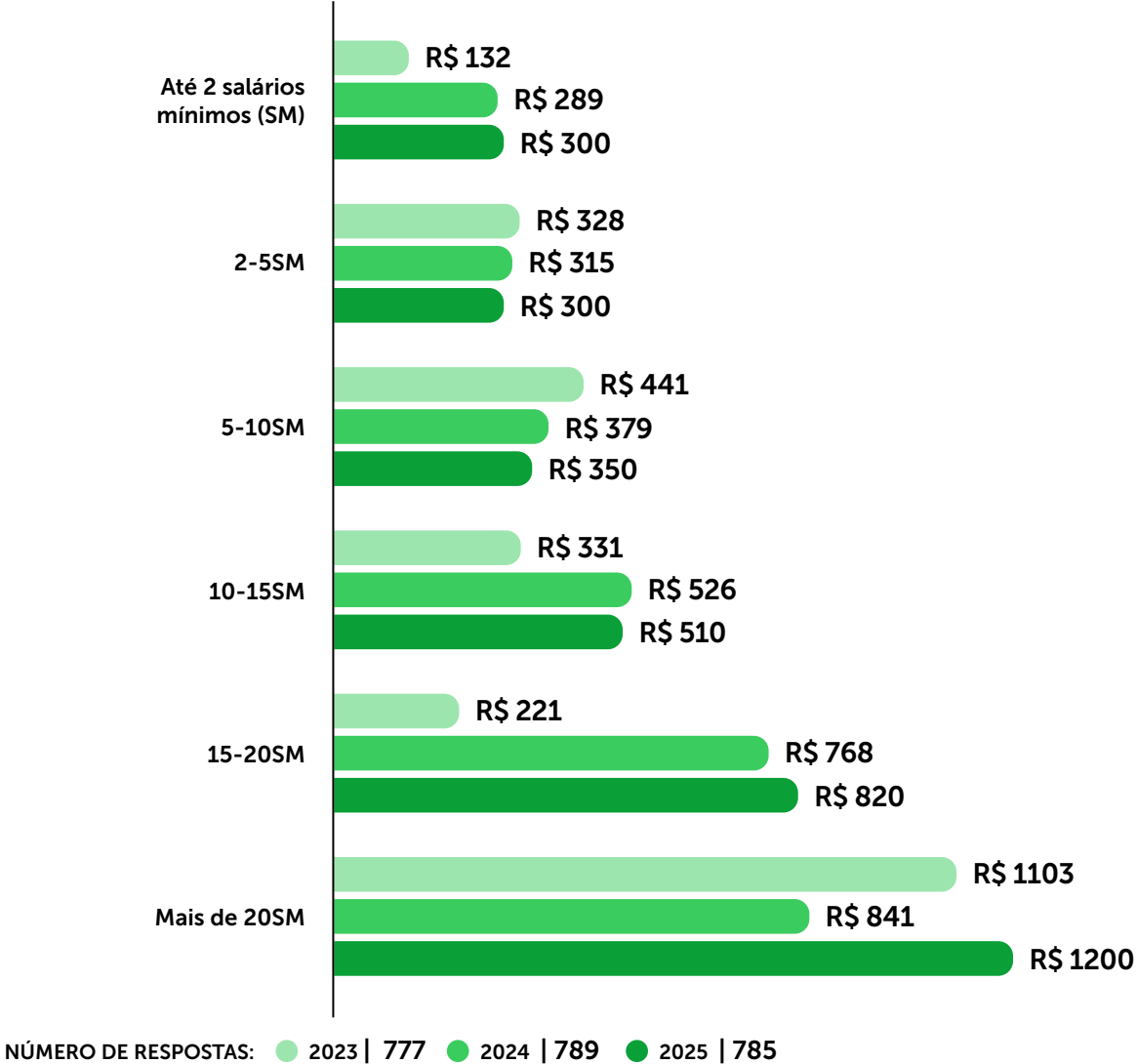
GRÁFICO 13
Distribuição das doações, por faixa de valor anual



Ao mesmo tempo, aumentou a participação das doações de menor valor. A faixa de até R\$ 100 passou de 13% em 2023 para 19% em 2024 e 22% em 2025. Esse crescimento sugere uma ampliação relativa de contribuições menores, possivelmente associada a doadores pontuais, campanhas de emergência ou formas de doação mais acessíveis, como Pix e dinheiro em espécie.

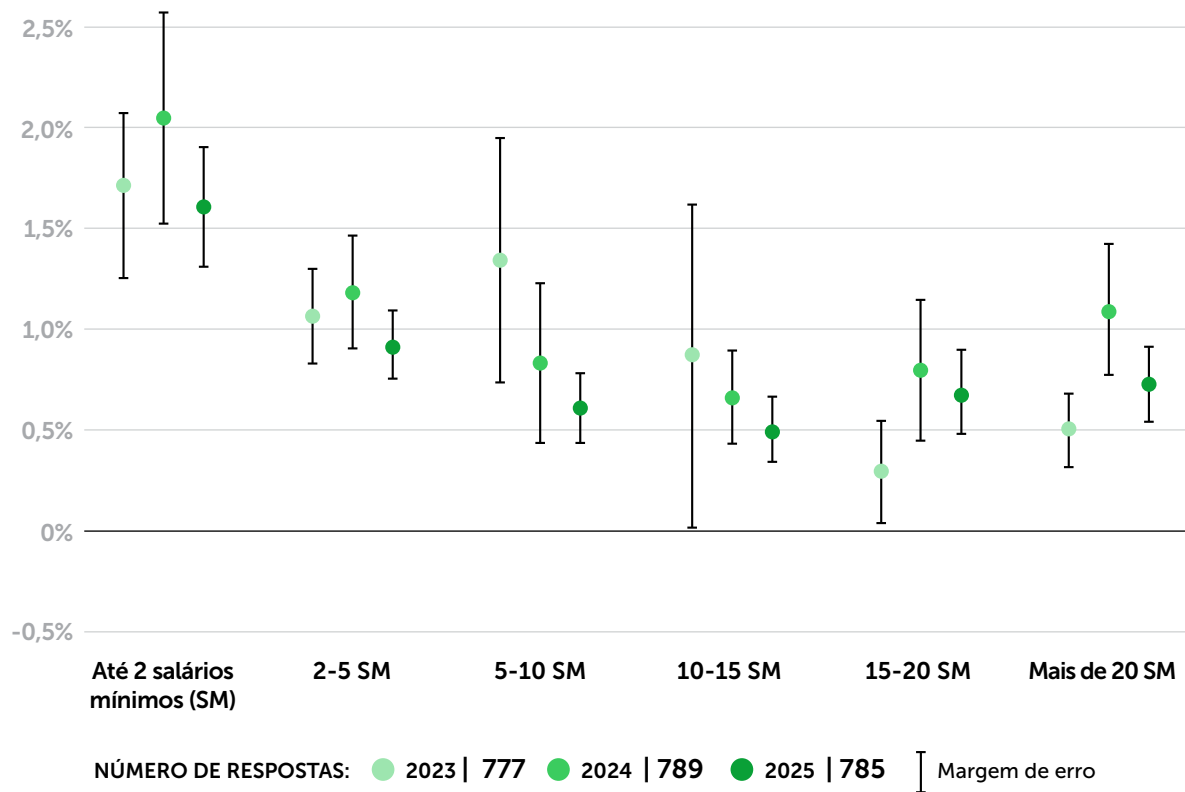
As faixas de maior valor continuam representando uma parcela minoritária dos doadores. Em 2025, 8% dos doadores declararam ter doado valores entre R\$ 1.000 e R\$ 2.000; 4%, entre R\$ 2.000 e R\$ 5.000; e apenas 1%, acima de R\$ 5.000. Assim, embora o volume total doado seja expressivo, a base de doações permanece fortemente concentrada em contribuições de pequeno e médio valor.

GRÁFICO 14
Mediana do valor doado, por categorias de renda (em salários mínimos)



O **Gráfico 14** mostra que os valores doados variam fortemente segundo a renda familiar. A mediana anual entre os doadores foi de R\$ 300 nas faixas de até 2 salários mínimos e de 2 a 5 salários mínimos; subiu para R\$ 350 entre 5 e 10 salários mínimos; alcançou R\$ 510 entre 10 e 15 salários mínimos; R\$ 820 entre 15 e 20 salários mínimos; e R\$ 1.200 entre aqueles com renda familiar acima de 20 salários mínimos.

GRÁFICO 15
Proporção da renda dos doadores destinada a OSCs
(por grupo de rendimento familiar)



A análise muda, porém, quando se observa a proporção da renda destinada às doações. O **Gráfico 15** mostra que os doadores de menor renda destinam uma parcela maior de sua renda familiar às OSCs. Esse padrão aparece de forma consistente nos três anos da pesquisa.

Portanto, os grupos de maior renda doam mais em reais, mas os grupos de menor renda fazem, proporcionalmente, um esforço maior. Esse resultado é importante porque evita uma leitura simplista dos valores absolutos. Afinal, a doação de R\$ 300 pode representar um peso muito diferente no orçamento de uma família que recebe até 2 salários mínimos e no de uma família situada no topo da distribuição de renda, acima de 20 salários mínimos.



Uma possível explicação para a dinâmica observada no Gráfico 15 está relacionada ao efeito de ancoragem, segundo o qual as pessoas doam dentro de suas possibilidades, mas frequentemente partem de valores sugeridos por campanhas ou organizações. Um valor considerado baixo para uma pessoa de renda alta pode representar uma fração relevante da renda de alguém com menor renda. Caso essa hipótese esteja correta, há espaço para estratégias de captação mais segmentadas, capazes de ajustar sugestões de valor à capacidade contributiva de diferentes públicos.

Comparação com as doações para causas religiosas

Para dimensionar o volume das doações financeiras destinadas às OSCs, é útil compará-lo ao de outro circuito relevante de contribuição no Brasil, as doações para causas religiosas. A pesquisa *Retrato da Solidariedade* perguntou, separadamente, sobre contribuições a igrejas, templos, sinagogas, terreiros, centros espíritas ou outras comunidades espirituais.¹⁸ Em 2025, 30% dos entrevistados afirmaram ter realizado esse tipo de doação, proporção semelhante à observada entre aqueles que fizeram doações financeiras para OSCs.

Utilizando a mesma metodologia aplicada às OSCs, estima-se que as doações para causas religiosas tenham somado aproximadamente R\$ 24,5 bilhões em 2025, o equivalente a 0,19% do PIB brasileiro. O montante é superior ao de 2024, de cerca de R\$ 19 bilhões, ou 0,16% do PIB, e comparável ao total destinado às OSCs em 2025, estimado em R\$ 21,1 bilhões, ou 0,17% do PIB. A mediana das quantias doadas para causas religiosas foi de R\$ 315 em 2024 e de R\$ 300 em 2025.

Embora se trate de circuitos de contribuição distintos, os montantes estimados são da mesma ordem de grandeza. Essa proximidade evidencia o peso das instituições religiosas no ecossistema mais amplo de solidariedade no Brasil, uma dimensão da contribuição financeira que tende a passar despercebida quando o olhar se concentra apenas sobre as OSCs.

¹⁸ Doações feitas para hospitais, escolas ou projetos administrados por instituições religiosas são contabilizadas nas causas específicas correspondentes, e não como doações para causas religiosas. As perguntas sobre valores doados para causas religiosas foram inseridas no questionário de 2024 e 2025.

ALTA RENDA E POTENCIAL DE DOAÇÃO



Como as doações financeiras dependem da disponibilidade de recursos, é esperado que pessoas de maior renda apresentem maior probabilidade de contribuir e realizem doações de valores mais elevados. Esse potencial de arrecadação torna esses grupos especialmente relevantes para as estratégias de captação das OSCs.

Para analisar o comportamento das pessoas de maior renda na amostra, foi utilizado o ponto de corte dos 10% de maior renda. Essa análise é uma das vantagens do desenho amostral da *Retrato da Solidariedade*. Além da amostra nacional, a pesquisa inclui entrevistas adicionais em domicílios de renda elevada, o que permite observar com mais precisão um grupo que costuma estar sub-representado em pesquisas domiciliares convencionais.

Os resultados, destacados na **Tabela 1**, mostram que os entrevistados de maior renda apresentam maior probabilidade de realizar doações financeiras para OSCs. No topo 10% da renda, 36% fizeram doações em dinheiro, contra 28% entre os demais respondentes. O valor mediano doado também é mais elevado: R\$ 441 no topo 10%, contra R\$ 300 fora desse grupo. O mesmo padrão aparece para doação recorrente, doação de bens e voluntariado.

TABELA 1

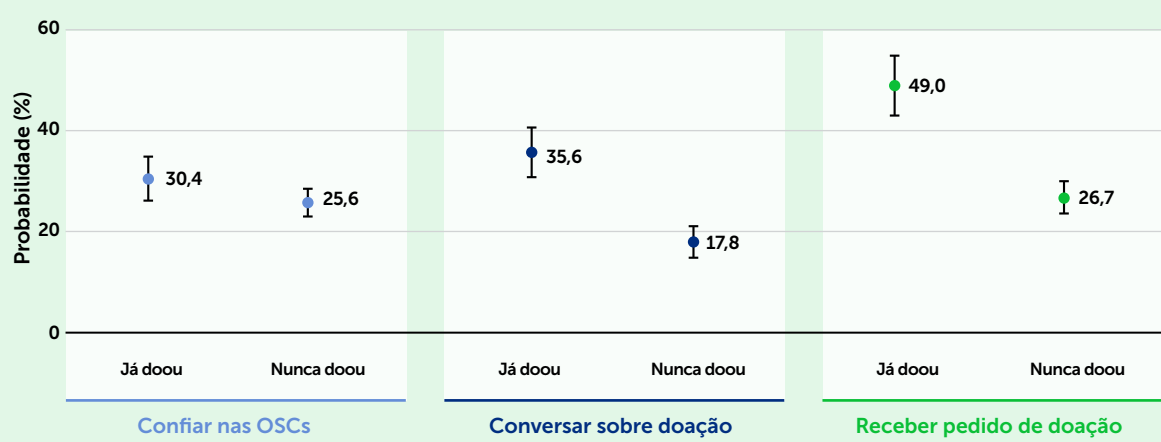
Comparação entre topo 10% da renda e a base 90% da renda, 2023-2025

	Base 90%	Topo 10%
Doadores de dinheiro para OSCs (%)	28	36
Doadores de bens para OSCs (%)	45	54
Voluntariado para OSCs (%)	14	18
Doadores recorrentes para OSCs (%)	8	13
Valor doado para OSCs (mediana, R\$)	300	441

Há também um grupo de pessoas de alta renda que nunca realizou doações para OSCs. Essa parcela merece atenção, já que a disponibilidade de recursos, por si só, não é suficiente para explicar a ausência de doação.

Como mostra o **Gráfico 16**, em comparação com pessoas de renda semelhante que já doaram, esses entrevistados conversam menos sobre o tema e recebem menos solicitações de contribuição. Além disso, demonstram níveis ligeiramente menores de confiança nas OSCs. Esse padrão, inclusive, segue a mesma tendência, embora em grau mais suave, observada nos demais indicadores.

GRÁFICO 16
Probabilidade de confiar, conversar e receber pedidos de doação financeira para OSCs, entre doadores e não doadores de alta renda (topo 10%)¹⁹



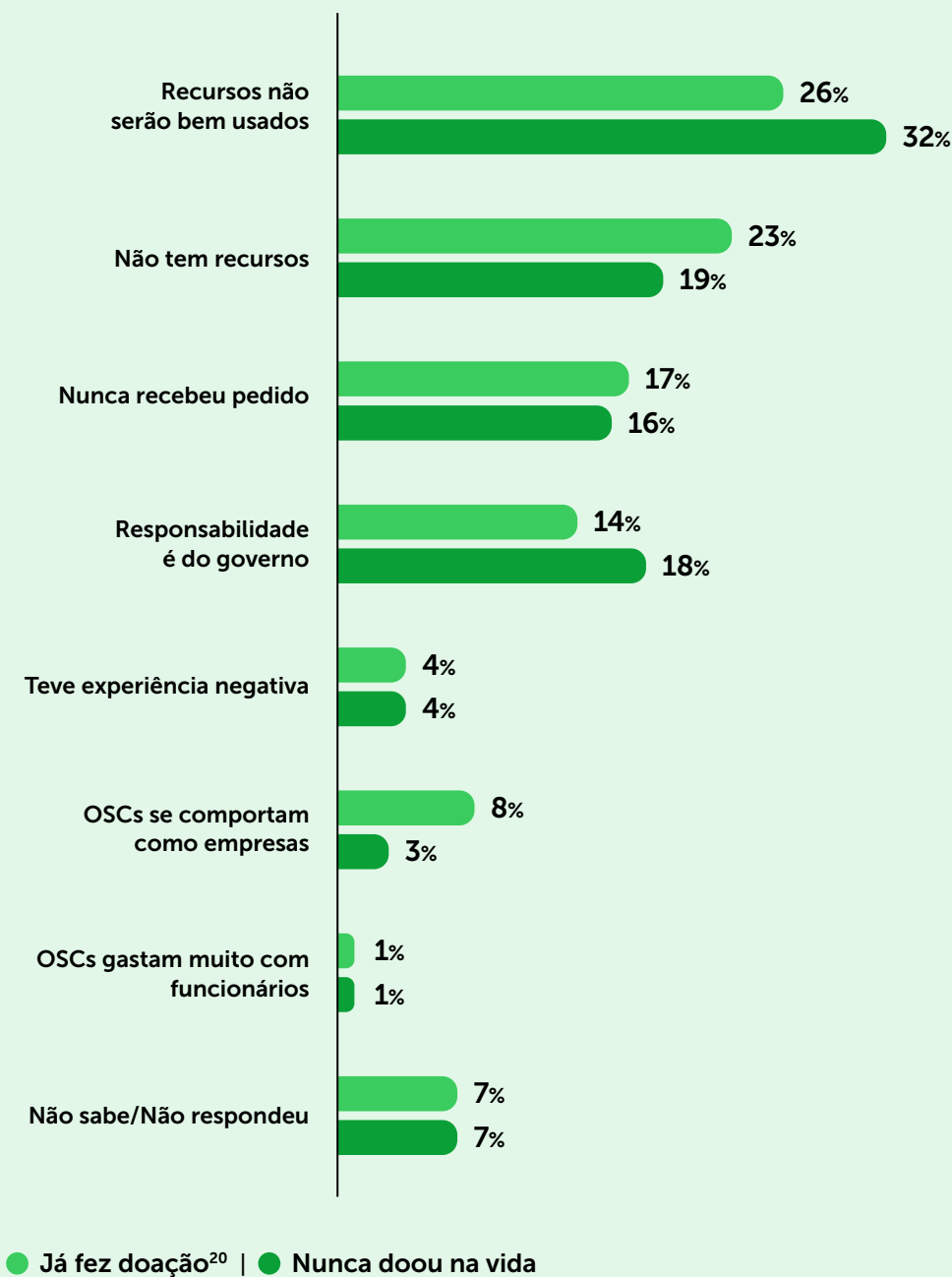
Esses resultados sugerem que parte da não doação entre indivíduos de alta renda pode estar associada à menor circulação do tema em suas redes de relacionamento. Eles não apenas doam menos do que poderiam; também parecem ser menos expostos a conversas e solicitações de doação. Isso indica uma oportunidade para estratégias de captação mais qualificadas, que combinem transparência, comunicação de impacto e abordagens mais personalizadas.

Quando perguntados sobre os motivos para não doar, os respondentes de alta renda que nunca doaram mencionam principalmente a percepção de que os recursos não serão bem utilizados, a ideia de que o governo deveria assumir essa responsabilidade, a ausência de pedidos e a falta de recursos disponíveis no momento, conforme mostra o **Gráfico 17**. A comparação com indivíduos de renda semelhante que já doaram sugere que a desconfiança e a atribuição de responsabilidade ao governo têm peso ligeiramente maior entre os que nunca doaram.

¹⁹ Os valores do Gráfico 16 foram estimados por meio de modelo de regressão, controlando demais fatores, assim como descrito na seção 1.

GRÁFICO 17

Principal motivo para não ter doado dinheiro para OSCs, topo 10% da renda



NÚMERO DE RESPOSTAS: 462 (2023) | 573 (2024) | 447 (2025)

20 "Já fez doação" se refere a respondentes que declararam ter feito alguma doação financeira para OSCs ao longo da vida, mas não no ano em que participaram da pesquisa.



METODOLOGIA PARA CÁLCULO DOS VALORES

Doação como proporção do PIB

A estimativa de valores é feita a partir da divisão da população em dez faixas de renda e da verificação da participação de cada uma delas na população. Em cada faixa, calcula-se a média anual do valor doado para OSCs, considerando doadores e não doadores.

A soma dos resultados das dez faixas permite estimar o valor médio que cada adulto brasileiro com mais de 18 anos doa, levando em conta o peso relativo de cada grupo de renda. Esse valor médio é então multiplicado por 160 milhões, estimativa do IBGE para o número de adultos no país,²¹ resultando no total doado pela população.

Por fim, esse total é dividido pelo PIB brasileiro (R\$ 10,9 trilhões em 2023, R\$ 11,7 trilhões em 2024 e R\$ 12,7 trilhões em 2025), para se chegar à proporção do valor doado em relação ao PIB.

Para reduzir o impacto de casos extremos que possam distorcer a média, foi aplicada uma técnica chamada winsorização. Por meio dela, os valores acima do 95º percentil em cada faixa de renda foram substituídos pelo valor correspondente ao 95º percentil.

²¹ Os dados são das Projeções da População do IBGE. As referências completas estão ao final deste relatório.

Conversão de variáveis

Algumas variáveis coletadas em faixas de valores foram convertidas em números para permitir os cálculos. Nesses casos, utilizou-se o ponto médio entre os limites inferior e superior de cada faixa. Por exemplo, se a renda familiar de um indivíduo estivesse entre R\$ 3.000 e R\$ 5.000, considerou-se o valor de R\$ 4.000. Na primeira faixa, que não possui limite inferior, utilizou-se o limite superior. Na última faixa, que não possui limite superior, acrescentaram-se 20% ao limite inferior para estimar o ponto médio.

CrITÉRIOS de exclusão

Para medir melhor as doações financeiras para OSCs, a pesquisa adotou dois critérios de exclusão:

- R\$ 30 por ano foi estipulado como limite mínimo de valor doado;
- casos de doações financeiras para OSCs que ultrapassam 20% da renda individual do entrevistado foram excluídos, para assegurar maior consistência entre a renda e a doação declarada.

Testes de sensibilidade

Como as estimativas agregadas podem variar conforme escolhas metodológicas, foram realizados testes de sensibilidade. Eles consideraram diferentes critérios de classificação de doadores, diferentes limites mínimos de valor doado, diferentes pontos de corte para exclusão de doações muito altas em relação à renda e diferentes níveis de winsorização.

A estimativa principal apresentada neste relatório usa como referência o critério combinado de exclusão de doações abaixo de R\$ 30 e acima de 20% da renda individual, com winsorização no 95º percentil.

As tabelas completas desses testes estão disponíveis no anexo online²². Elas mostram como as estimativas mudam em cenários alternativos. Por exemplo: sem winsorização, com winsorização nos percentis 90, 95 e 99, ou com diferentes critérios de exclusão. Essa comparação permite avaliar a sensibilidade dos resultados às decisões metodológicas e dar maior transparência às escolhas feitas neste relatório.

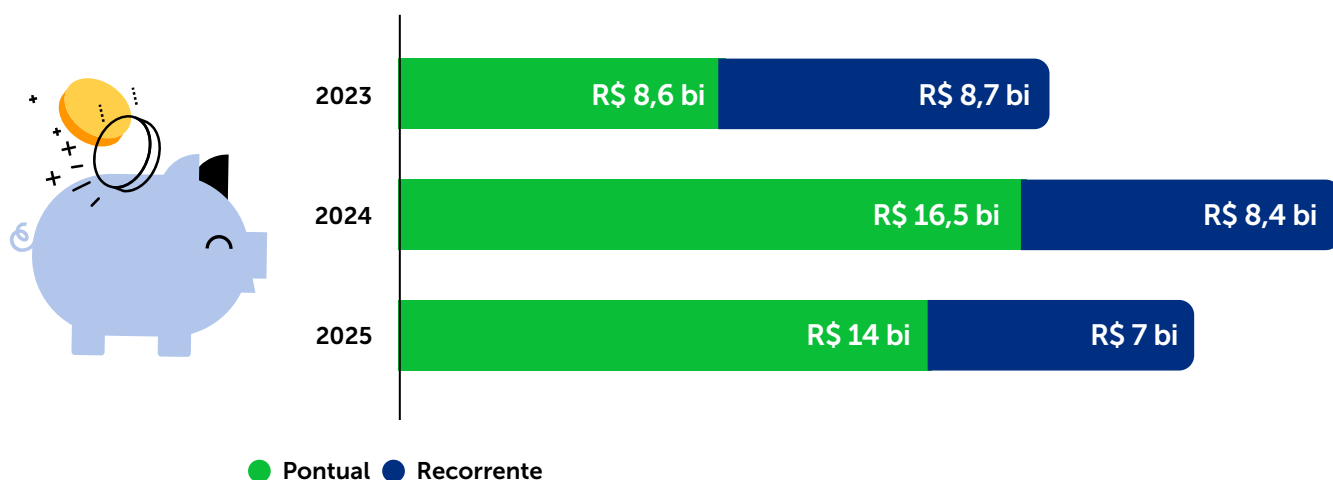
²² Anexo online disponível em: https://osf.io/y2v8a/files/xv6rp_

Doações pontuais e recorrentes

A pesquisa *Retrato da Solidariedade* classifica os doadores financeiros para OSCs em dois grupos. O primeiro é formado pelos *doadores recorrentes*, que realizam pagamentos programados para uma mesma organização, em intervalos predefinidos, como mensal, trimestral ou anual. O segundo reúne os *doadores pontuais*, que fazem contribuições avulsas, sem programação prévia.

GRÁFICO 18

Total doado, por tipo de doador



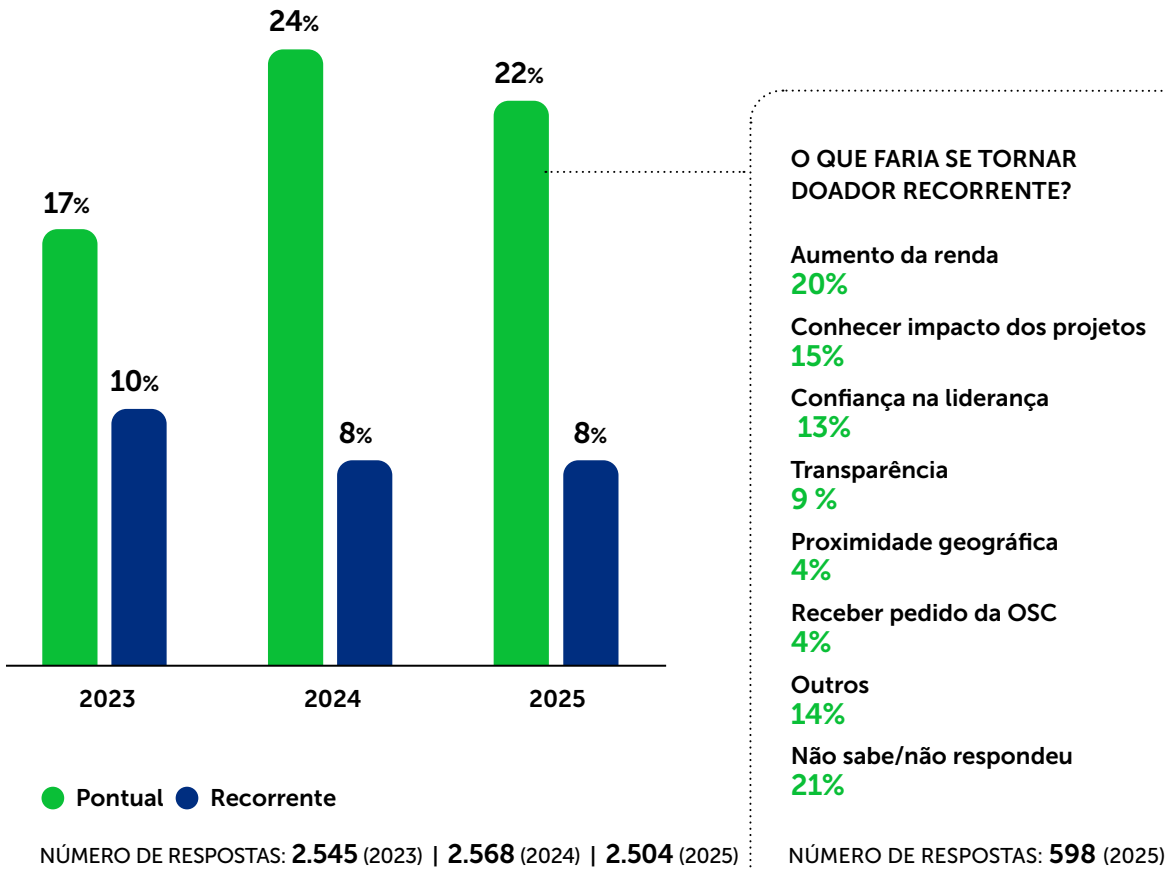
NÚMERO DE RESPOSTAS: **777** (2023) | **789** (2024) | **785** (2025)

Os dados dos **Gráficos 18 e 19** mostram que o salto das doações financeiras em 2024 foi puxado principalmente pelos doadores pontuais. A proporção de brasileiros que fizeram esse tipo de contribuição passou de 17%, em 2023, para 24%, em 2024. Em 2025, houve recuo para 22%, mas o percentual permaneceu bem acima do observado no primeiro ano da pesquisa.

O mesmo movimento aparece no volume arrecadado. As doações pontuais somaram R\$ 8,6 bilhões em 2023, quase dobraram em 2024, chegando a R\$ 16,5 bilhões, e recuaram para R\$ 14 bilhões em 2025. Esse padrão reforça a interpretação de que 2024 foi um ano atípico.

A doação recorrente seguiu trajetória diferente. A proporção de brasileiros que fazem contribuições programadas caiu de 10%, em 2023, para 8%, em 2024, e permaneceu praticamente estável em 2025. Em valores absolutos, o total doado por recorrentes passou de R\$ 8,7 bilhões em 2023 para R\$ 8,4 bilhões em 2024 e R\$ 7 bilhões em 2025.

GRÁFICO 19
Doadores de dinheiro para OSCs,
por regularidade de contribuição

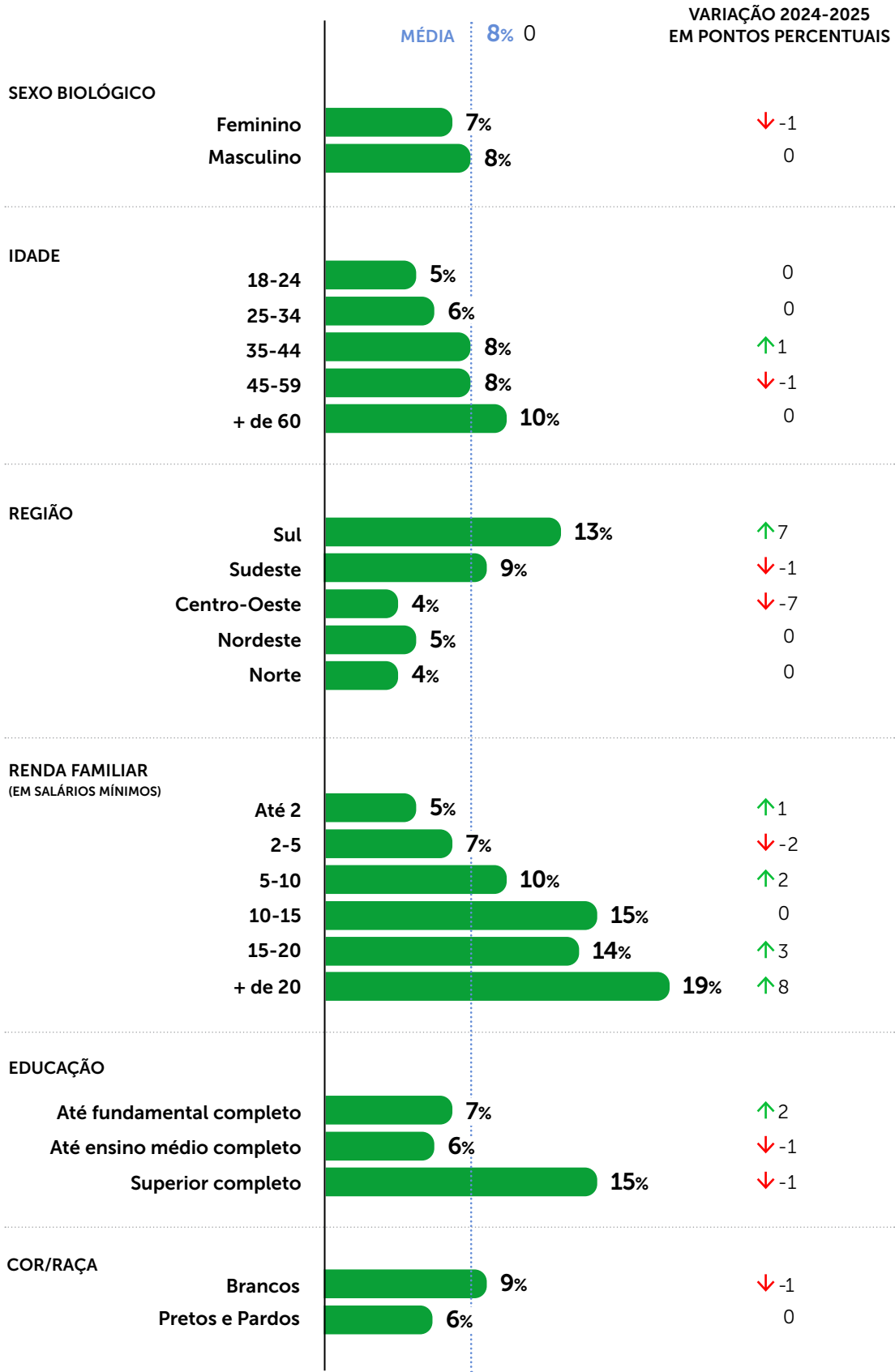


Doadores recorrentes contribuem com valores medianos consistentemente superiores aos dos doadores pontuais ao longo dos três anos. Em 2025, a mediana do doador recorrente foi de R\$ 400, contra R\$ 300 do pontual — uma diferença de 33%. As duas séries seguem a mesma trajetória, com pico em 2024 (R\$ 442 entre recorrentes e R\$ 315 entre pontuais) e leve recuo em 2025, mantendo-se, porém, acima do patamar de 2023.

Essa diferença entre doações pontuais e recorrentes é importante para as OSCs. Doações pontuais podem crescer rapidamente em contextos de emergência, como ocorreu em 2024, mas são menos previsíveis. Já as doações recorrentes tendem a oferecer maior estabilidade financeira às organizações, ainda que permaneçam restritas a uma parcela menor da população.

GRÁFICO 20

Perfil do doador recorrente, por variáveis selecionadas



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2.568 (2024) | 2.504 (2025)

O perfil dos doadores recorrentes ajuda a entender por que essa forma de contribuição é menos disseminada. Em 2025, ela aparece mais frequentemente entre pessoas de maior renda, maior escolaridade e idade mais elevada, conforme mostra o **Gráfico 20**. Entre os entrevistados com renda familiar acima de 20 salários mínimos, 19% fizeram doações recorrentes; entre os que recebem até 2 salários mínimos, o percentual foi de 5%. Entre pessoas com ensino superior completo, a proporção chegou a 15%, contra 6% entre aquelas com até ensino médio completo.

Os dados também revelam diferenças regionais relevantes. O Sul se destacou em 2025, com 13% de doadores recorrentes, acima das demais regiões. Esse resultado contrasta com a queda observada entre 2023 e 2024 e pode indicar que parte da mobilização associada às enchentes no Rio Grande do Sul se transformou em vínculos mais duradouros com OSCs. Nas demais regiões, a recorrência permaneceu em patamares mais baixos: 9% no Sudeste, 5% no Nordeste, 4% no Norte e 4% no Centro-Oeste.

Em conjunto, os resultados sugerem que a doação recorrente continua sendo um desafio para o terceiro setor. Ela depende não apenas da disposição para doar, mas também de previsibilidade orçamentária, confiança e vínculo com organizações. A mobilização pontual segue sendo fundamental, especialmente em momentos de crise, mas ampliar a recorrência pode ser decisivo para fortalecer a sustentabilidade financeira das OSCs ao longo do tempo.



QUADRO 2

Escolaridade, renda e idade como determinantes da doação recorrente

No perfil do doador recorrente (**Gráfico 20**), escolaridade, renda e idade são os fatores que mais pesam. Os modelos do **Gráfico 21** sustentam os três ao comparar pessoas semelhantes e dimensionam o tamanho de cada diferença.

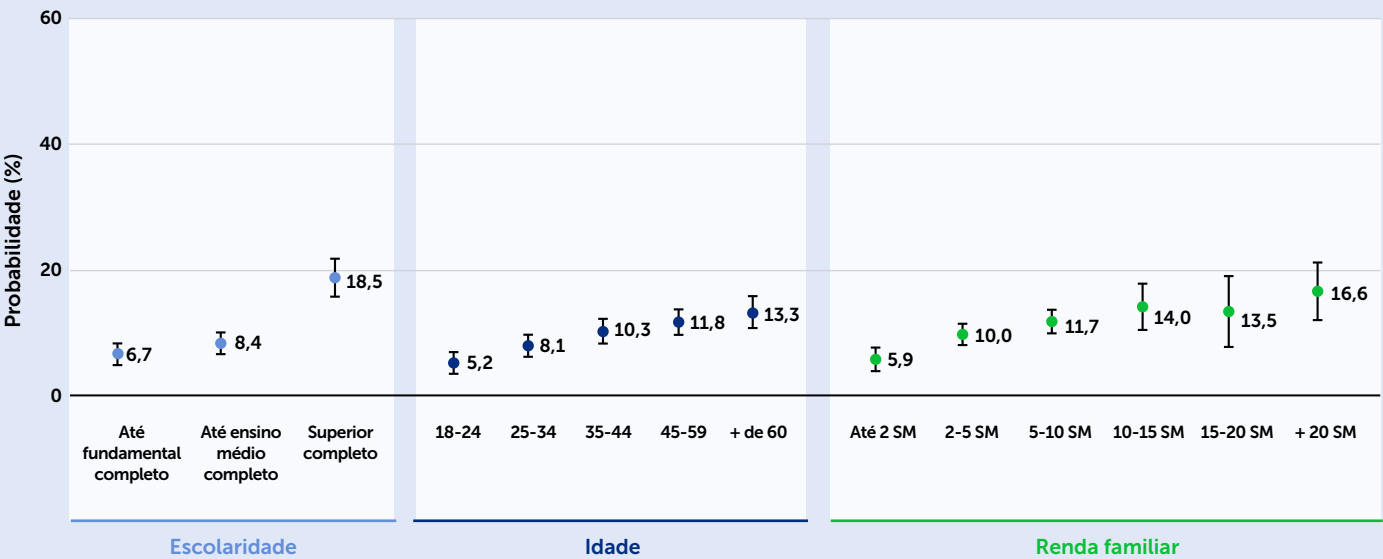
Ao observar a **escolaridade** dos doadores, a probabilidade de fazer contribuições programadas para OSCs é de cerca de 7% entre pessoas com até ensino fundamental completo e chega a cerca de 18% entre pessoas com ensino superior completo, uma diferença de 11 pontos percentuais que persiste após o controle das demais variáveis.

A **renda** segue padrão semelhante. A probabilidade sobe de em torno de 6%, entre quem recebe até 2 salários mínimos, para patamares próximos ou superiores a 15% nos grupos de maior renda. A **idade** também diferencia os grupos: a probabilidade sobe de cerca de 5% entre os mais jovens para aproximadamente 13% entre os de 60 anos ou mais — cerca de duas vezes e meia.

A doação recorrente depende, portanto, de condições que favorecem compromissos financeiros mais estáveis, como escolaridade, renda e previsibilidade orçamentária, além da inserção em redes de relacionamento nas quais a contribuição regular é praticada e incentivada.

GRÁFICO 21

Probabilidade de ser doador recorrente para OSCs, por escolaridade, idade e renda familiar



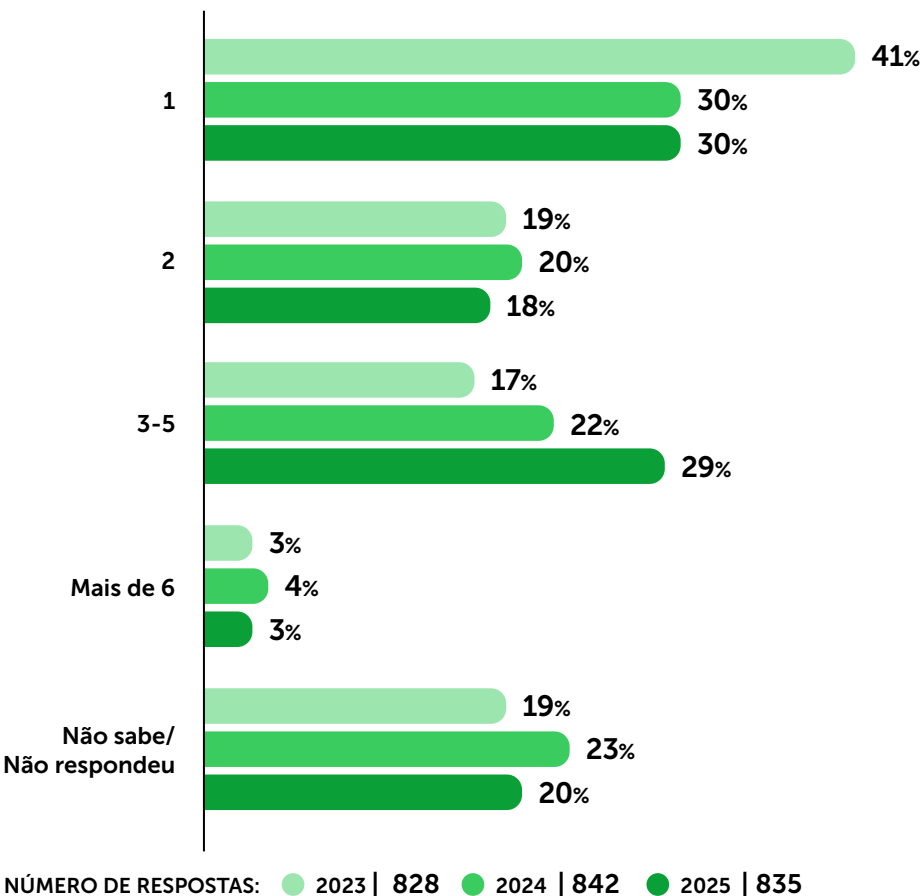
Quantas OSCs o brasileiro apoia — e como faz a contribuição

A maior parte dos doadores financeiros apoia poucas organizações. Em 2025, 30% afirmaram ter doado para uma única OSC, 18% para duas e 29% para três a cinco organizações, como mostra o **Gráfico 22**.

Em comparação com 2023, quando 41% apoiavam apenas uma instituição, os dados sugerem uma diversificação moderada. O apoio a uma única OSC perdeu força, enquanto cresceu a parcela dos que contribuem com três a cinco organizações.

GRÁFICO 22

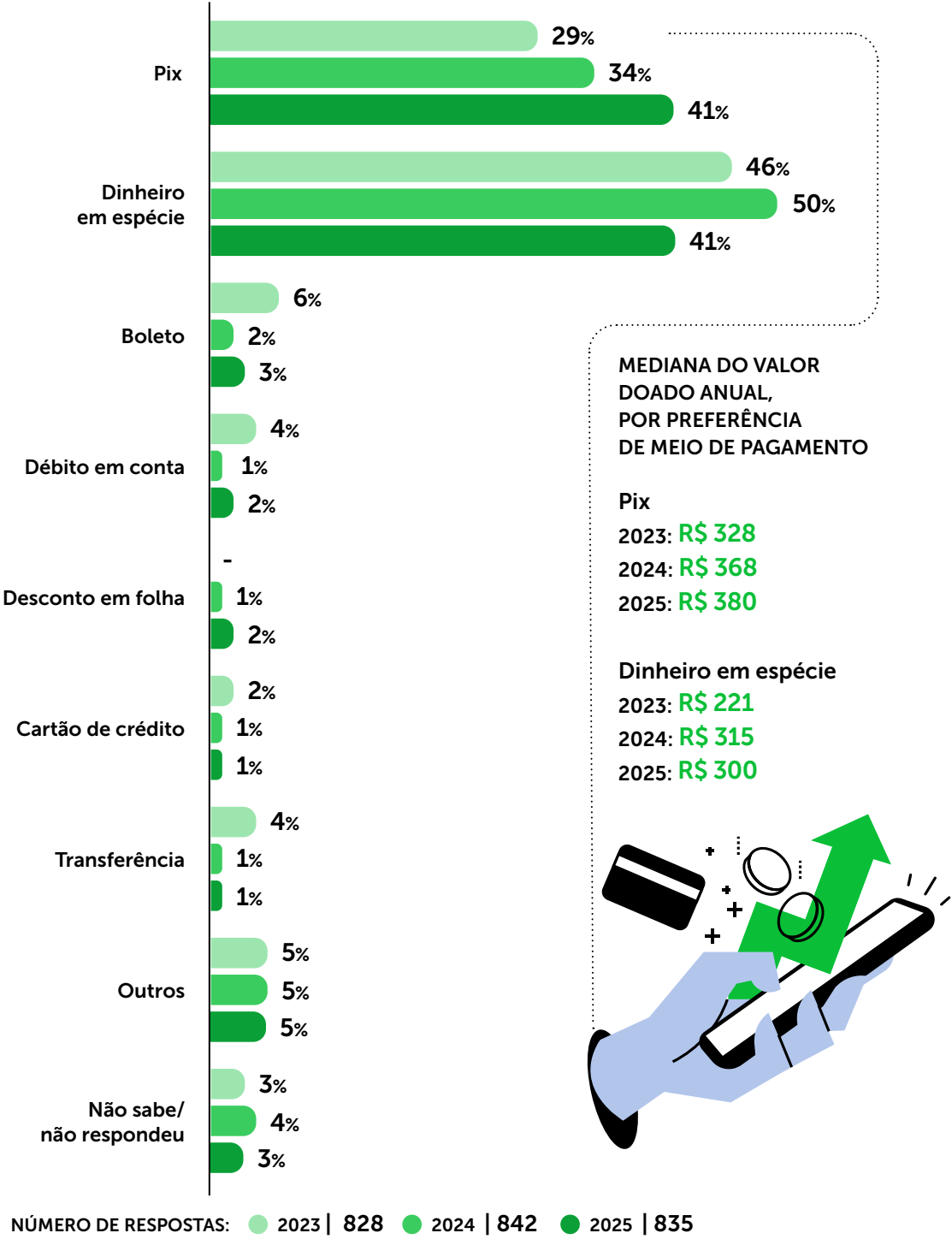
Para quantas OSCs fez doação financeira



Ao mesmo tempo, a proporção de entrevistados que não souberam informar ou não responderam permanece elevada, atingindo 20% em 2025. Esse resultado pode refletir a própria informalidade de parte das doações. Muitas contribuições são feitas de maneira avulsa, sem planejamento prévio e, às vezes, sem registro claro de quantas organizações foram apoiadas ao longo do ano.

A mudança mais relevante aparece no meio de pagamento. O **Gráfico 23** revela que, em 2025, o Pix se igualou ao dinheiro em espécie, sendo ambos mencionados por 41% dos doadores como o meio mais frequente para fazer doações. Em 2023, o Pix era citado por 29%; em 2024, por 34%. Ou seja, em dois anos, houve um aumento de 12 pontos percentuais, um crescimento relativo de cerca de 41%.

GRÁFICO 23
Meio de pagamento mais frequente para fazer doações





O resultado do **Gráfico 23** indica que o Pix se consolidou como um dos principais meios de doação financeira no Brasil. O dinheiro em espécie, que havia crescido em 2024 e chegado a 50%, recuou para 41% em 2025. Os demais meios de pagamento aparecem em patamares bem menores: boleto, débito em conta, cartão de crédito, transferência e desconto em folha, somados, permanecem distantes dos dois canais dominantes.

Essa transformação acompanha a difusão mais ampla do Pix na economia brasileira, mas tem implicações específicas para o terceiro setor. Para os doadores, a ferramenta reduz barreiras à doação ao permitir transferências rápidas, inclusive de pequeno valor, sem a necessidade de boleto, maquininha ou dinheiro físico.

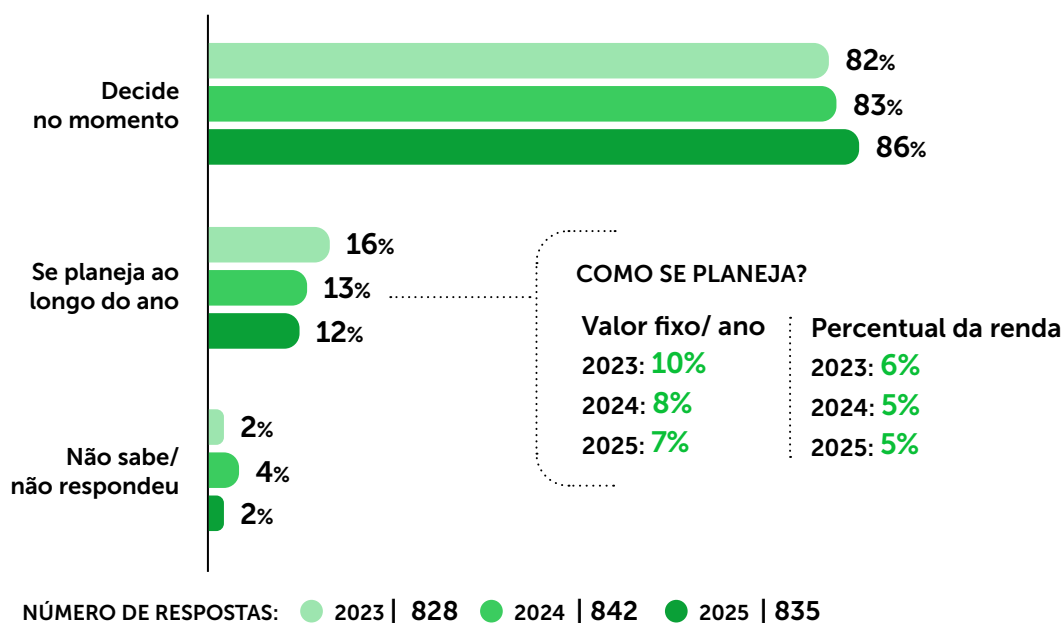
Para as OSCs, o Pix pode ampliar o alcance das campanhas e facilitar doações pontuais. Ao mesmo tempo, cria desafios, uma vez que as doações via Pix podem dificultar a retomada do contato com o doador, o desenvolvimento de relacionamentos duradouros e a conversão de contribuições avulsas em doações recorrentes.

Em municípios com mais de 750 mil habitantes, o Pix já supera o dinheiro em espécie como meio de pagamento para doações. O mesmo acontece entre os entrevistados de renda mais alta. O Pix também avança em grupos tradicionalmente menos associados a meios digitais. Entre pessoas com 60 anos ou mais, por exemplo, o uso do Pix para doações cresceu entre 2023 e 2025. Esses resultados sugerem que o Pix deixou de ser apenas um canal de grupos mais jovens e metropolitanos e passou a integrar, de forma mais ampla, o repertório de doação dos brasileiros.

Os dados mostram que a mediana do valor doado varia entre os meios de pagamentos mais utilizados. Em 2025, foi de R\$ 380 entre doações via Pix e R\$ 300 entre doações em dinheiro em espécie, uma diferença de 27%. Meios como boleto e débito em conta apresentam medianas maiores, mas são utilizados por uma parcela pequena dos doadores, o que torna essas estimativas menos precisas.

GRÁFICO 24

Como você se planeja para fazer doações para OSCs?



A prevalência do dinheiro em espécie e do Pix como principais meios de pagamento deve ser analisada em conjunto com outra característica das doações financeiras: elas continuam sendo pouco planejadas. Os dados do **Gráfico 24** mostram que, em 2025, 86% dos doadores afirmaram decidir o valor da contribuição no momento da doação. Apenas 7% disseram reservar um valor fixo por ano, e 5% afirmaram doar um percentual da renda.

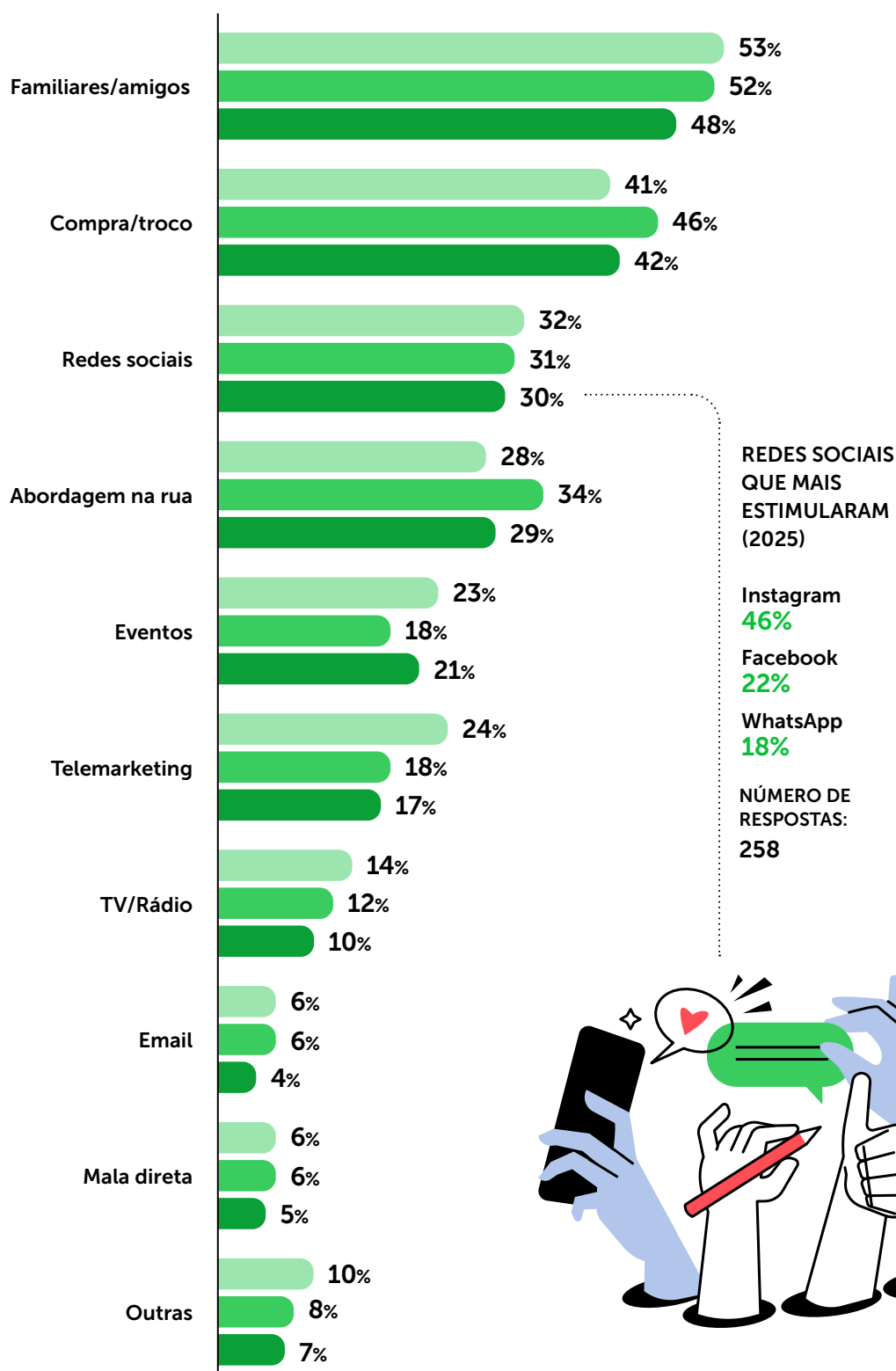
O padrão apresentado reforça o caráter reativo da doação financeira para OSCs no Brasil. A maioria dos doadores não separa previamente uma parcela do orçamento para apoiar organizações; decide no momento, em resposta a uma solicitação, a uma campanha, a uma situação emergencial ou a uma oportunidade concreta de contribuir. Nesse contexto, Pix e dinheiro em espécie se destacam por serem meios compatíveis com decisões rápidas e de baixo planejamento.

Canais que mais estimulam a doar

Se os meios de pagamento mostram como a doação é feita, os canais de estímulo ajudam a compreender o que desencadeia a contribuição. Em 2025, os principais estímulos continuam associados a redes pessoais e a situações de contato direto. Assim, familiares e amigos foram mencionados por 48% dos doadores, compra ou arredondamento de troco por 42%, redes sociais por 30% e abordagem na rua por 29%, conforme sinaliza o **Gráfico 25**.

GRÁFICO 25

Opções que mais estimularam a doar dinheiro para OSCs



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2023 | 828 2024 | 842 2025 | 835

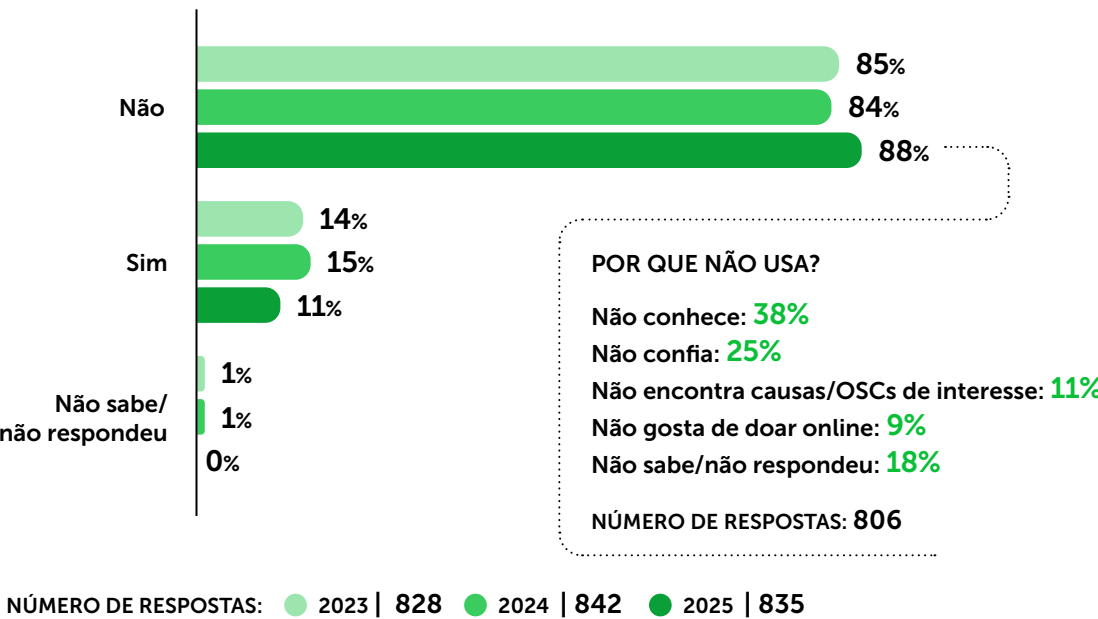
Em comparação com 2024, houve recuo nas menções a familiares e amigos, compra ou troco e abordagem na rua. As redes sociais permaneceram em patamar semelhante, próximas de um terço dos doadores. Os eventos, por outro lado, voltaram a ganhar algum espaço em 2025, alcançando 21%.

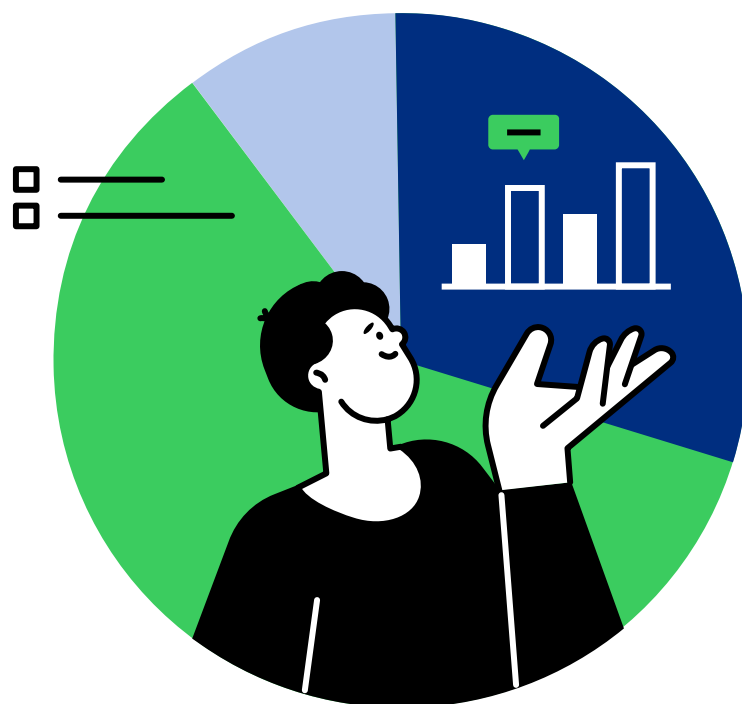
O conjunto dos resultados sugere que a decisão de doar continua fortemente ligada a relações de confiança e a oportunidades concretas de contato. Familiares, amigos, redes sociais, eventos, compras e abordagens presenciais funcionam como gatilhos que transformam a disposição geral para ajudar em doação efetiva. A doação financeira não depende apenas da disponibilidade de meios de pagamento, mas também de solicitações, recomendações e situações que aproximam a causa do potencial doador.

Outras formas de doação financeira: plataformas de financiamento coletivo

Além das doações diretas já analisadas, a pesquisa investiga o uso das plataformas de financiamento coletivo, ou *crowdfunding*, como alternativas com potencial de ampliar recursos para as OSCs, que ainda seguem sendo pouco utilizadas pelos doadores financeiros para OSCs. Como mostra o **Gráfico 26**, em 2025, 11% dos doadores afirmaram ter recorrido a esse tipo de ferramenta. O percentual é menor que o observado em 2024 (15%) e em 2023 (14%).

GRÁFICO 26
Doou para OSCs por meio de plataforma de financiamento coletivo?





O resultado sugere que o *crowdfunding* ainda não se consolidou como canal regular de doação para OSCs no Brasil. Diferentemente do Pix, que se tornou um dos principais meios de pagamento das contribuições financeiras, as plataformas de financiamento coletivo seguem restritas a uma parcela pequena de doadores. Elas parecem ser acionadas mais em campanhas específicas ou causas com maior circulação em ambientes digitais do que como uma forma habitual de contribuição.

Entre os doadores que não utilizam plataformas de financiamento coletivo, o principal motivo continua sendo o desconhecimento. Em 2025, 38% afirmam não conhecer esse tipo de ferramenta. Embora esse percentual seja inferior ao observado em 2023 (45%), ele permanece elevado.

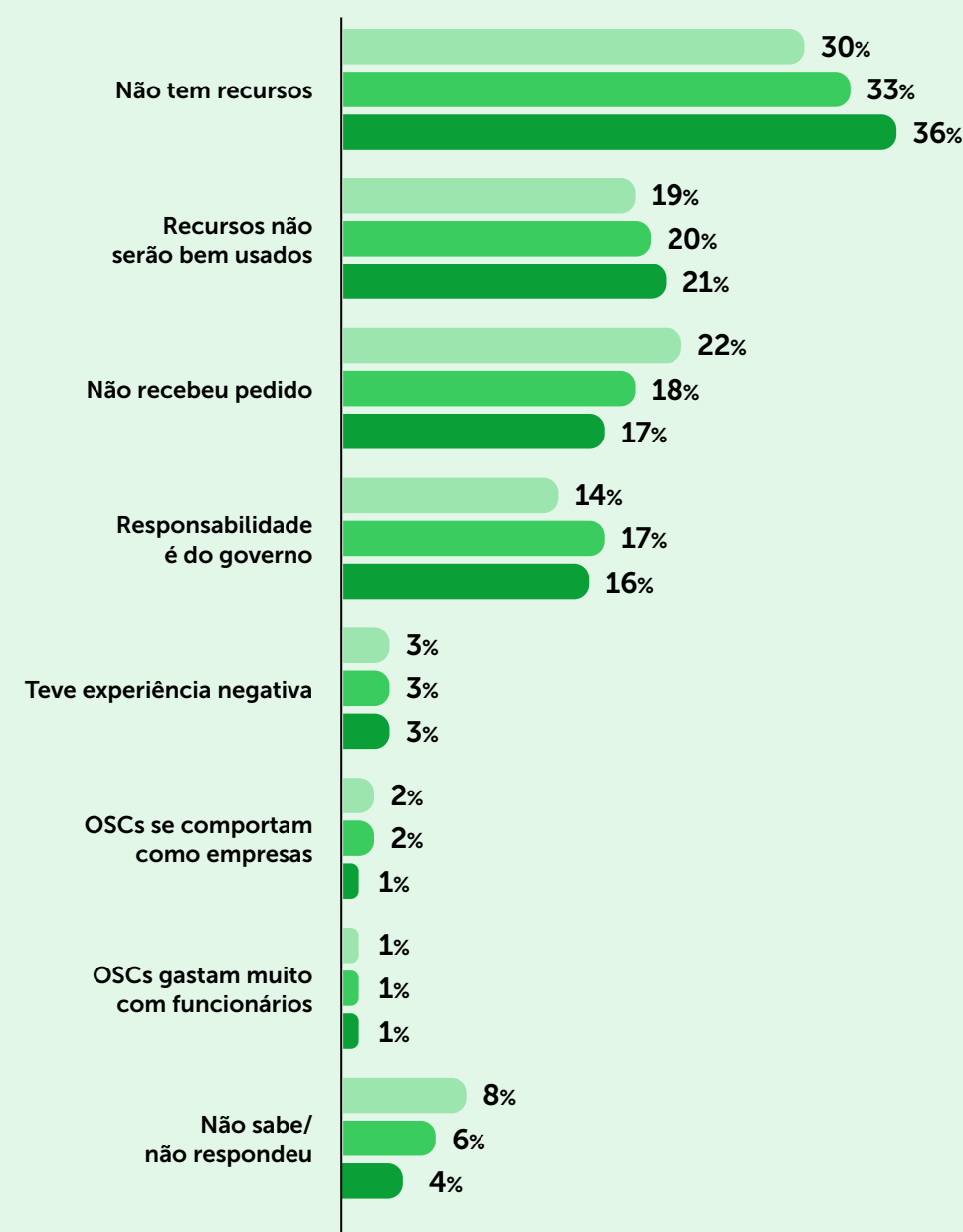
A desconfiança aparece como uma barreira relevante. A parcela dos que dizem não confiar nas plataformas passou de 18% em 2023 para 23% em 2024 e 25% em 2025. Outros motivos aparecem em patamares menores: 9% dizem não gostar de doar online, 11% afirmam que sua causa de interesse não utiliza esse tipo de plataforma ou não encontram causas ou organizações de interesse.

Em resumo, a expansão do *crowdfunding* parece depender de dois movimentos complementares. O primeiro é ampliar o conhecimento sobre como essas plataformas funcionam. O segundo é reforçar sua credibilidade, deixando mais claro quem recebe os recursos, como as campanhas são verificadas e qual impacto as doações produzem. Sem isso, o canal tende a continuar restrito, mesmo em um contexto de maior digitalização dos meios de pagamento.

OS MOTIVOS DE QUEM NÃO DOA PARA OSCS

Quais são as principais dificuldades para ampliar a base de doadores das entidades brasileiras? Entre os que não fizeram doação financeira para OSCs, o obstáculo mais citado continua sendo a falta de recursos.

GRÁFICO 27
Principal motivo para não ter doado dinheiro para OSCs



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2023 | 1.083 2024 | 1.277 2025 | 1.224

Em 2025, 36% dos não doadores afirmaram não ter dinheiro disponível, percentual superior ao observado em 2024 (33%) e em 2023 (30%).

O resultado do **Gráfico 27** dialoga com o contexto econômico apresentado anteriormente, em que juros elevados, alto endividamento e pressão sobre o orçamento das famílias podem reduzir a margem disponível para contribuições financeiras. Ainda que a doação para OSCs envolva valores relativamente baixos para muitos doadores, ela compete com outras prioridades em um ambiente de orçamento apertado.

O segundo motivo mais citado é a percepção de que os recursos não serão bem utilizados, mencionada por 21% dos não doadores. Esse percentual permaneceu relativamente estável ao longo dos três anos, mas segue relevante. Ele reforça a importância de transparência, prestação de contas e comunicação de impacto para reduzir barreiras à doação.

Também aparecem como obstáculos o fato de nunca ter recebido pedido de doação, citado por 17%, e a percepção de que a responsabilidade é do governo, mencionada por 16%. Esses dois fatores apontam para dimensões diferentes do problema. O primeiro sugere uma barreira de mobilização, já que parte da população não doa porque simplesmente não é abordada. O segundo revela uma barreira de visão sobre o papel das OSCs, pois, para alguns entrevistados, a resposta a problemas sociais deveria ser responsabilidade prioritária do Estado.





04

**Perfil dos
doadores
de bens e dos
voluntários**



A seção anterior analisou as doações financeiras para OSCs, com foco em saber quem doa, por que doa, como a organização apoiada é escolhida, quais causas recebem recursos e qual é o volume estimado dessas contribuições. Nesta seção, a análise se volta para outras duas formas de apoio às OSCs: a doação de bens e o trabalho voluntário. Em 2025, essas duas modalidades seguiram o mesmo padrão de acomodação observado nas doações financeiras. A doação de bens registrou seu primeiro recuo na série, passando de 48% para 45%, e o voluntariado recuou levemente, de 15% para 14% da população.

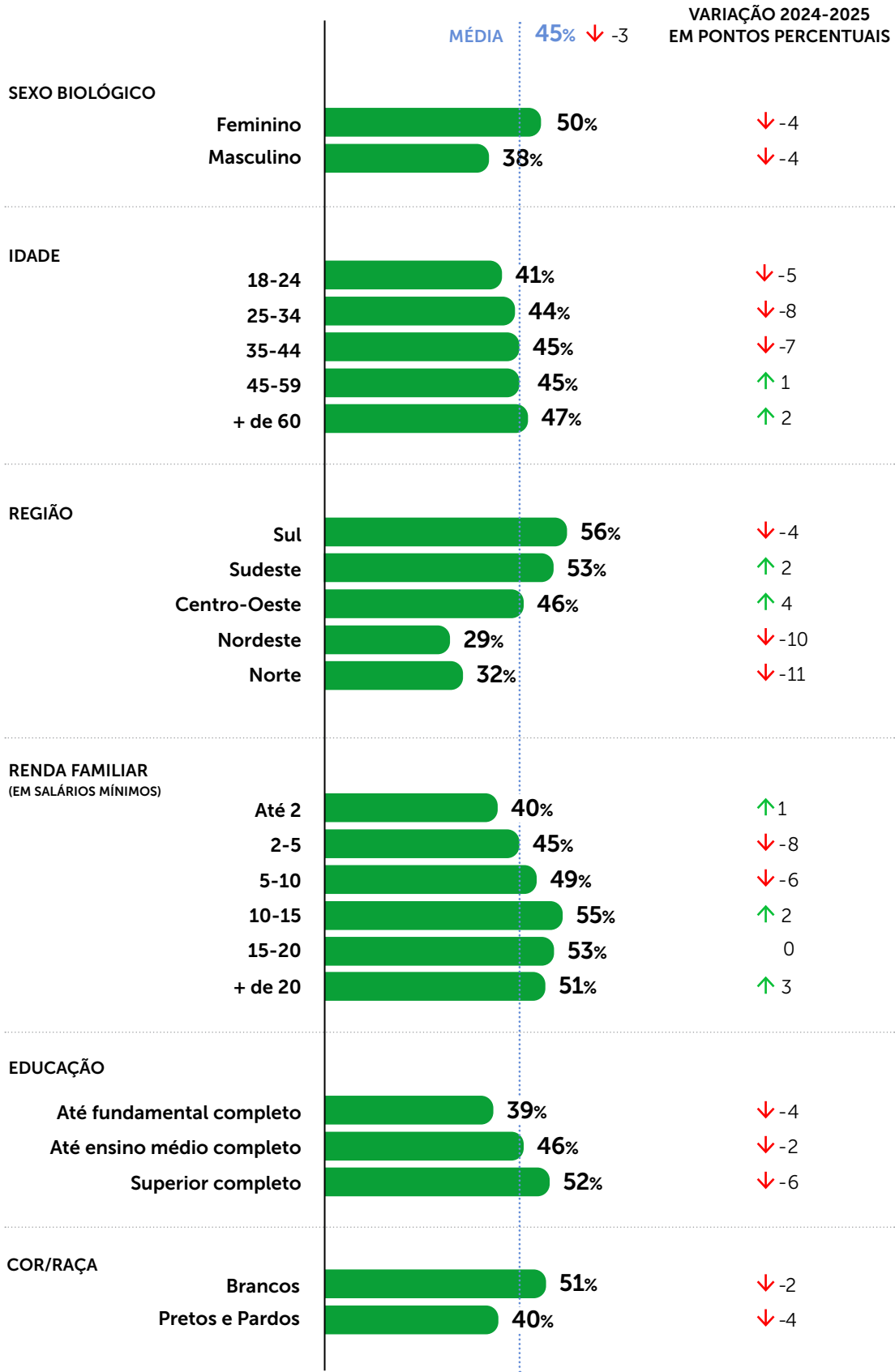
Doação de bens: primeiro recuo observado na série

A doação de bens segue sendo uma das principais portas de entrada para o apoio às OSCs. Diferentemente da doação financeira, ela não depende necessariamente da disponibilidade imediata de recursos monetários. Muitas vezes, envolve a entrega de alimentos, roupas, móveis, itens de higiene ou outros objetos já disponíveis no domicílio. Por isso, é uma modalidade relativamente acessível e presente em diferentes grupos sociais.

Em 2025, a proporção de pessoas que disseram ter doado bens apresentou a primeira queda desde o início da série, em 2023. Embora essa diferença deva ser interpretada com cautela, considerando a margem de erro, ela pode sugerir uma mudança de direção em relação aos anos anteriores, quando o índice permaneceu estável em 48%.

O **Gráfico 28** mostra como o recuo de 2025 se distribuiu entre diferentes segmentos da população. O movimento não foi homogêneo. Enquanto alguns grupos registraram quedas mais expressivas, outros permaneceram relativamente estáveis ou seguiram em patamar elevado.

GRÁFICO 28
Quem doou bens para OSCs



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2.568 (2024) | 2.504 (2025)

A acomodação não atingiu todos os grupos da mesma forma. O recuo concentrou-se entre adultos em idade economicamente ativa: a faixa de 25 a 34 anos, que havia crescido em 2024, caiu de 52% para 44%, e a de 35 a 44 anos recuou de 52% para 45%. No sentido oposto, entre pessoas com 60 anos ou mais a proporção ficou praticamente estável, passando de 45% para 47%, o que aproximou os mais velhos das faixas intermediárias.

O movimento regional seguiu a mesma lógica de concentração. Sul e Sudeste mantiveram os maiores percentuais, com 56% e 53%, enquanto Norte e Nordeste registraram os menores, 32% e 29%. A queda nessas duas regiões chama atenção, sobretudo porque o Norte vinha de crescimento em 2024 — sinal de que parte da retração de 2025 se deu justamente onde a doação de bens havia avançado no ano anterior.

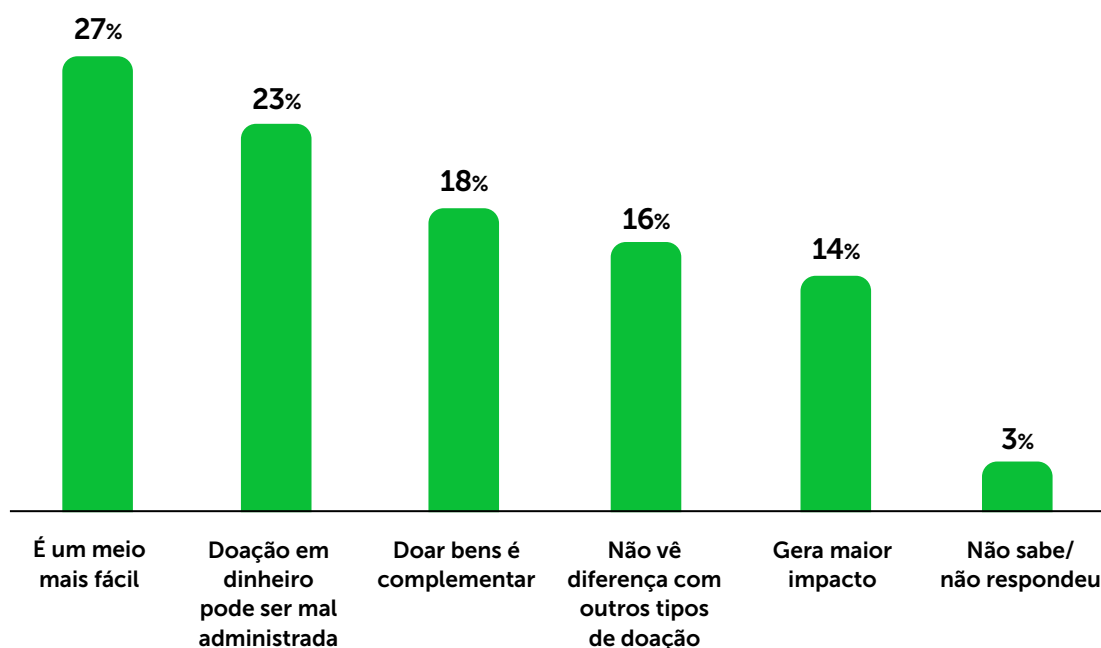
Por trás dessas oscilações, permanecem as diferenças estruturais observadas desde o início da série. As mulheres seguem doando bens em proporção maior do que os homens (50% contra 38%), as pessoas brancas mais do que pretas e pardas (51% contra 40%), e a participação cresce de forma consistente com a escolaridade (de 39% no ensino fundamental a 52% no superior) e com a renda. Essa desigualdade reaparece no recorte por alta renda. No topo 10% da distribuição, 54% doaram bens, contra 45% entre os demais. Assim, embora mais acessível do que a doação financeira, a doação de bens não se distribui de forma equânime entre os grupos sociais, conforme o **Gráfico 28**.

Além de medir a prevalência da doação de bens, a pesquisa investigou, em 2025, o que as pessoas pensam sobre esse tipo de contribuição. A pergunta foi aplicada apenas aos entrevistados que haviam declarado ter doado bens no ano.



GRÁFICO 29

O que pensa sobre a doação de bens para OSCs (2025)



NÚMERO DE RESPOSTAS: 1.147 (2025)

O **Gráfico 29** indica que a visão predominante sobre doação de bens é a facilidade. Nesse contexto, 27% dos doadores afirmaram que doar bens é mais fácil do que doar dinheiro. Em seguida, aparece o receio de que a doação em dinheiro seja mal administrada, citado por 23%. Outros 18% veem a doação de bens como uma ação complementar à doação de dinheiro ou ao trabalho voluntário; 16% não veem diferença entre doar bens e doar dinheiro; e 14% acreditam que doar bens gera maior impacto.

Esses resultados sugerem que a doação de bens combina conveniência e confiança. Por um lado, ela é percebida como uma forma mais simples de ajudar. Por outro, a preocupação com a má administração de recursos financeiros indica que, para parte dos doadores, entregar bens pode funcionar como uma maneira de ter maior segurança sobre o destino da contribuição.

Para parte dos brasileiros, o problema não é apenas decidir ajudar, mas confiar que o recurso financeiro será bem utilizado. Esse achado, inclusive, dialoga com as barreiras à doação financeira discutidas na seção anterior. A resposta sobre complementaridade também é relevante. Para quase um quinto dos doadores, doar bens não substitui necessariamente a doação em dinheiro ou de tempo, mas pode compor um repertório mais amplo de apoio às OSCs.

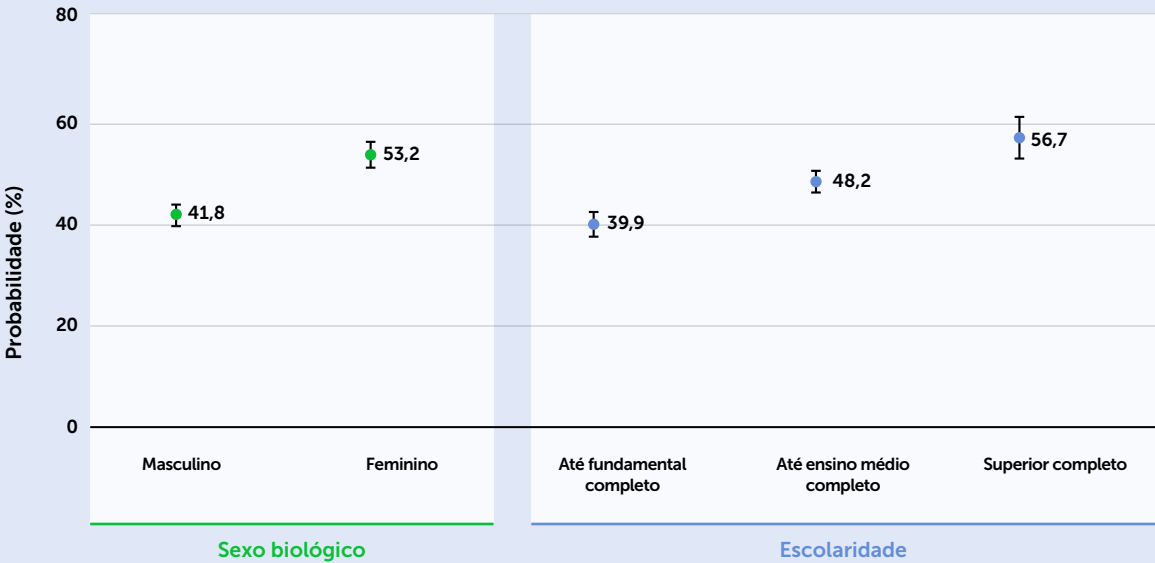
QUADRO 3
Sexo biológico e escolaridade como principais marcadores da doação de bens

O sexo biológico e a escolaridade são os principais marcadores da doação de bens, como mostra o perfil dos doadores no **Gráfico 28**. Os modelos do **Gráfico 30** confirmam os dois mesmo entre pessoas de características semelhantes.

A probabilidade de doar bens, quando observado o **sexo biológico**, é de aproximadamente 42% entre homens e de cerca de 53% entre mulheres, uma diferença de 11 pontos percentuais que permanece expressiva mesmo após o ajuste pelas demais características. Isso indica que a maior participação feminina na doação de bens não decorre apenas das diferenças de renda, escolaridade ou região. Ou seja, ela persiste de forma autônoma nos modelos.

No caso da **escolaridade**, o padrão também se confirma e a magnitude se revela ligeiramente maior do que nas estatísticas descritivas. A probabilidade sobe de cerca de 40% entre pessoas com até ensino fundamental completo para aproximadamente 48% entre aquelas com até ensino médio completo e alcança cerca de 57% entre pessoas com superior completo, uma diferença de 17 pontos percentuais entre os extremos. Ainda que a doação de bens seja mais acessível do que a doação financeira, a escolaridade continua sendo um marcador relevante.

GRÁFICO 30
Probabilidade de doar bens para OSCs, por sexo biológico e escolaridade²³



²³ Os valores do Gráfico 30 foram estimados por meio de modelo de regressão, controlando demais fatores, assim como descrito na seção 1.

Voluntariado: menos frequente, mas com uma parcela recorrente

O voluntariado continua sendo a forma menos frequente de apoio às OSCs entre as três modalidades investigadas pela *Retrato da Solidariedade*. A proporção de pessoas que disseram ter realizado trabalho voluntário vem caindo ao longo da série. O percentual passou de 17% em 2023 para 15% em 2024, alcançando cerca de 14% em 2025²⁴.

O **Gráfico 31** mostra que o voluntariado apresenta diferenças sociodemográficas menos acentuadas do que as observadas na doação de bens, mas alguns padrões se destacam.

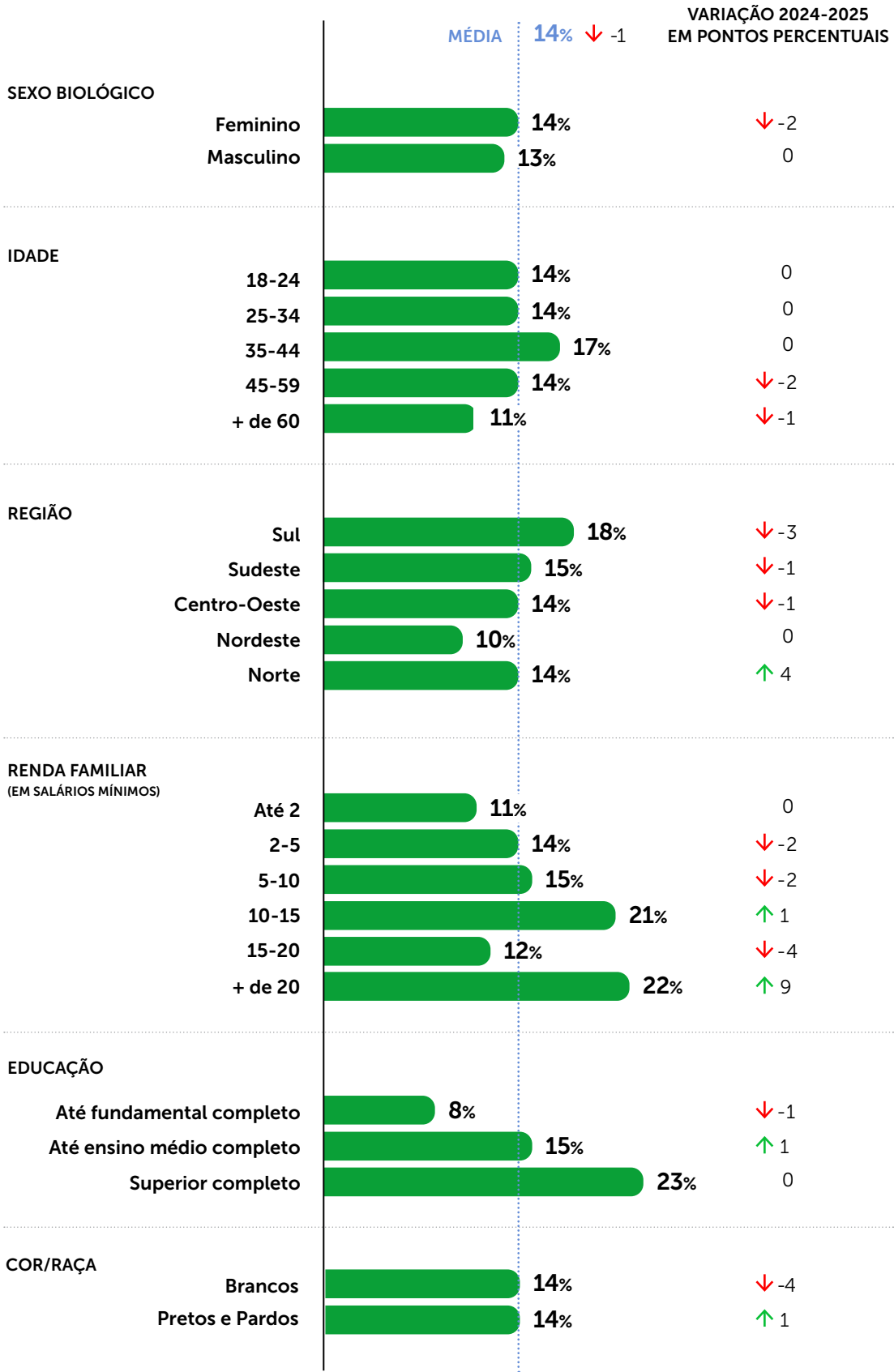
A escolaridade e a renda são os recortes que mais diferenciam o voluntariado. Por escolaridade, o percentual sobe de 8% entre pessoas com até ensino fundamental completo a 15% no ensino médio completo e 23% no superior completo — padrão que se repete nos três anos da pesquisa. A renda segue a mesma direção, ainda que com mais oscilação entre as faixas. O percentual parte de 11% entre quem recebe até 2 salários mínimos e chega a 21% na faixa de 10 a 15 salários mínimos e a 22% acima de 20 salários mínimos. O recorte por alta renda confirma o sentido: no topo 10% da distribuição, 18% fizeram voluntariado, contra 14% entre os demais.

O Sul volta a se destacar, com 18% — o maior percentual regional, como em outras modalidades de apoio às OSCs —, enquanto o Nordeste registra o menor, 10%. Sudeste, Centro-Oeste e Norte ficam num patamar intermediário, entre 14% e 15%. Por faixa etária, as diferenças são pequenas. As faixas de 18 a 24, 25 a 34 e 45 a 59 anos ficaram todas em 14%, o grupo de 35 a 44 anos alcançou o maior valor (17%) e as pessoas com 60 anos ou mais, o menor (11%), indicando participação ligeiramente menor entre os mais velhos.

Nos demais recortes, as diferenças praticamente desaparecem. Mulheres e homens ficaram em 14% e 13%, com queda nos dois grupos em relação a 2023. Já por raça/cor houve uma mudança em relação ao ano anterior: em 2024 o percentual era maior entre pessoas brancas, mas em 2025 brancos, pretos e pardos ficaram todos em 14%, de modo que a diferença observada antes entre os dois principais grupos raciais não reaparece nesta edição.

²⁴ De acordo com o documento *State of the World's Volunteerism Report 2026*, a produção de dados sobre voluntariado ainda é um desafio internacional em razão das diferentes metodologias aplicadas sobre o tema. As referências completas estão ao final deste relatório.

GRÁFICO 31
Quem foi voluntário em OSCs

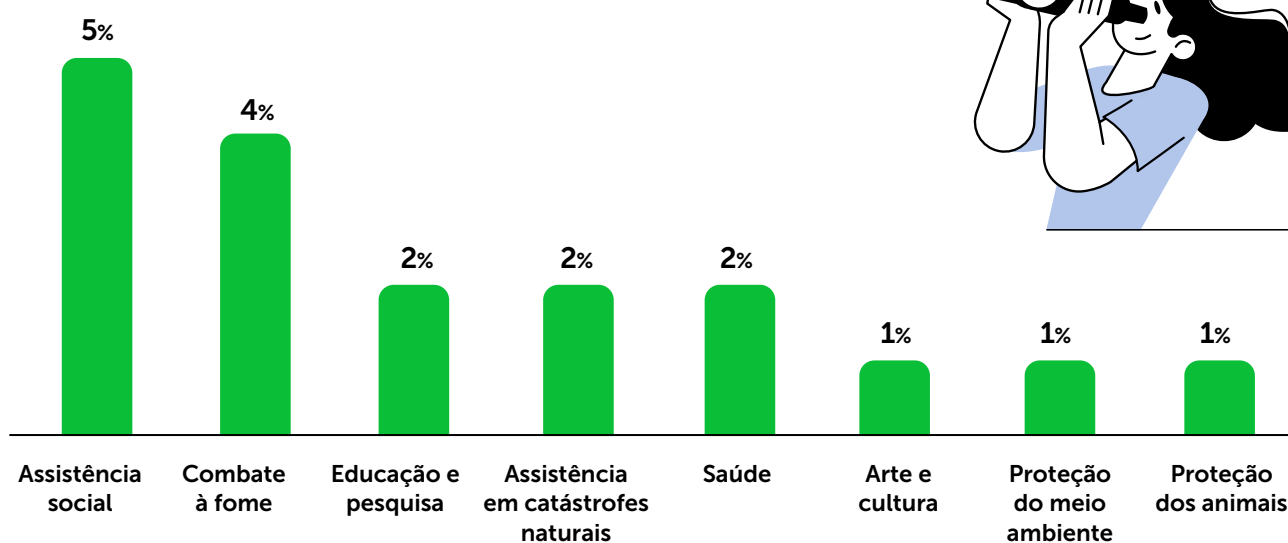


NÚMERO DE RESPOSTAS: 2.568 (2024) | 2.504 (2025)

A pesquisa também investigou as áreas em que as pessoas atuaram como voluntárias em 2025. O **Gráfico 32** mostra que o voluntariado em 2025 se concentra em causas ligadas ao atendimento de necessidades imediatas. As áreas mais citadas foram assistência social, com cerca de 5% da população, e combate à fome, com cerca de 4%. Educação e pesquisa, assistência a catástrofes naturais e saúde aparecem em torno de 2%. Arte e cultura, proteção dos animais e proteção do meio ambiente ficam próximas de 1%.

GRÁFICO 32

Área em que atuou como voluntário em 2025



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2.504 (2025)

Além da causa apoiada, a *Retrato da Solidariedade* investigou a frequência do trabalho voluntário. Para fins de análise, foram classificados como *voluntários pontuais* aqueles que atuaram de uma a três vezes nos últimos 12 meses. Já os *voluntários recorrentes* são aqueles que atuaram pelo menos uma vez por mês.

Entre as pessoas que fizeram trabalho voluntário em 2025, aproximadamente metade atuou de forma pontual e metade de forma recorrente. Como o voluntariado alcança cerca de 14% da população, isso significa que os voluntários recorrentes representam aproximadamente 7% do total de entrevistados.

Quanto à frequência por área de atuação, os dados sugerem diferenças de intensidade entre as causas. O voluntariado em assistência a catástrofes naturais e meio ambiente, por exemplo, está mais associado a atuações pontuais, enquanto saúde, educação, combate à fome e assistência social concentram maior proporção de voluntários recorrentes.

QUADRO 4
Escolaridade, religião e inserção no mercado
de trabalho como marcadores do voluntariado

A escolaridade é o marcador mais consistente do voluntariado, padrão que os modelos do **Gráfico 33** mantêm ao comparar pessoas com características semelhantes. A análise estatística acrescenta ainda o papel da religião e o efeito contraintuitivo da situação no mercado de trabalho, ausentes nas estatísticas descritivas.

A **escolaridade** é o marcador mais claro. A probabilidade de fazer trabalho voluntário é de aproximadamente 10% entre pessoas com até ensino fundamental completo, sobe para cerca de 16% entre aquelas com até ensino médio completo e chega a aproximadamente 23% entre pessoas com superior completo. A diferença entre os extremos é de cerca de 13 pontos percentuais, expressiva para um comportamento que alcança cerca de 14% da população.

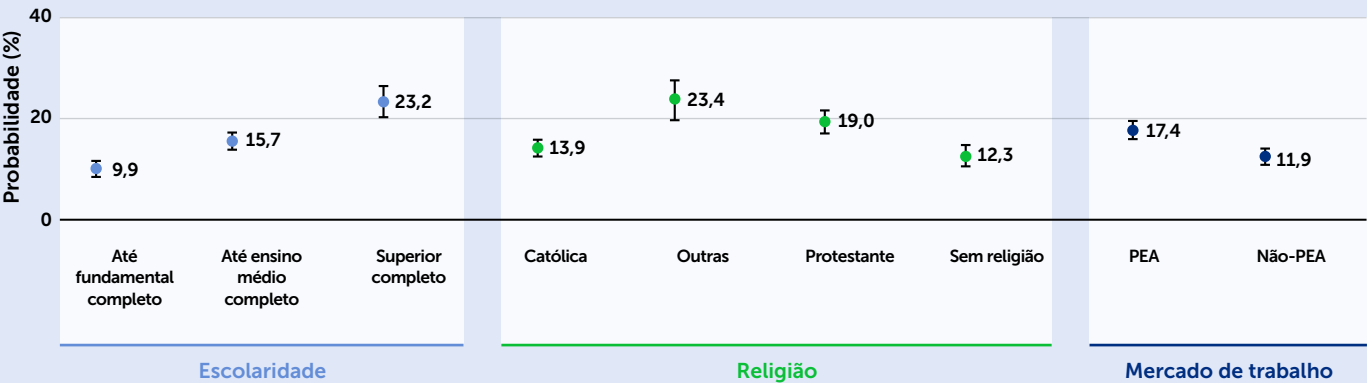
A **religião** aparece como o segundo marcador relevante, ausente nas estatísticas descritivas. Entre católicos, a probabilidade fica em torno de 14%. Entre protestantes ou evangélicos, sobe para cerca de 19%. Entre pessoas de outras religiões, alcança aproximadamente 24%, embora com intervalo de confiança mais amplo.

Já entre pessoas sem religião, a probabilidade estimada fica próxima de 12%. Esse padrão sugere que a participação em comunidades religiosas pode estar associada a redes de sociabilidade e oportunidades de engajamento que favorecem o trabalho voluntário.

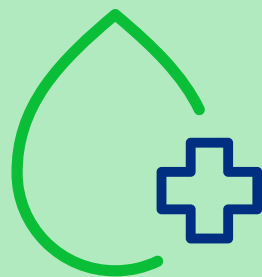
O terceiro resultado diz respeito à inserção no **mercado de trabalho** e responde a uma pergunta que os dados descritivos deixam em aberto: ter mais tempo disponível se traduz em maior voluntariado? A resposta dos modelos é não. Pessoas economicamente ativas apresentam probabilidade de voluntariado próxima de 18%, enquanto entre pessoas não economicamente ativas esse valor fica em torno de 12%.

Estar fora da população economicamente ativa não se traduz, portanto, em maior engajamento voluntário. Esse resultado sugere que o voluntariado depende menos de tempo livre e mais de exposição a redes sociais, profissionais e institucionais nas quais oportunidades de atuação circulam com mais frequência.

GRÁFICO 33
Probabilidade de ser voluntário, por escolaridade, religião e mercado de trabalho²⁵



²⁵ Os valores do Gráfico 33 foram estimados por meio de modelo de regressão, controlando demais fatores, assim como descrito na seção 1.



05

**Doação de
sangue, órgãos
e tecidos: perfil
dos doadores
e principais
barreiras**

Há outra categoria de solidariedade acompanhada pela *Retrato da Solidariedade*, distinta das doações de dinheiro, bens e tempo analisadas até aqui, que é a doação de material biológico, como sangue, órgãos e tecidos. Esse tipo de doação se conecta de maneira direta à preservação da vida e à recuperação de pacientes. Isso porque estoques suficientes de sangue, disponibilidade de órgãos para transplante e cadastro de potenciais doadores de medula podem ser decisivos para tratamentos, cirurgias e situações de emergência.

Nesta seção, analisamos primeiro a doação de sangue e, em seguida, as atitudes dos brasileiros em relação à doação de órgãos e tecidos.

Doação de sangue: quem doa, por que doa e quais barreiras permanecem

A doação de sangue depende, ao mesmo tempo, da disposição individual para ajudar e de condições específicas de elegibilidade. Para doar, não basta querer; é preciso cumprir requisitos de idade, peso e saúde, além de ter acesso a um local de coleta e disponibilidade de tempo para realizar o procedimento.

Nesse contexto, a pesquisa *Retrato da Solidariedade* mostra que, em 2025, 7% dos entrevistados disseram ter doado sangue nos 12 meses anteriores à pesquisa. O percentual é próximo ao observado nas edições anteriores e indica que a doação recente de sangue continua restrita a uma parcela relativamente pequena da população.

Esse resultado, no entanto, deve ser lido com cautela quando comparado a registros administrativos, que indicam um percentual de doadores próximo a 2,2% da população.²⁶

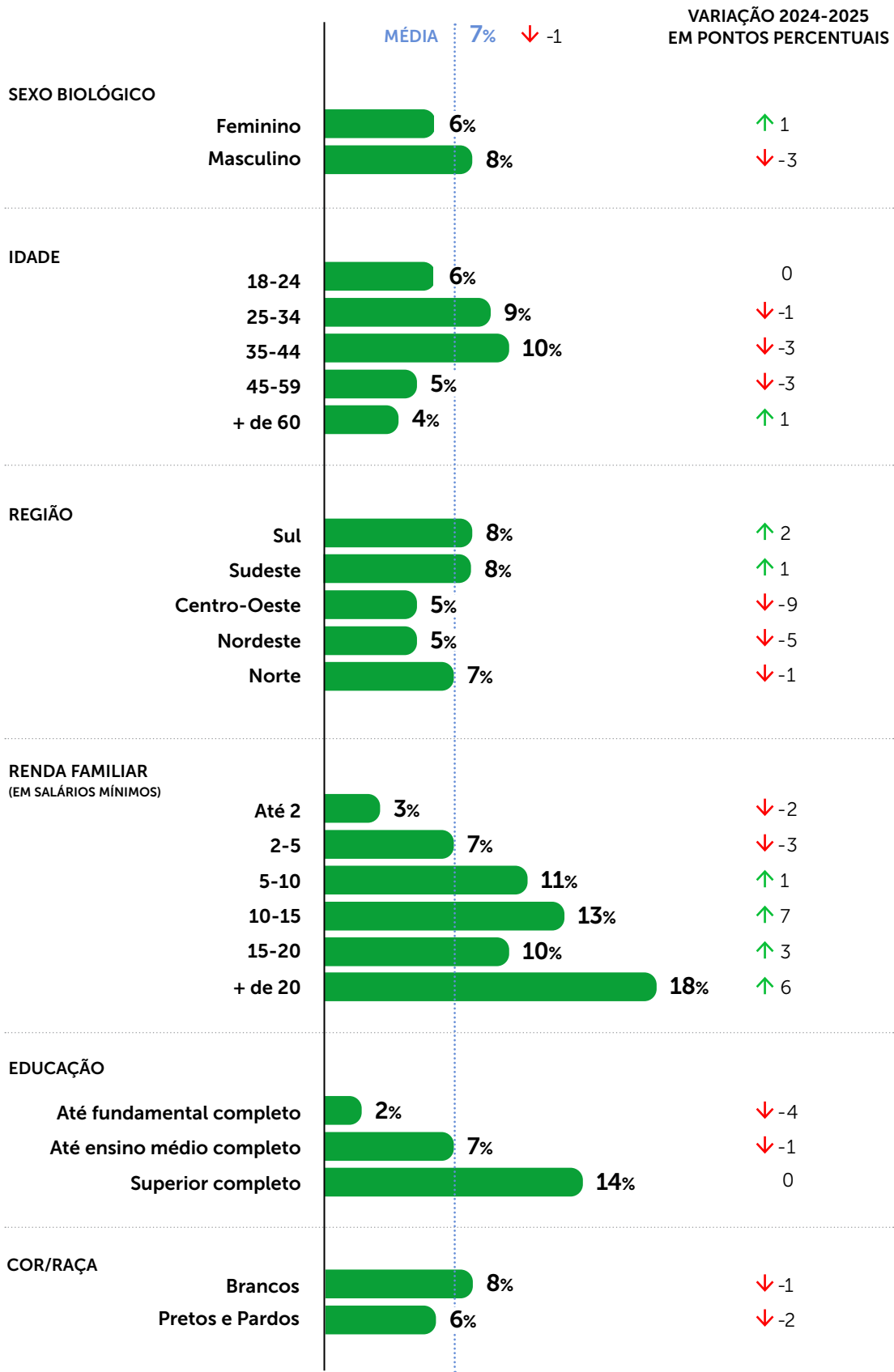
A diferença entre a proporção captada pela pesquisa e a observada nos registros oficiais pode estar associada a três fatores: viés de desejabilidade social, quando entrevistados relatam comportamentos socialmente valorizados mesmo sem tê-los realizado; erro de memória, quando acreditam ter doado há menos tempo do que realmente doaram; e flutuações amostrais normais em pesquisas de opinião.

Ainda assim, os dados da *Retrato da Solidariedade* são consistentes em relação à direção das variações no número de doadores e a outros dados da Anvisa, como, por exemplo, as características dos doadores e os tipos de doação.

²⁶ Os dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), no Painel de Produção Hemoterápica Brasileira, indicam que 3.531.471 pessoas doaram sangue no Brasil em 2025, o que equivale a 2,21% da população com mais de 18 anos.

GRÁFICO 34

Quem doou sangue pelo menos uma vez nos últimos 12 meses



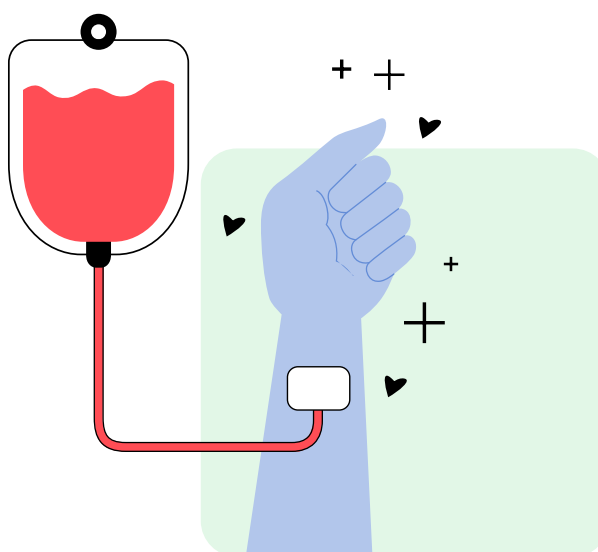
NÚMERO DE RESPOSTAS: 2.568 (2024) | 2.504 (2025)

Os dados do **Gráfico 34** mostram um quadro de relativa estabilidade no percentual geral de doadores, mas com diferenças relevantes entre grupos.

A renda e a escolaridade são os recortes mais consistentes. A doação recente é menos frequente entre pessoas com renda de até 2 salários mínimos (3%), sobe nas faixas intermediárias e chega a 18% no topo da distribuição; por escolaridade, vai de 2% entre quem tem até o ensino fundamental completo a 7% no ensino médio e 14% no superior. O recorte por alta renda segue o mesmo sentido. Mais do que valores, esses dois marcadores apontam para uma prática associada a recursos materiais, acesso a serviços de saúde e maior exposição a campanhas de incentivo à doação.

A idade desenha um arco nítido: a doação concentra-se entre adultos de 25 a 44 anos — 9% na faixa de 25 a 34 anos e 10% na de 35 a 44 —, é menor entre os jovens de 18 a 24 anos (6%) e cai a 4% entre pessoas com 60 anos ou mais, refletindo em parte as restrições de elegibilidade que pesam sobre as idades mais avançadas. Entre as regiões, Sul e Sudeste lideram, com 8%, e Centro-Oeste e Nordeste registram os menores percentuais, 5%; o quadro de 2025 está mais homogêneo do que o de 2024, quando Centro-Oeste e Nordeste vinham de estimativas mais altas.

Por sexo e raça/cor, as diferenças são menores do que em outras formas de doação. Os homens doaram mais do que as mulheres (8% contra 6%), mas a distância encurtou: entre eles houve recuo em relação a 2024, quando o percentual chegara a 11%, enquanto entre as mulheres a estimativa voltou ao patamar de 2023 — movimento coerente com o fato de parte das restrições de elegibilidade afetar mais as mulheres. A diferença entre pessoas brancas (8%) e pretas e pardas (6%) também é mais estreita do que na doação financeira ou de bens.



QUADRO 5
Idade, renda e mercado de trabalho como
marcadores da doação de sangue

No perfil de quem doou sangue (Gráfico 34), idade e renda são os fatores que mais se destacam. Os modelos do Gráfico 35 sustentam os dois ao comparar pessoas semelhantes e revelam ainda a inserção no mercado de trabalho, que não aparece nas estatísticas descritivas.

Observando a **idade**, a probabilidade de ser doador de sangue é de aproximadamente 6% entre pessoas de 18 a 24 anos, sobe para cerca de 9% entre 25 e 34 anos e alcança o ponto mais alto, em torno de 13%, entre pessoas de 35 a 44 anos. Depois disso, cai para aproximadamente 7% entre 45 e 59 anos e para cerca de 4% entre pessoas com 60 anos ou mais. A diferença de quase 9 pontos percentuais entre o grupo de 35 a 44 anos e o de 60 anos ou mais persiste após o controle das demais variáveis.

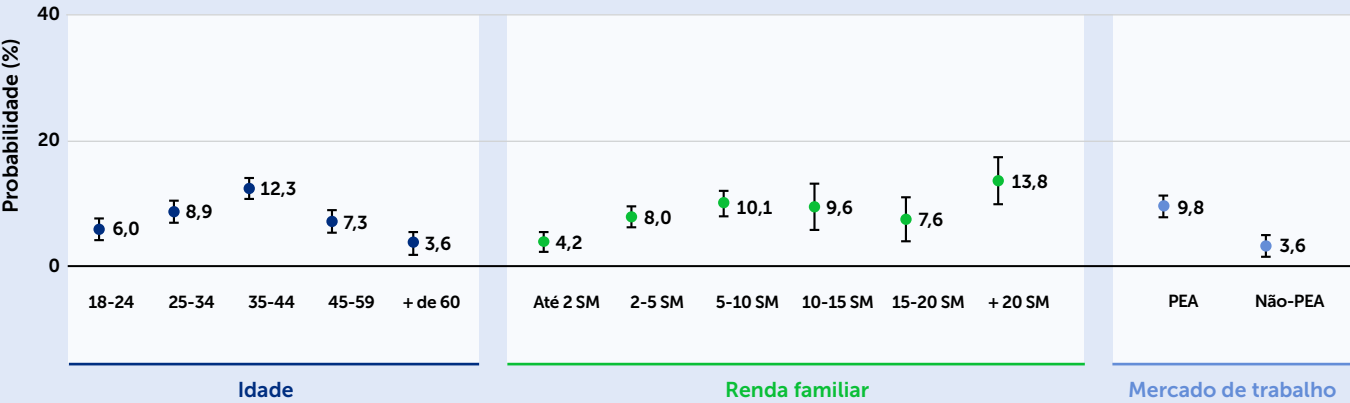
Entre pessoas com **renda** de até 2 salários mínimos, a probabilidade fica próxima de

4%. Nas faixas de 2 a 5 e de 5 a 10 salários mínimos, sobe para algo entre 8% e 10%. Entre os grupos de renda mais alta, as estimativas chegam a cerca de 14% entre pessoas com renda familiar acima de 20 salários mínimos, embora com intervalos de confiança mais amplos nessas faixas.

Pessoas economicamente ativas, ou seja, inseridas no **mercado de trabalho**, apresentam probabilidade próxima de 10%, enquanto entre pessoas não economicamente ativas esse valor fica em torno de 4%, uma diferença de 6 pontos percentuais. Esse é o resultado que os dados descritivos não permitem identificar e que os modelos tornam visível.

Assim como no voluntariado, o resultado indica que ter mais tempo disponível não se traduz em maior probabilidade de doar. Por sua vez, a inserção no mercado de trabalho amplia a exposição a campanhas, pedidos e redes institucionais que estimulam a doação.

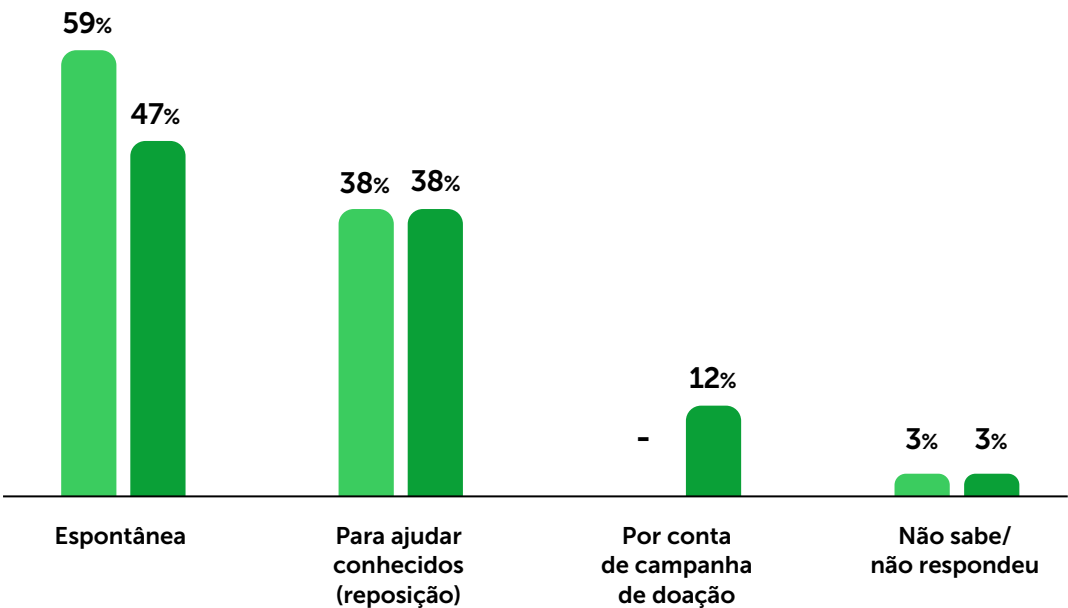
GRÁFICO 35
Probabilidade de ter doado sangue nos últimos 12 meses,
por idade, renda familiar e mercado de trabalho²⁷



²⁷ Os valores do Gráfico 35 foram estimados por meio de modelo de regressão, controlando demais fatores, assim como descrito na seção 1.

Além de identificar quem doou sangue recentemente, a pesquisa investigou o tipo e a motivação da doação realizada. Em 2025, a pergunta passou a incluir uma nova alternativa, a doação motivada por campanhas.

GRÁFICO 36
Em geral, você doa sangue quando alguém pede, para ajudar algum conhecido, ou de forma espontânea, sem motivo específico?



NÚMERO DE RESPOSTAS: ● 2024 | 910 ● 2025 | 841

O **Gráfico 36** mostra que, em 2025, 47% dos entrevistados declararam realizar doação espontânea, aquela feita de forma voluntária, sem vínculo com nenhum paciente específico, com o objetivo de manter os estoques dos hemocentros. Outros 38% afirmaram realizar doação de reposição, ou seja, doam para repor o estoque utilizado por um paciente específico, geralmente um familiar ou conhecido. A nova alternativa, “por conta de campanha de doação”, foi mencionada por 12%.

A inclusão dessa nova opção muda a leitura da série. Em 2024, quando a alternativa “campanha de doação” ainda não existia, 59% declaravam realizar doação espontânea. Em 2025, esse percentual caiu para 47%. Parte dessa redução provavelmente se deve à mudança no questionário. Esse movimento sugere que pessoas que antes se classificavam como doadoras espontâneas passaram a identificar a campanha como o principal gatilho da doação.

Ainda nesse contexto, o resultado que permaneceu mais estável é a doação de reposição. A proporção de pessoas que doam para repor o estoque utilizado por alguém conhecido manteve-se em 38% nos dois anos. Isso indica que a mobilização por redes pessoais continua sendo um componente central da doação de sangue no Brasil.

Ao mesmo tempo, o fato de 12% dos entrevistados mencionarem ter sido motivados por campanhas de doação sugere que ações públicas de mobilização têm papel relevante na ativação de doadores, considerando que doar exige deslocamento, disponibilidade de tempo e cumprimento de requisitos de saúde.

Para quem nunca doou sangue ou não doa regularmente, a pesquisa perguntou o principal motivo. As justificativas foram classificadas em dois grupos (estruturais e modificáveis). Essa categorização pode eventualmente dar subsídios para a formulação de políticas públicas e campanhas de conscientização mais direcionadas. Investimentos que gerem informação qualificada, acessibilidade e confiança nas instituições de saúde podem aumentar a quantidade de doadores. Ao mesmo tempo, compreender os obstáculos estruturais ajuda a calibrar expectativas e estratégias, reconhecendo que nem todas as restrições podem ser eliminadas.

O **Gráfico 37** indica que a maior parte das barreiras mencionadas é de natureza estrutural. Em 2025, 56% dos motivos citados pertencem a esse grupo, percentual um pouco superior aos 53% registrados em 2024. A principal razão é não cumprir requisitos de doação, como peso, idade ou condições de saúde, mencionada por 38% dos entrevistados. Em seguida aparecem desconforto com o procedimento, com 9%, outros motivos estruturais, com 7%, e motivos religiosos, com 1%.

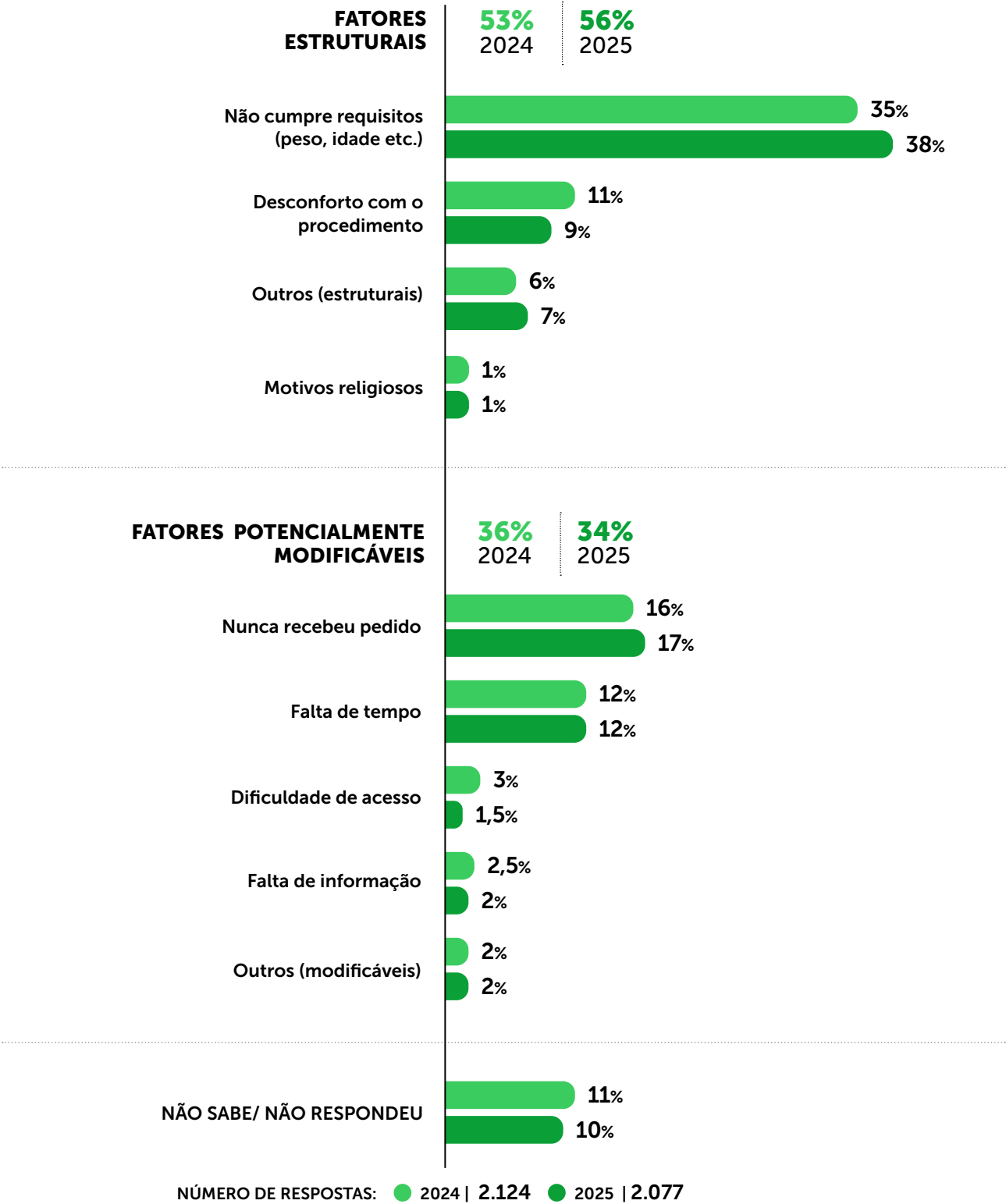
Esse resultado mostra que uma parcela expressiva da não doação não depende apenas de convencimento ou informação. Requisitos de elegibilidade e restrições de saúde são barreiras reais e nem sempre podem ser superadas por campanhas.

Ao mesmo tempo, uma parte relevante das barreiras à doação de sangue é potencialmente modificável. Em 2025, 34% dos motivos citados pertencem a esse grupo. O mais frequente é nunca ter recebido pedido, mencionado por 17%. Na sequência aparece a falta de tempo, com 12%. Dificuldade de acesso, falta de informação e outros motivos modificáveis aparecem em patamares menores, de até 2%. A desconfiança no sistema de saúde praticamente não aparece como motivo declarado em 2025.

Esses dados sugerem oportunidades de ação. Se uma parcela importante dos entrevistados nunca recebeu pedido para doar sangue, é possível que campanhas e mobilizações direcionadas possam ampliar a base de doadores potenciais. Para a barreira da falta de tempo, estratégias como horários ampliados, unidades móveis,

GRÁFICO 37

Principal motivo de nunca ter doado sangue ou não doar regularmente



agendamento simplificado e comunicação mais clara sobre a duração do procedimento podem ajudar. Já a baixa menção à desconfiança indica que, diferentemente de outros tipos de doação, o principal obstáculo não seria a credibilidade do sistema, mas a combinação entre elegibilidade, oportunidade e conveniência.

Em síntese, a doação de sangue permanece como uma prática minoritária, mas socialmente relevante. Seu crescimento depende de duas frentes. A primeira envolve reconhecer os limites estruturais. Afinal, parte da população não pode doar por razões de saúde, idade, peso ou desconforto com o procedimento. A segunda envolve atuar sobre barreiras modificáveis. Para isso, há caminhos possíveis, como ampliar pedidos, facilitar o acesso, reduzir o tempo necessário e tornar as campanhas mais presentes no cotidiano das pessoas. A nova alternativa, incluída na pesquisa em 2025, reforça que as campanhas de doação já aparecem como motivo relevante para parte dos doadores e podem ajudar a transformar disposição solidária em ação concreta.

Doação de órgãos: disposição declarada e decisão familiar

No Brasil, foram realizados 9.940 transplantes em 2025 e 48.658 pessoas estão na fila à espera de um transplante, segundo o Ministério da Saúde²⁸. Nesse contexto, compreender a disposição dos brasileiros para autorizar a doação de órgãos é relevante não apenas para medir uma atitude pró-social, mas também para identificar barreiras que podem dificultar a transformação dessa disposição em doação efetiva.

Frente a esse cenário, a *Retrato da Solidariedade* perguntou se o entrevistado daria permissão para que a família doasse seus órgãos, tecidos e partes do corpo em caso de morte cerebral. A maioria continua respondendo que sim, mas o percentual vem recuando ao longo da série.

GRÁFICO 38

Daria permissão para família doar seus órgãos, tecidos e partes do corpo em caso de morte cerebral?



NÚMERO DE RESPOSTAS: ● 2023 | 2.545 ● 2024 | 2.568 ● 2025 | 2.504

²⁸ Dados do Sistema Nacional de Transplantes (SNT) do Ministério da Saúde. As referências completas estão ao final deste relatório.

O **Gráfico 38** mostra que a proporção de pessoas que autorizariam a família a doar seus órgãos passou de 62% em 2023 para 61% em 2024 e 58% em 2025. A queda é pequena, mas aponta para uma trajetória de redução da disposição declarada ao longo dos três anos da pesquisa.

Esse resultado deve ser analisado à luz de uma dimensão central da doação de órgãos: a intenção individual precisa ser conhecida e autorizada pela família. Por isso, em 2025, a pesquisa incluiu duas novas perguntas, aplicadas apenas aos entrevistados que disseram que dariam permissão para a doação de seus órgãos em caso de morte cerebral. A primeira investigou se eles já haviam conversado com a família sobre o tema; a segunda, se acreditavam que a família autorizaria a doação.

GRÁFICO 39

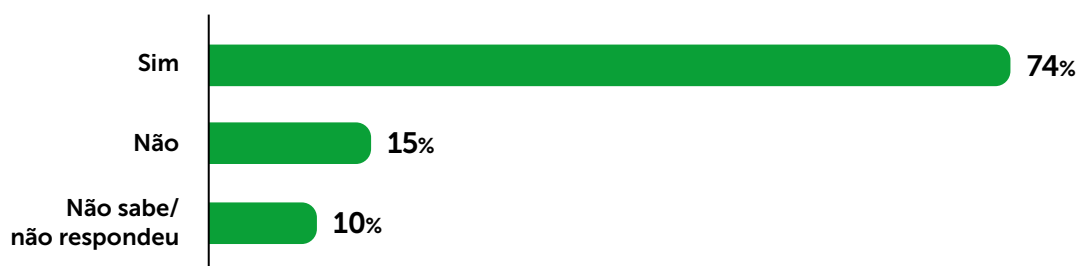
Já conversou com a família sobre o assunto?



NÚMERO DE RESPOSTAS: 1.493 (2025)

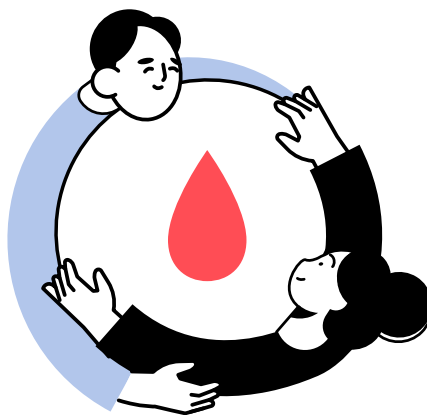
GRÁFICO 40

Acredita que a família autorizaria a doação?



NÚMERO DE RESPOSTAS: 1.493 (2025)

O **Gráfico 39** revela uma lacuna importante entre disposição individual para doar órgãos e a comunicação dessa decisão à família. Entre aqueles que afirmam que permitiriam a doação de seus órgãos, 43% disseram já ter conversado com a família sobre o assunto, enquanto 56% não o fizeram. Ou seja, mesmo entre os potenciais doadores, mais da metade ainda não comunicou essa vontade às pessoas que provavelmente participariam da decisão.



Ainda assim, a maior parte desse grupo, 74%, acredita que a família autorizaria a doação. Outros 15% acham que a família não autorizaria e 10% não sabem responder (ver Gráfico 40). O resultado sugere que muitos brasileiros têm uma expectativa favorável sobre a reação familiar, mas nem sempre essa expectativa foi confirmada por uma conversa direta.

A diferença entre querer doar e conversar sobre isso é um ponto central para campanhas de conscientização. Nesse sentido, ampliar a disposição declarada pode ser importante, mas fazer com que essa vontade circule dentro da família pode ser decisivo.

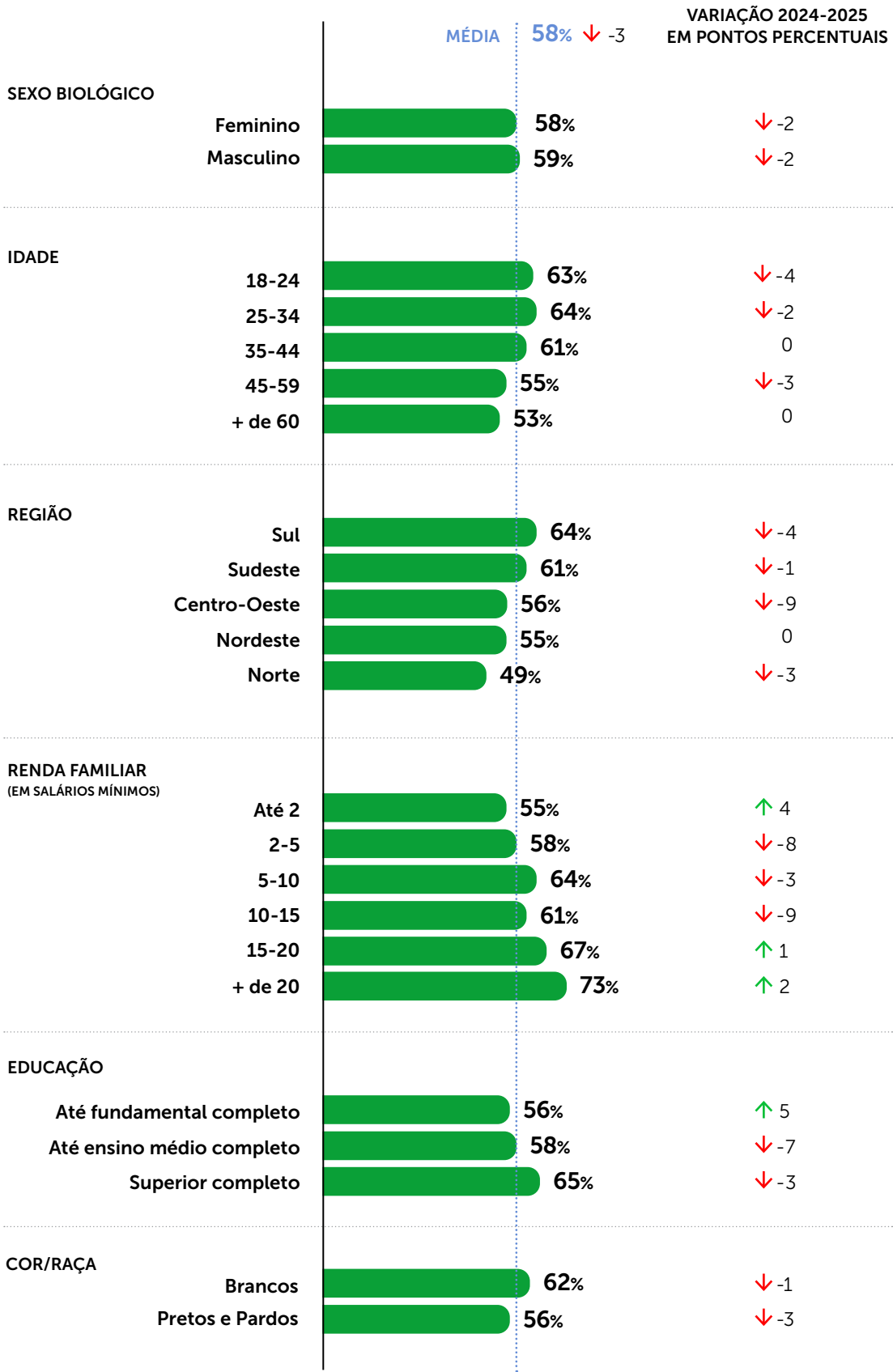
O **Gráfico 41** revela que a disposição para doar órgãos é majoritária em quase todos os grupos analisados, mas algumas diferenças sociodemográficas ajudam a entender onde essa disposição é mais frequente.

A renda e a escolaridade são os recortes que mais diferenciam a disposição declarada. Por renda, ela sobe de 55% entre pessoas com renda familiar de até 2 salários mínimos para uma faixa entre 58% e 67% nos grupos intermediários, chegando a 73% acima de 20 salários mínimos. A escolaridade segue a mesma direção, de 56% entre pessoas com até ensino fundamental completo a 65% no superior completo — diferença menor do que a observada em outros comportamentos pró-sociais, mas no mesmo sentido.

A idade desenha a curva mais nítida do gráfico. A disposição é mais alta entre jovens e adultos até 44 anos — 63% na faixa de 18 a 24 anos, 64% na de 25 a 34 e 61% na de 35 a 44 — e recua a 55% entre 45 e 59 anos e a 53% entre pessoas com 60 anos ou mais, indicando que a resistência à doação cresce nas idades mais avançadas. Entre as regiões, Sul e Sudeste registram os maiores percentuais (64% e 61%) e o Norte, o menor (49%), com Centro-Oeste e Nordeste em patamar próximo (56% e 55%).

Já por sexo a diferença é mínima — 58% entre as mulheres e 59% entre os homens —, reduzida ao longo dos três anos da pesquisa. Por raça/cor, a disposição é maior entre pessoas brancas (62%) do que entre pretas e pardas (56%), diferença na mesma direção da observada na renda e na escolaridade.

GRÁFICO 41
Perfil do potencial doador de órgãos



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2.568 (2024) | 2.504 (2025)

QUADRO 6

Escolaridade, renda e idade como marcadores da disposição para doar órgãos

A escolaridade, a idade e a renda são os principais marcadores da disposição para doar órgãos, como mostra o perfil dos potenciais doadores no Gráfico 41. Os modelos do Gráfico 42 confirmam os três mesmo entre pessoas de características semelhantes.

A associação entre disposição para doar órgão e **escolaridade** é o resultado mais expressivo. Nas estatísticas descritivas, a diferença entre pessoas com até ensino fundamental completo e pessoas com superior completo é de cerca de 9 pontos percentuais (56% e 65%).

Nos modelos, essa diferença quase dobra. A probabilidade é de aproximadamente 52% entre pessoas com até ensino fundamental completo, sobe para cerca de 64% entre aquelas com até ensino médio completo e alcança aproximadamente 70% entre pessoas com superior completo, diferença de quase 18 pontos percentuais entre os extremos. O resultado sugere que parte do efeito da

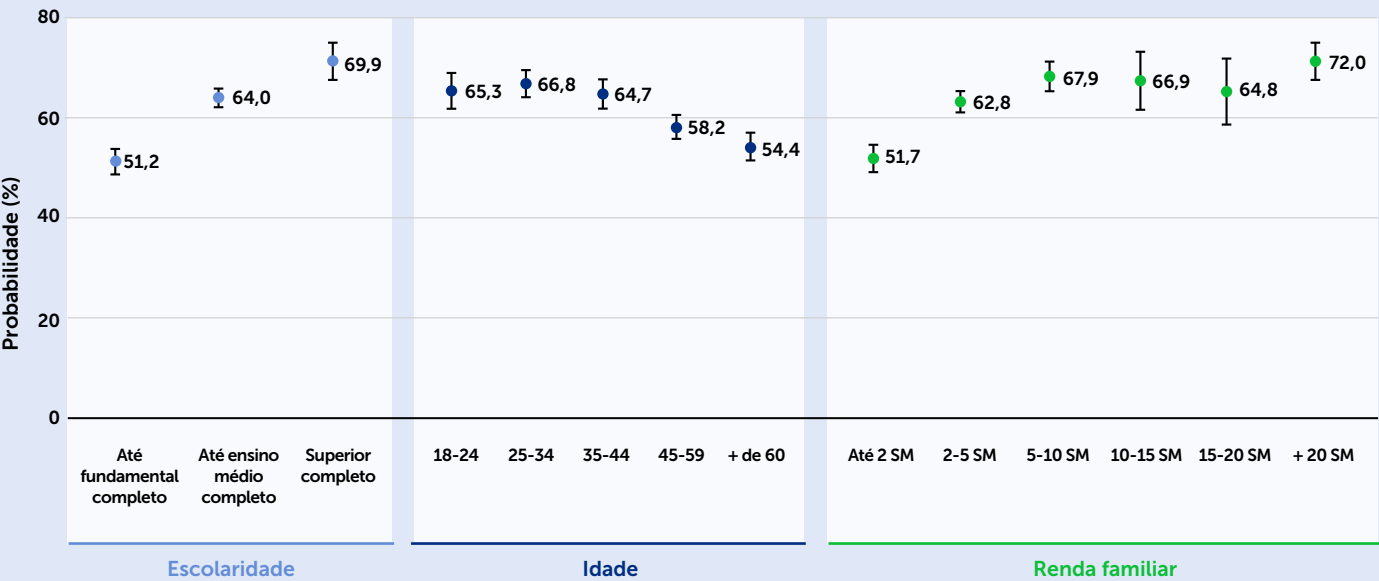
escolaridade estava atenuada nos dados brutos por outras características associadas a menor escolaridade, como renda e região de moradia.

A **idade** também diferencia os grupos, confirmando o padrão descritivo. A probabilidade fica em torno de 65% entre pessoas de 18 a 24 anos e permanece em patamar semelhante até os 44 anos. A partir daí, cai para aproximadamente 58% entre pessoas de 45 a 59 anos e para cerca de 54% entre aquelas com 60 anos ou mais, uma diferença de mais de 10 pontos percentuais entre adultos jovens e idosos que persiste após o controle das demais variáveis.

A **renda** segue o mesmo padrão. Entre pessoas com renda de até 2 salários mínimos, a probabilidade fica próxima de 52%. Nas faixas de 2 a 5 e de 5 a 10 salários mínimos, sobe para cerca de 63% e 68%, respectivamente. Entre os grupos de maior renda, chega a aproximadamente 72%, embora os intervalos de confiança sejam mais amplos nessas faixas.

GRÁFICO 42

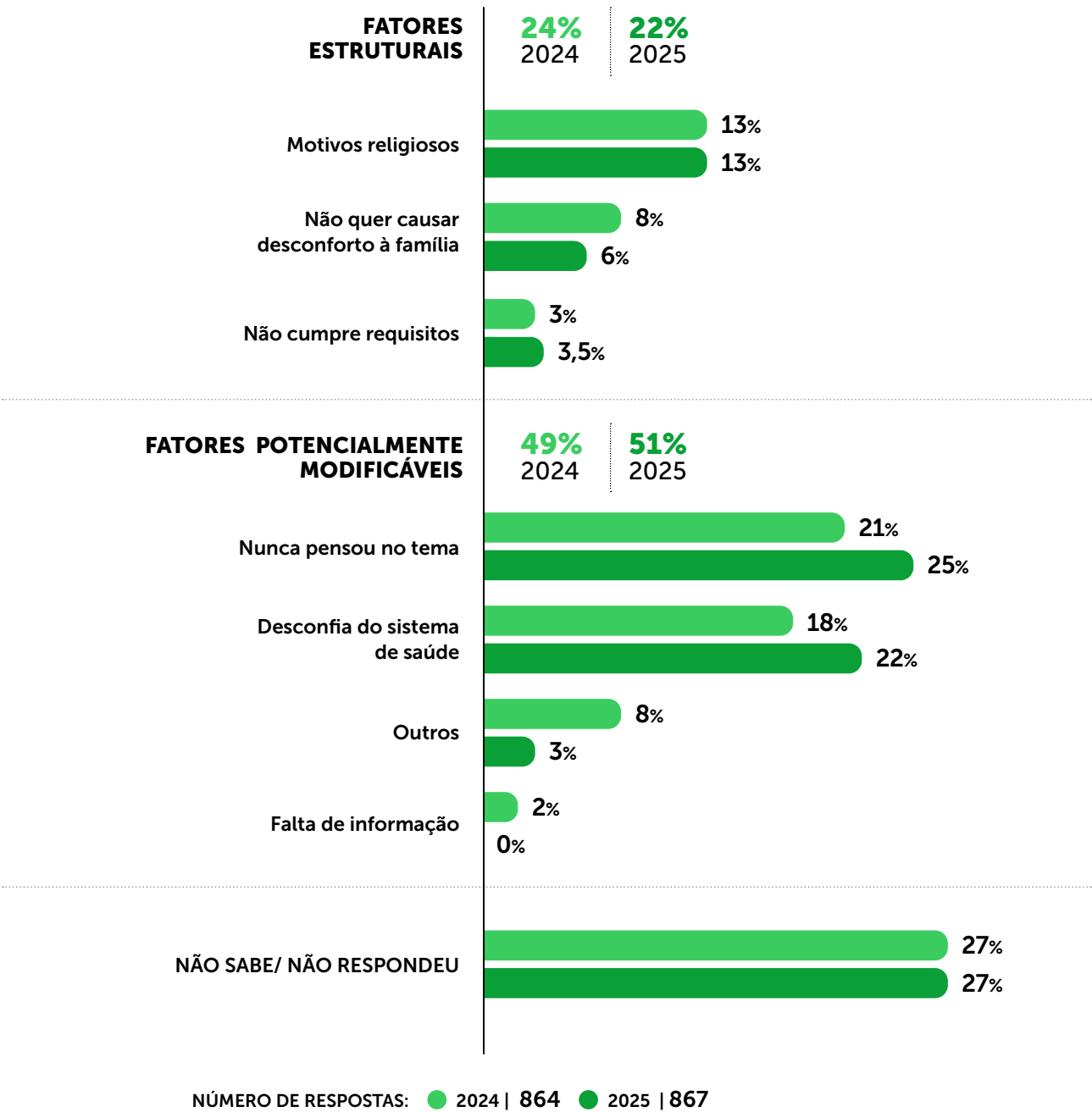
Probabilidade de se declarar doador de órgãos, por escolaridade, idade e renda familiar²⁹



²⁹ Os valores do Gráfico 42 foram estimados por meio de modelo de regressão, controlando demais fatores, assim como descrito na seção 1.

Entre aqueles que não permitiriam a doação de órgãos, tecidos e partes do corpo em caso de morte cerebral, a pesquisa investigou o principal motivo. Como na seção sobre doação de sangue, as respostas foram organizadas em fatores estruturais e fatores potencialmente modificáveis.

GRÁFICO 43
Por que não permitiria que a família doasse órgãos, tecidos e partes do corpo em caso de morte cerebral



O **Gráfico 43** mostra que, diferentemente do observado na doação de sangue, as barreiras à doação de órgãos são predominantemente modificáveis. Em 2025, 51% dos motivos citados pertencem a esse grupo, frente a 49% registrados em 2024. Os fatores estruturais somam 22%, percentual ligeiramente inferior ao observado no ano anterior. Já 27% dos entrevistados não souberam ou não quiseram responder.

Entre os fatores modificáveis, o motivo mais citado é nunca ter pensado no tema, mencionado por 25% dos entrevistados. Em seguida aparece a desconfiança no sistema de saúde, com 22%. Juntos, esses dois fatores concentram a maior parte das barreiras potencialmente reversíveis. O resultado sugere que a resistência à doação de órgãos não decorre apenas de convicções firmes contrárias à prática. Em muitos casos, ela está mais ligada à falta de reflexão prévia ou à desconfiança em relação ao processo.

Entre os fatores estruturais, destacam-se as razões religiosas, mencionadas por 13% dos entrevistados. Outros 6% dizem que não gostariam de causar desconforto à família e 3,5% mencionam não cumprir os requisitos para doar. Embora esses motivos sejam menos frequentes do que as barreiras modificáveis, eles indicam que parte da resistência está associada a valores, crenças ou preocupações familiares, fatores mais difíceis de serem transformados apenas por informação.

O alto percentual de não sabe/não respondeu também é relevante. Mais de um quarto dos entrevistados que não permitiriam a doação não apresenta uma justificativa clara. Isso reforça a ideia de que, para parte da população, o tema ainda não está suficientemente elaborado. A decisão sobre doar órgãos pode ser percebida como distante, sensível ou desconfortável, o que dificulta a formação de uma posição mais definida.

Em síntese, os dados apontam para três desafios. O primeiro é ampliar a reflexão pública sobre a doação de órgãos, já que “nunca pensou no tema” aparece como o motivo mais citado para a recusa. O segundo é fortalecer a confiança no sistema de saúde, pois a desconfiança é quase tão frequente quanto a falta de reflexão. O terceiro é estimular conversas familiares. Afinal, mesmo entre aqueles que autorizam a doação, mais da metade ainda não falou sobre isso com a família. A doação de órgãos depende, portanto, de uma cadeia de condições que envolve disposição individual, confiança institucional e comunicação familiar.



06

**Mudanças
climáticas:
a percepção dos
brasileiros e como
ela se associa
ao comportamento
pró-social**

Esta é uma seção nova da pesquisa Retrato da Solidariedade e foi criada para acompanhar, a partir de 2025, a percepção dos brasileiros sobre mudanças climáticas e sua possível relação com comportamentos pró-sociais. A questão do clima é um problema coletivo, de longo prazo e com efeitos distribuídos de maneira desigual entre grupos sociais, territórios e gerações, com impactos cada vez mais concretos na experiência cotidiana da população, que podem ser observados em diferentes regiões do país.³⁰

Diante disso, esta seção procura responder a três perguntas: os brasileiros acreditam que o clima do mundo está mudando? Como avaliam seu próprio conhecimento sobre as mudanças climáticas, suas causas e seus possíveis impactos? Essa percepção se traduz em comportamento pró-social, especialmente em doações para OSCs ambientais?

Mudanças climáticas: percepções

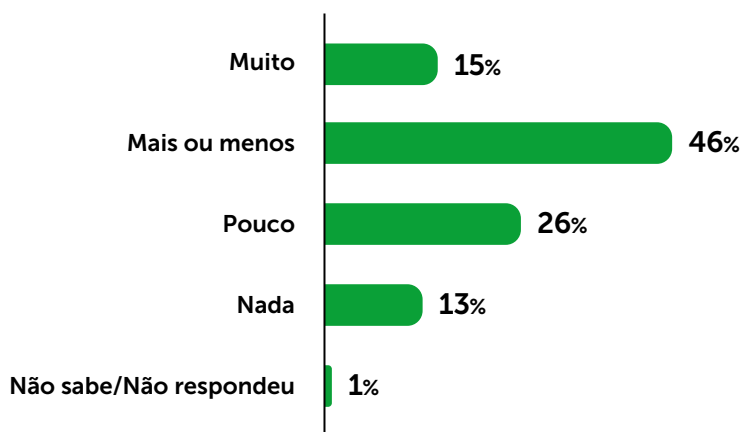
GRÁFICO 44 | CRENÇA

Você acredita que o clima do mundo está mudando?



GRÁFICO 45 | CONHECIMENTO

Quanto você sabe sobre a mudança do clima?



³⁰ De acordo com o Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais (Cemaden), o Brasil registrou 7.539 desastres climáticos entre 2020 e 2023, um aumento de 222,8% em relação às 2.335 ocorrências da década de 1990. Entre os dois períodos, a proporção de municípios afetados passou de 27% para 83%.

GRÁFICO 46 | CAUSAS

Considere que a mudança do clima está acontecendo.
Você acredita que é causada por...

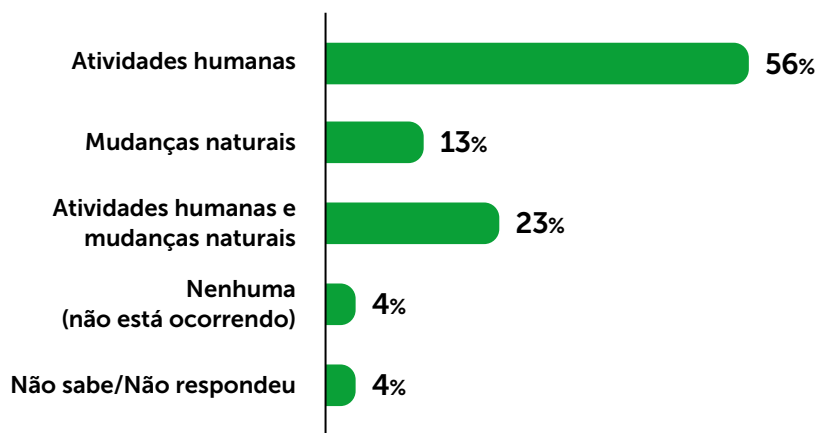
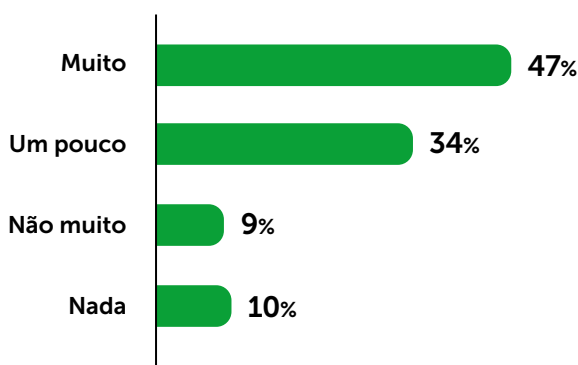


GRÁFICO 47 | PREOCUPAÇÃO

Quão preocupado você está com a mudança do clima?



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2.504 (2025)

A primeira pergunta busca avaliar se os entrevistados acreditam que o clima do mundo está mudando. Como mostra o **Gráfico 44**, 92% dos brasileiros acreditam que o clima global está mudando. Apenas 8% dizem não acreditar, e o percentual de não sabe/não respondeu é residual. Esse resultado indica que a existência das mudanças climáticas é amplamente reconhecida pela população brasileira.

Esse reconhecimento, no entanto, convive com níveis diferentes de conhecimento declarado sobre o tema. O **Gráfico 45**, por exemplo, mostra que apenas 15% dos entrevistados afirmam saber muito sobre mudanças climáticas. A maior parte, 46%, declara saber "mais ou menos" sobre o assunto. Outros 26% dizem saber pouco, e 13% afirmam não saber nada. Em outras palavras, embora a

crença no fenômeno seja majoritária, o conhecimento percebido pela população é intermediário. Muitos reconhecem que as mudanças climáticas existem, mas nem sempre se sentem bem-informados sobre o assunto.

Esse ponto é importante porque ajuda a qualificar a ideia de que a resistência à agenda climática seria explicada apenas pela negação do fenômeno. Os dados sugerem um quadro mais complexo e indicam que a negação explícita é minoritária, mas a familiaridade com o assunto ainda é limitada a uma parcela relevante da população.

A pesquisa também perguntou, entre diferentes alternativas, qual seria a causa das mudanças climáticas.

O **Gráfico 46** mostra que 56% dos entrevistados atribuem as mudanças climáticas às atividades humanas. Outros 23% afirmam que elas decorrem tanto de atividades humanas quanto de mudanças naturais no meio ambiente. Somadas, essas duas respostas indicam que 79% da população reconhece algum papel da ação humana no processo.

Ainda assim, há grupos que interpretam o fenômeno de outra forma. Para 13%, as mudanças climáticas são causadas apenas por mudanças naturais. Outros 4% afirmam que nenhuma das causas se aplica porque acreditam que as mudanças climáticas não estão ocorrendo, e 4% não sabem ou não responderam. Os resultados revelam, portanto, um forte reconhecimento da responsabilidade humana, mas com uma parcela minoritária que atribui o fenômeno exclusivamente à natureza ou não reconhece sua ocorrência.

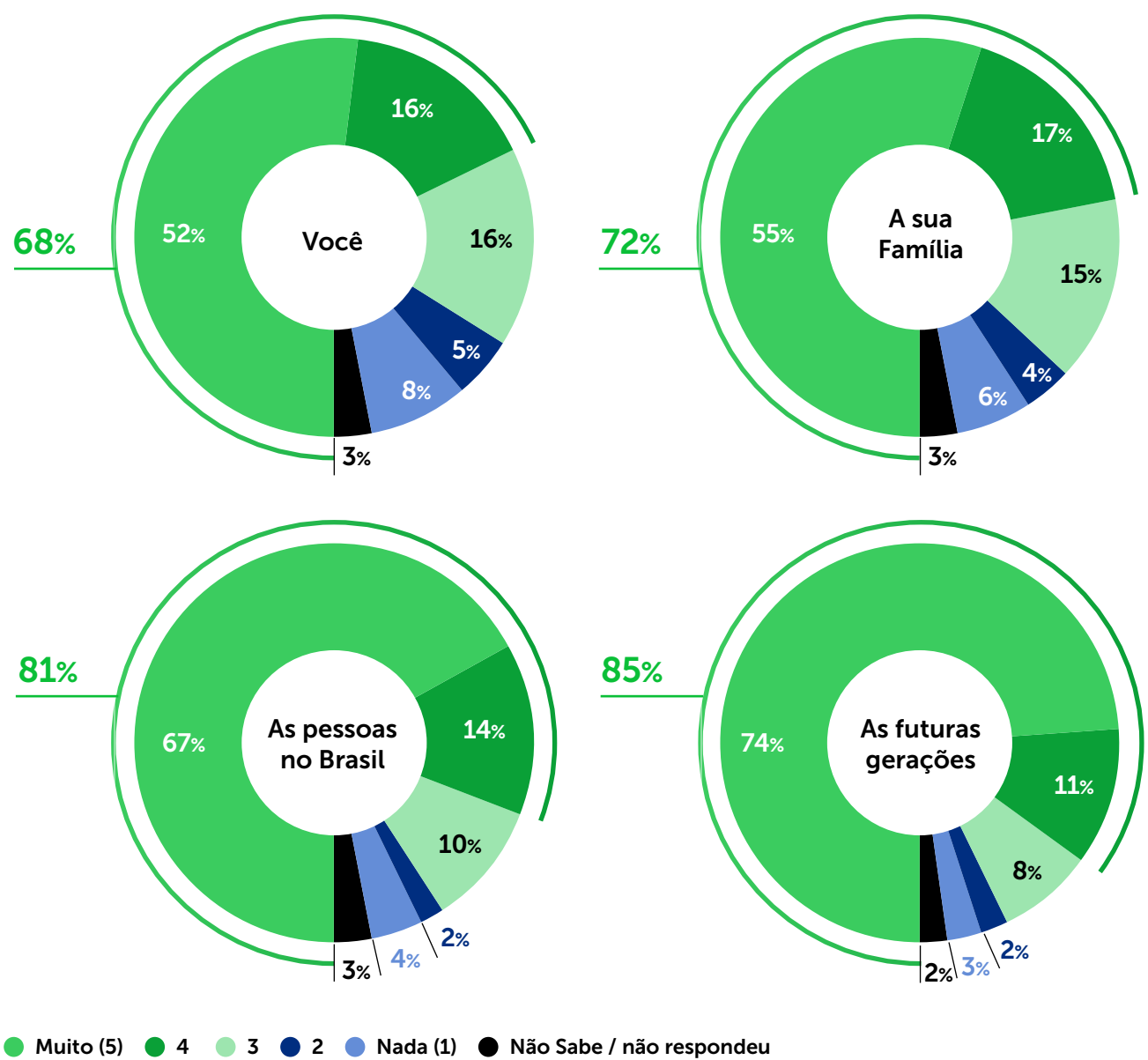
Depois de investigar crença, conhecimento e causa, a pesquisa perguntou o quanto os brasileiros estão preocupados com as mudanças climáticas. Nesse sentido, o **Gráfico 47** indica que a maioria da população expressa algum grau de preocupação com o assunto. Quase metade dos entrevistados, 47%, declara estar muito preocupada com as mudanças climáticas. Outros 34% dizem estar um pouco preocupados. Ou seja, cerca de oito em cada dez brasileiros manifestam preocupação com o tema.

Por outro lado, o dado também revela uma gradação importante, já que a preocupação existe, mas nem sempre é intensa. Uma parcela expressiva se posiciona na categoria intermediária, como “um pouco preocupado”. Isso sugere que o desafio não está apenas em fazer com que as pessoas reconheçam o problema, mas também em compreender como essa preocupação se organiza, com que prioridade aparece diante de outros problemas cotidianos e em que medida se converte em disposição para agir.

Os impactos são percebidos como maiores para outros grupos e para as futuras gerações

A pesquisa também investigou a percepção de prejuízo associado às mudanças climáticas. Os entrevistados responderam, em uma escala de 1 a 5, quanto acham que as mudanças climáticas irão prejudicar, nos próximos anos, quatro grupos: eles próprios, suas famílias, as pessoas no Brasil e as futuras gerações.

GRÁFICO 48
Quanto a mudança do clima vai prejudicar, nos próximos anos?



NÚMERO DE RESPOSTAS: 2.504 (2025)



O **Gráfico 48** mostra um padrão claro: quanto mais distante o grupo considerado, maior a percepção de que será muito prejudicado. Quando a pergunta se refere ao próprio entrevistado, 52% dizem que as mudanças climáticas irão prejudicá-lo muito. Quando se considera a família, esse percentual sobe para 55%. Para as pessoas no Brasil, chega a 67%. Para as futuras gerações, alcança 74%.

Se forem somadas as respostas 4 e 5 da escala, ou seja, os que percebem prejuízo elevado, o padrão se mantém. A proporção é de 68% quando o impacto se refere ao próprio entrevistado; 72% quando se refere à família; 81% quando se refere às pessoas no Brasil; e 85% quando se refere às futuras gerações.

Esse resultado é consistente com o fenômeno conhecido como “distância psicológica”³¹, tendência de perceber os impactos de problemas coletivos, como as mudanças climáticas, como mais intensos quando projetados sobre grupos mais amplos ou gerações futuras do que sobre si mesmo.

No caso brasileiro, a diferença não significa ausência de percepção de risco pessoal, afinal, mais da metade acredita que será muito prejudicada, mas mostra que o problema é percebido com intensidade ainda maior quando projetado para a sociedade e para o futuro.

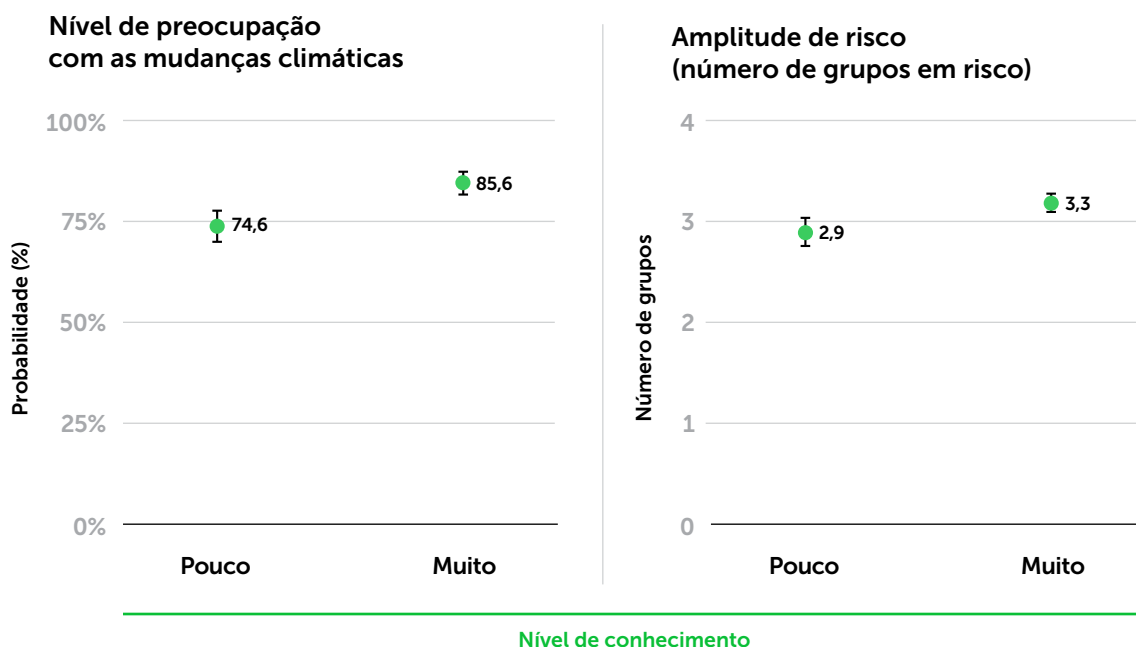
O conhecimento declarado se associa à preocupação e à percepção de impacto

Os gráficos descritivos mostram que a maioria dos brasileiros acredita nas mudanças climáticas, reconhece algum papel da ação humana e declara preocupação com o tema. Esta seção destaca os dois resultados mais relevantes para a interpretação dos achados: a associação entre conhecimento declarado e preocupação e a associação entre conhecimento declarado e percepção de impacto.

³¹ Sobre o conceito, ver artigo de Van der Linden. As referências completas estão ao final deste relatório.

GRÁFICO 49

Probabilidade do nível de preocupação e amplitude de risco, por nível de conhecimento³²



O **Gráfico 49** mostra que o conhecimento declarado sobre o tema está associado à intensidade da preocupação. Entre pessoas que afirmam não saber muito sobre mudanças climáticas, a probabilidade de se declarar preocupada fica próxima de 75%. Entre aquelas que dizem saber muito, sobe para cerca de 86%. A diferença, de aproximadamente 11 pontos percentuais, sugere que maior familiaridade declarada com o tema está associada a maior preocupação.

O segundo resultado diz respeito à percepção de impacto. A partir das quatro perguntas sobre prejuízo para si, para a família, para as pessoas no Brasil e para as futuras gerações, foi construída uma medida que indica quantos desses grupos o entrevistado acredita que serão muito prejudicados. Entre os que dizem não saber muito sobre mudanças climáticas, o número médio fica próximo de 2,9 grupos. Entre os que afirmam saber muito, sobe para cerca de 3,3 grupos. O resultado sugere que maior conhecimento declarado está associado a uma percepção mais ampla dos impactos potenciais das mudanças climáticas.

³² Os valores do Gráfico 49 foram estimados por meio de modelo de regressão, controlando demais fatores, assim como descrito na seção 1.

Esses resultados, no entanto, não devem ser interpretados como relações causais. Não é possível afirmar, apenas com esses dados, que saber mais sobre mudanças climáticas produz maior preocupação ou maior percepção de risco. Também é possível que pessoas mais preocupadas busquem mais informação e, por isso, declarem conhecer melhor o tema. Ainda assim, os modelos mostram que conhecimento declarado, preocupação e percepção de impacto caminham juntos.

A causa ambiental ainda mobiliza poucos recursos

Os resultados anteriores indicam que as mudanças climáticas estão longe de ser um tema desconhecido ou irrelevante para a população. A maior parte dos brasileiros acredita que o clima do mundo está mudando, atribui ao menos parte desse processo à ação humana, declara algum grau de preocupação e percebe riscos importantes para si, para sua família, para o país e, sobretudo, para as futuras gerações.

A pergunta seguinte é se essa percepção se traduz em comportamento pró-social. A resposta, ao menos quando se observa o apoio financeiro a OSCs ambientais, é limitada. Como apresentado na seção sobre doações financeiras, apenas 2% dos brasileiros declararam ter doado dinheiro para organizações que atuam com proteção do meio ambiente em 2025, percentual semelhante ao observado em 2024 (ver Gráfico 10). No voluntariado, o percentual da população que atuou em proteção ambiental ficou próximo de 1%.

Preocupação existe, mas não se converte em ação

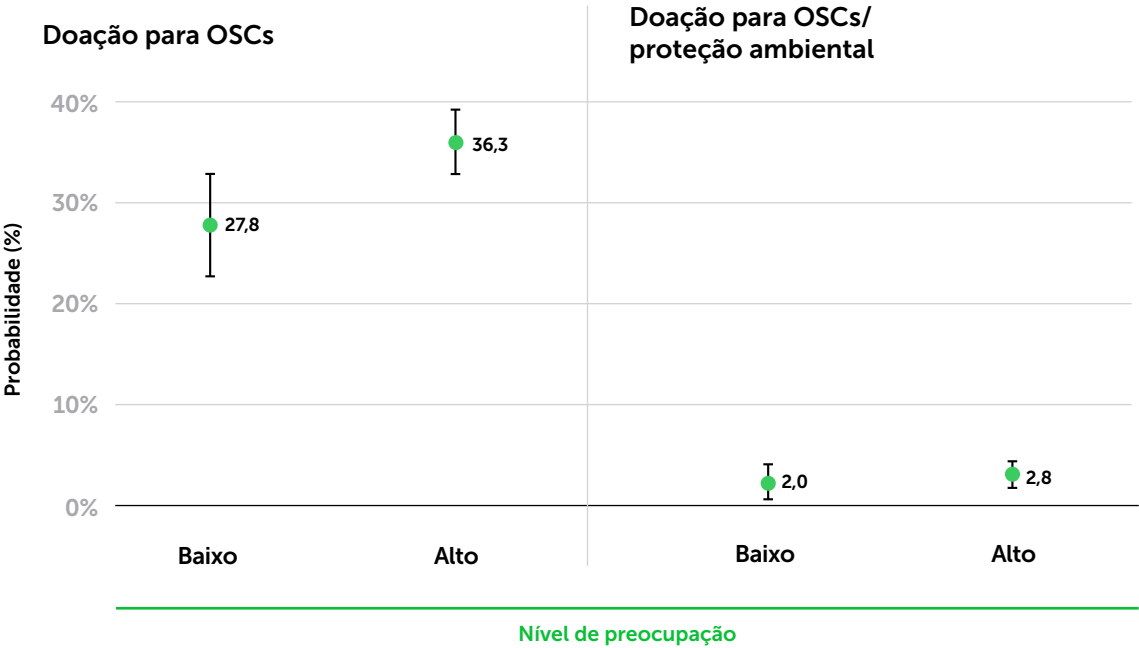
Embora a maioria reconheça a importância das mudanças climáticas, poucos destinam recursos ou tempo a organizações que atuam diretamente na causa. O resultado sugere que a preocupação com o tema ainda não se traduz, de forma significativa, em apoio às OSCs ambientais.

Esse descompasso pode ter diferentes origens, entre elas:

- a percepção de que a ação individual tem pouco impacto;
- a prioridade dada a problemas mais imediatos;
- a falta de pedidos de doação;
- a baixa visibilidade das OSCs ambientais;
- os custos financeiros;
- a ausência de canais claros para transformar preocupação em contribuição.

Para avaliar esse ponto, foram destacados dois modelos, presentes no **Gráfico 50**, onde se observa a associação entre preocupação climática e doação para OSCs em geral, bem como a associação entre preocupação climática e doação especificamente para OSCs ambientais.

GRÁFICO 50
Probabilidade de doar para OSCs, por nível de preocupação³³



Os resultados indicam que a preocupação climática se associa à maior probabilidade de doação para OSCs em geral. Entre pessoas que não declaram alta preocupação com o tema, a probabilidade média predita de doar para OSCs fica abaixo de 30%. Entre aquelas que declaram alta preocupação, sobe para algo próximo de 37%. A diferença sugere que a preocupação com mudanças climáticas pode fazer parte de um repertório mais amplo de sensibilidade a problemas públicos e disposição para contribuir com organizações da sociedade civil.

Quando o foco se restringe às doações para OSCs ambientais, a associação também aparece, mas em patamares absolutos muito baixos. Pessoas mais preocupadas com mudanças climáticas apresentam probabilidade maior de doar para organizações

³³ Os valores do Gráfico 50 foram estimados por meio de modelo de regressão, controlando demais fatores, assim como descrito na seção 1.

ambientais do que as demais, mas a estimativa permanece abaixo de 5%. Em outras palavras, a preocupação climática aumenta a propensão relativa à doação ambiental, mas pode não ser suficiente para formar uma base ampla de doadores.

Os resultados não indicam que informação e conscientização sejam irrelevantes. Ao contrário, eles sugerem que maior conhecimento declarado está associado a maior preocupação e a uma percepção mais ampla de impacto. Além disso, a preocupação aparece associada a maior probabilidade de doação para OSCs, inclusive para organizações ambientais. O problema é que essa cadeia de percepção ainda se converte pouco em ação financeira ou voluntária para a causa ambiental.

O desafio não é apenas informar, mas transformar percepção em ação

A maioria dos brasileiros já reconhece que o clima do mundo está mudando, atribui ao menos parte desse processo à ação humana, declara preocupação e percebe riscos importantes para diferentes grupos. Ou seja, os resultados desta seção não indicam que o principal obstáculo para a agenda climática seja simplesmente fazer as pessoas acreditarem que o problema existe.

Isso não significa que a informação seja irrelevante. A análise estatística mostra, por exemplo, que maior conhecimento declarado está associado a maior preocupação e uma percepção mais ampla de impacto. Além disso, evidencia que a preocupação climática está associada a maior probabilidade de doação para OSCs em geral e, em menor escala, para organizações ambientais.

O ponto é que informação, sozinha, não parece suficiente. Mesmo em um contexto de alta crença e alta preocupação, o apoio financeiro à causa ambiental permanece restrito. É preciso que as pessoas percebam canais concretos de ação, confiem nas organizações, recebam pedidos, consigam associar a causa a impactos próximos e entendam como sua contribuição pode fazer diferença.

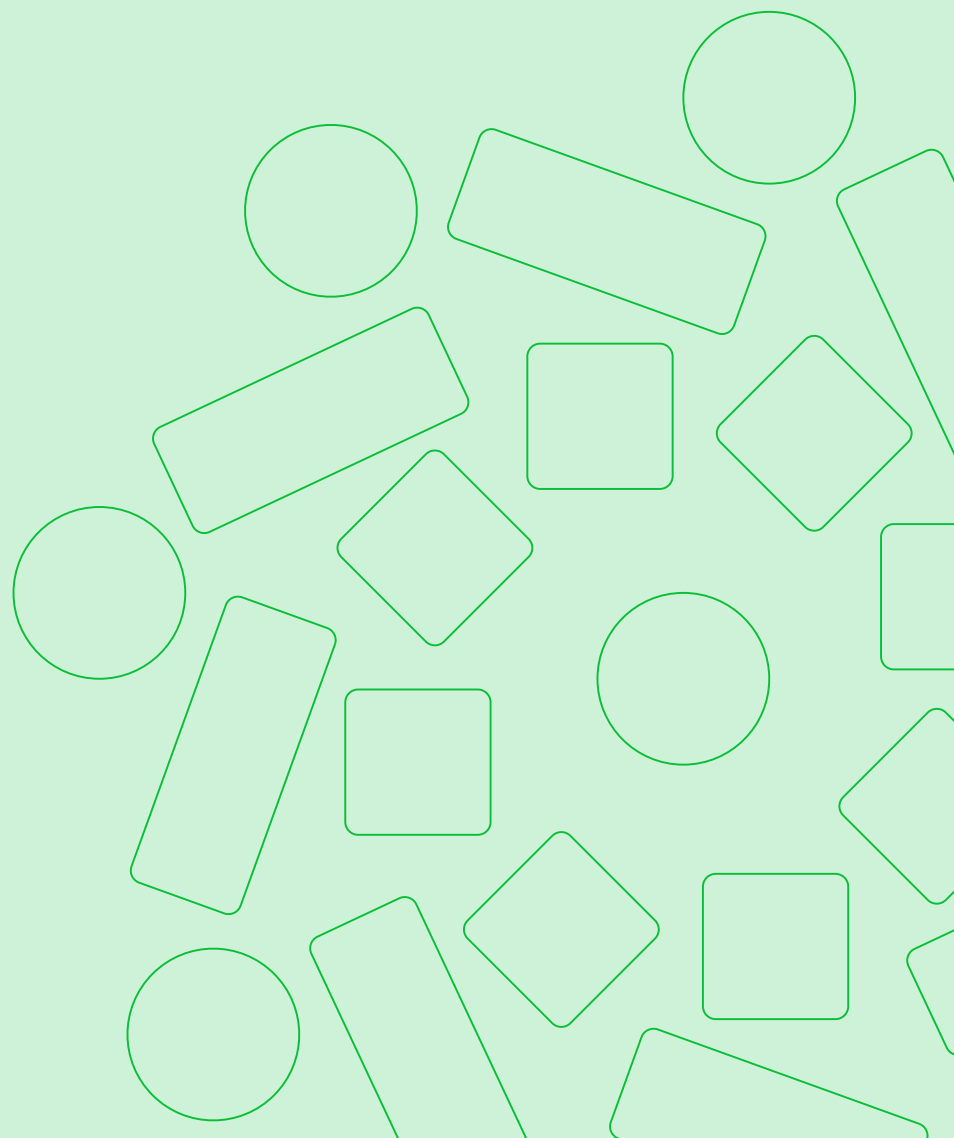
Também é necessário considerar os custos individuais e a forma como esses custos se distribuem entre grupos sociais, especialmente em um país marcado por desigualdades de renda, acesso à informação e exposição a riscos climáticos.

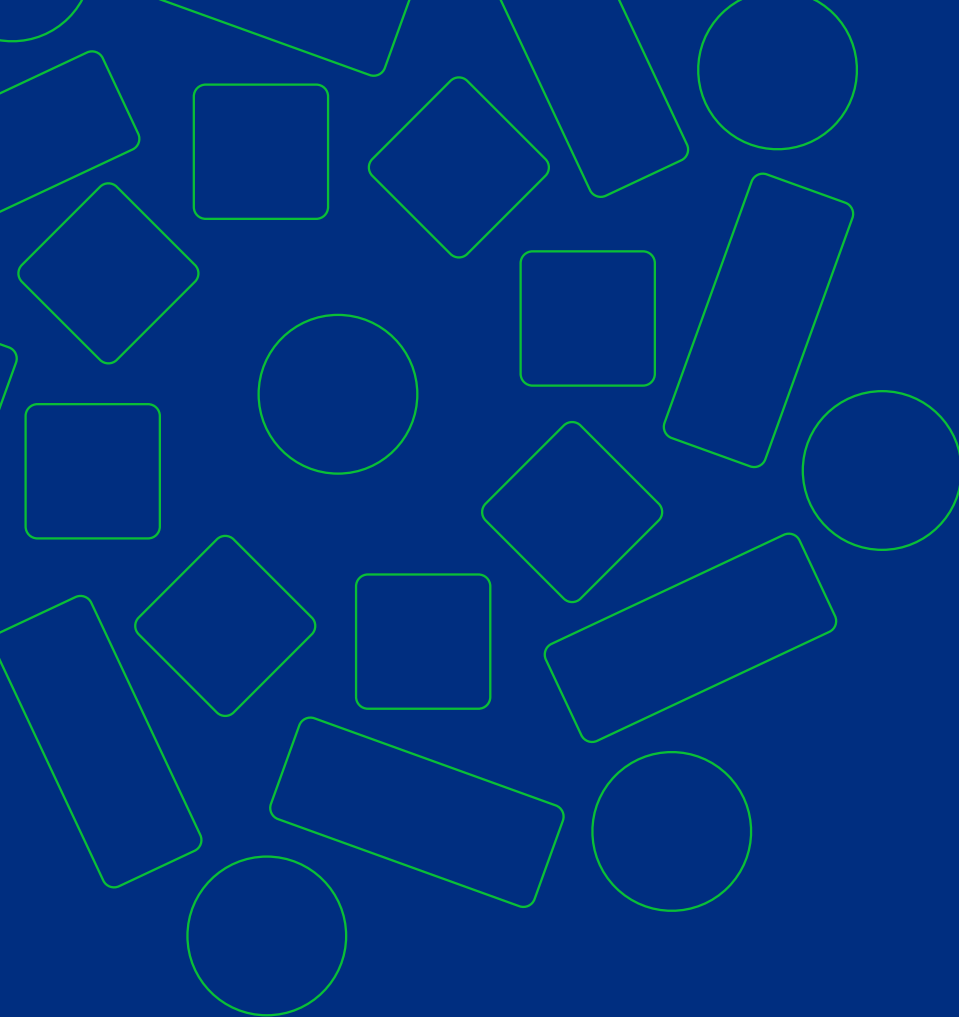
Em síntese, a *Retrato da Solidariedade* mostra que as mudanças climáticas já fazem parte do repertório de preocupações dos brasileiros. O desafio agora é compreender por que essa preocupação ainda se converte tão pouco em apoio às organizações que atuam na área ambiental e quais estratégias podem aproximar percepção, confiança e ação coletiva.

Referências

1. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). *"Painel de Produção Hemoterápica Brasileira."* URL: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/sangue/dados-de-producao/sangue>.
2. Banco Central do Brasil (BCB). *"Renda Nacional Disponível Bruta das Famílias (RNDBF)"*. URL: <https://dadosabertos.bcb.gov.br/dataset/29023-renda-nacional-disponivel-bruta-das-familias-em-valores-correntes-media-movel-trimestral>
3. Castorena, Oscar et al. *"Online Surveys in Latin America"*. PS: Political Science & Politics 56.2 (2023), pp. 273–280.
4. Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais (Cemaden). *"Estado do Clima, Extremos de Clima e Desastres no Brasil em 2025"*. 2026. URL: <https://www.gov.br/cemaden/pt-br/assuntos/monitoramento/estado-do-clima-extremos-de-clima-e-desastres-no-brasil/estado-do-clima-extremos-de-clima-e-desastres-no-brasil-02-2026/relatorioclimaextremosdesastresbrasil2025.pdf>
5. Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). *"Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) – Maio de 2026"*. URL: https://portaldocomercio.org.br/publicacoes_posts/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-maio-de-2026/
6. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *"Projeções da População"*. URL: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html>.
7. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *"As Fundações Privadas e Associações Sem Fins Lucrativos no Brasil: 2023"*. 2025. URL: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102247.pdf>
8. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). *"O Perfil das Organizações da Sociedade Civil no Brasil (2016–2025)"*. 2025. URL: https://bookdown.org/mosc_ipea/relatorio-estatistico-MOSC-2025/
9. Instituto Pensi. *"Retrato da Solidariedade 2024"*. 2025. URL: <https://osf.io/y2v8a/files/hpby9>.

10. Ministério da Saúde. "Sistema Nacional de Transplantes". URL: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/snt/lista-de-espera-e-transplantes-realizados-no-brasil-no-ano-recorrente>.
11. Neumayr, Michaela; Pennerstorfer, Astrid. "The relation between income and donations as a proportion of income revisited". *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly* 50.3 (2021), pp. 551–577.
12. Organização das Nações Unidas (ONU). "State of the World's Volunteerism Report 2026". 2025. URL: <https://www.unv.org/sites/default/files/2026%20State%20of%20the%20World%27s%20Volunteersim%20Report.pdf>
13. Pfattheicher, Stefan; Nielsen, Yngwie Asbjørn; Thielmann, Isabel. "Prosocial behavior and altruism: A review of concepts and definitions". *Current Opinion in Psychology* 44 (2022), pp. 124–129.
14. Pinheiro, Flávio; Araujo, Gustavo. "Evaluating Donor Preferences in Middle-Income Countries: A Conjoint Survey Experiment in Brazil". Working Paper, 2024.
15. Robbins, Michael et al. "Mode Effects in Non-Democratic Environments: Evidence from Experiments in MENA". 2024.
16. Serasa. "Mapa da Inadimplência e Negociação de Dívidas no Brasil". URL: <https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/blog/mapa-da-inadimplencia-e-renogociacao-de-dividas-no-brasil/>.
17. Van der Linden, Sander. "Determinants and measurement of climate change risk perception, worry, and concern". In: *The Oxford Encyclopedia of Climate Change Communication*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
18. Wiepking, Pamala. "The philanthropic poor: In search of explanations for the relative generosity of lower income households". *Voluntas* 18.4 (2007), pp. 339–358.





REALIZAÇÃO



Pensi
Instituto de
Pesquisa e Ensino

APOIO



Infinis
Instituto de Filantropia
e Advocacy

INSTITUIÇÕES DA



Fundação
**José Luiz
Setúbal**